

Revista da Semana

ANO XLIII -- N.º 50

12 de Dezembro de 1942

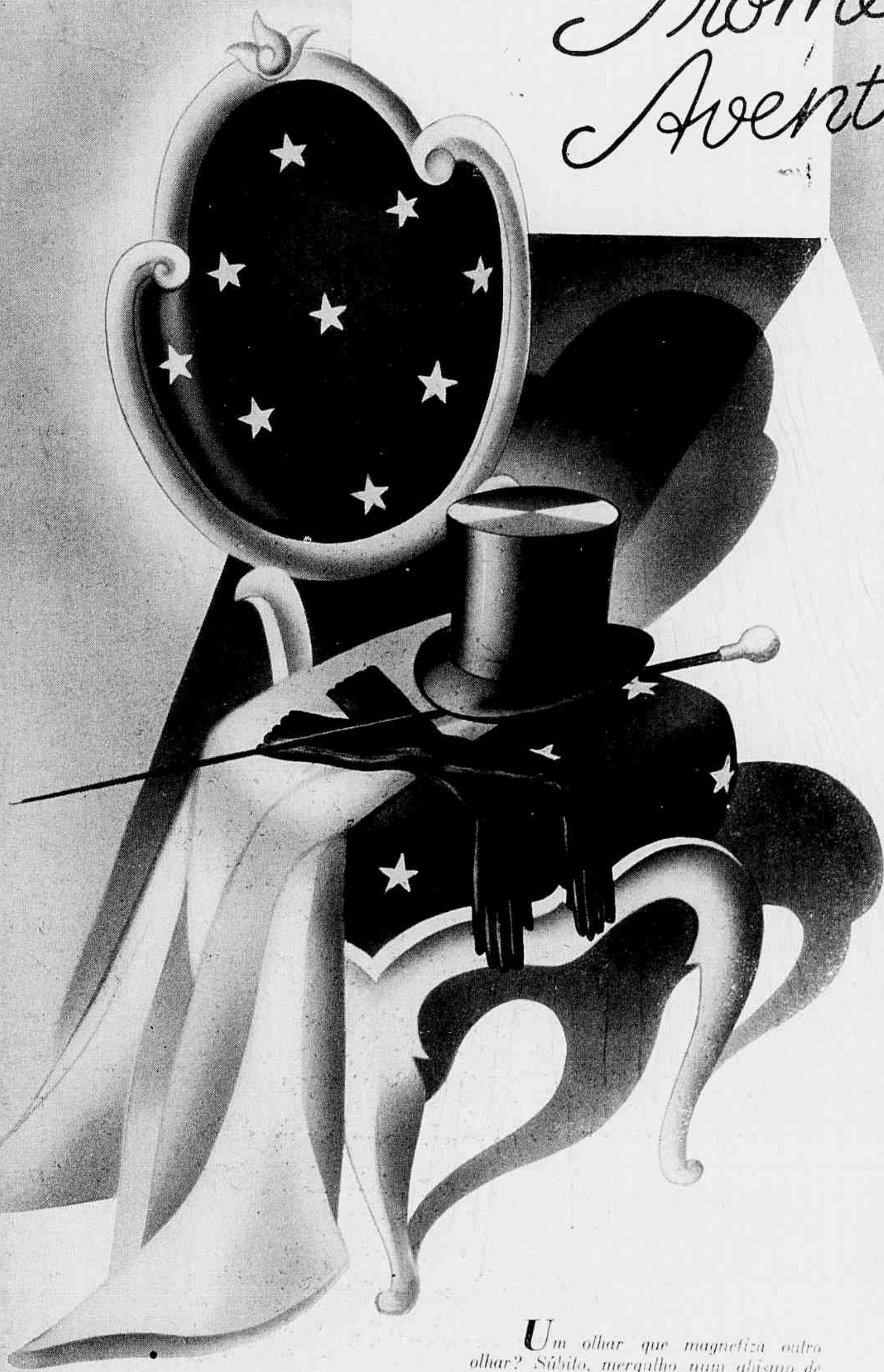
Cr\$ 1,50 em todo o Brasil



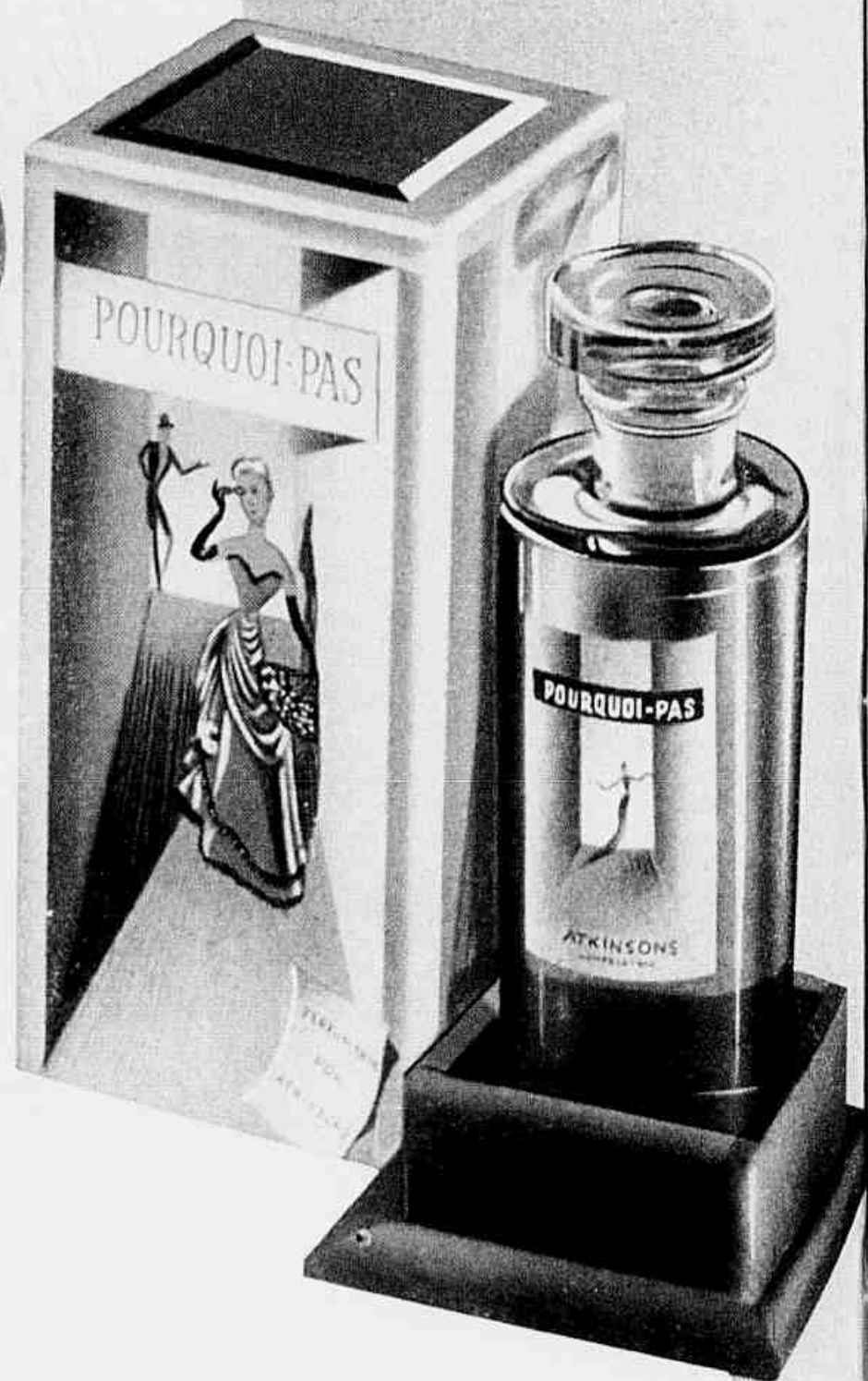
O EXERCITO MOTORIZADO DO BRASIL

(REPORTAGEM NO TEXTO)

*Promessa perigosa?
Aventura inédita?*



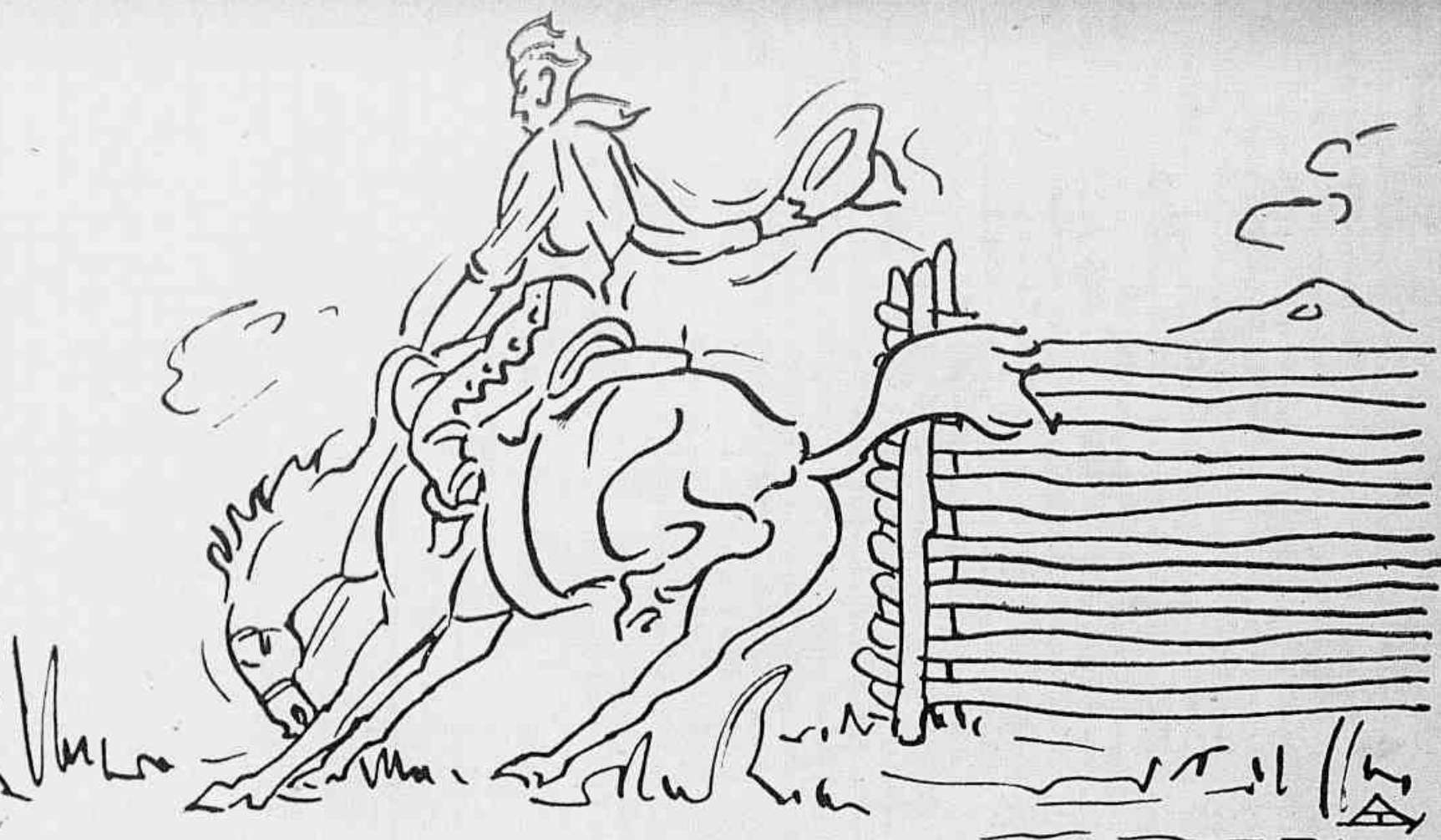
*Um olhar que magnetiza outro
olhar? Súbito, mergulho num abismo de
promessas relíquias? E há febre de so-
nhos inéditos? Pois, envolva-se na cálida,
volútuosa fragrância deste perfume... e di-
zendo seu nome, murmure - Pourquoi-pas!*



POURQUOI-PAS

por **ATKINSONS**

NÓS E BUCK JONES



O CINEMA de Hollywood tem sido o grande reduto do romantismo neste século. Mundo de ficções, edificado todo no plano das irrealidades, ele conserva milhões de criaturas num sonhar perene, e fá-las acreditar que a perfeição e a felicidade são frutos que a qualquer um cabe colher. O universo cinematográfico é o mundo das soluções perfeitas, da satisfação das ansiedades, das sábias partilhas. Tudo ali é arranjado de forma que o homem médio possa deixar a sala de exibição convencido de que não há problemas insolúveis, não existe dificuldade intransponível. Tudo, finalmente, está realizado num plano imaginário onde sentimento e vontade podem ser confundidos e submetidos a um padrão comodo.

Aquilo que nas artes — na pintura, na música, na literatura — tem existido como simples meio, no cinema ainda é fim. O que existe de específico na pintura, mesmo quando essa pintura seja simplesmente decorativa, não é o *assunto*, como o que faz que a música seja *música* não é a idéia diretiva da inspiração do artista. Descrevendo uma tempestade ou realizando musicalmente um estado d'alma, o artista transpõe-nos para um plano que está acima do sentimento que em nós possa ser despertado pela tempestade ou aquele estado d'alma. E isto nós devemos ao que existe de irredutível na arte.

Porque lhe tem faltado esse elemento específico, o cinema tem existido como simples *técnica* e muito longe está de se afirmar como arte independente. Ademais, mesmo como ilustração da obra literária — e assim, em geral o consideram — o cinema não pode pretender uma participação integral com a literatura, como não participa integralmente da música a dança decorativa. É natural que exista alguma coisa na arte literária intraduzível em termos de cinematografia. E essa alguma coisa é, quando não mais, a própria essência da obra de arte. Não é de admirar, portanto, que as obras primas da literatura sejam integralmente inadequadas á ilustração cinematográfica.

A consequência disto é que o cinema adstringe-se áquela parte da obra literária onde existe menos elemento artístico — ao assunto.

É desta fraqueza, entretanto, que vem a sua força — ele é acessível e facilmente atinge o alvo que tem em meta. Não exige uma participação efetiva e em larga escala do apreciador. Fundado mais em palavras e imagens do que em idéias abstratas ou sensações diretas, ele prescinde de uma iniciação, ou de um desenvolvimento particular de certas tendências do espírito, ao contrário da música, da pintura e da literatura.

É natural, portanto, que o cinema, dirigindo-se diretamente ao indivíduo comum, mais ainda do que o teatro traga em si as características de uma época. Ainda agora pudemos bem observar isto na repercussão da morte de Charles Jones, o famoso Buck das correrias heroicas no *far-west*. Em toda parte foi comentado o desaparecimento do *cow-boy* e lembradas as suas façanhas de implacável inimigo dos vilões, de protetor dos fracos e cavalheiro impecável — de D. Quixote simpático. É claro que comentando estes fatos o homem de hoje não cumpre apenas uma obrigação. Existe aqui também um desabafo, uma forma de saudosismo. Buck lembra-nos aqueles tempos em que havia homens naturalmente puros, em que o criminoso não temia apenas a polícia, em que o bem era pago com o bem, e o mal com o mal. Tempos em que o homem confiava antes de tudo em si mesmo, e sabia que viera à terra para realizar alguma coisa — e não para ser simples instrumento de outros — e que essa alguma coisa *devia* ser a sua felicidade. É claro que em época nenhuma os homens foram Bucks Jones — mas o importante é que *acreditaram* nele. A simplicidade elementar de suas soluções violentas e a pureza de suas reações morais existiam como padrões dos valores humanos. E entre isto e a moral da *gang*, do tiroteio contra a polícia, da luta contra o que está estabelecido — há o abismo que separa dois mundos. Não há dúvida que estamos em face de duas formas de romantismo, de duas maneiras paralelas de elevar-se ao plano da terra dos sonhos. Mas também não há duvida que em Buck Jones nós depositávamos fé em nós próprios, naquilo que existe de puro dentro de todo homem. A moral da *gang*, o culto da violência que substituiu o cavalheirismo do *cow-boy* é a plena contradição disto, é a afirmação de que chegamos a acreditar apenas nas forças que se dirigem contra nós.

POR
CELSO
FURTADO

BANCO ALEMÃO TRANSATLANTICO EM LIQUIDAÇÃO

Durante o mês de Dezembro corrente serão feitos pagamentos aos depositantes retardatários que ainda não levantaram os rateios anteriormente anunciados (60 %), bem como serão liquidados todos os saldos até Cr \$ 10.000,00 (Dez Mil Cruzeiros), independente de chamada por ordem alfabética.

OUTROS RIRAM...



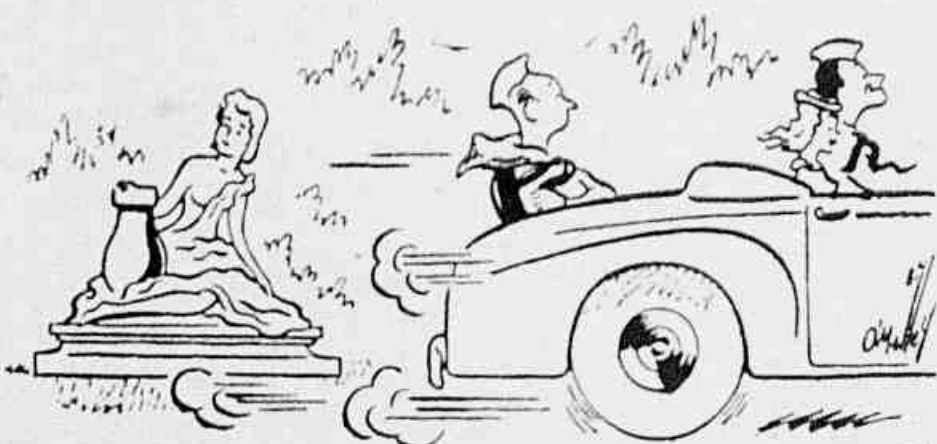
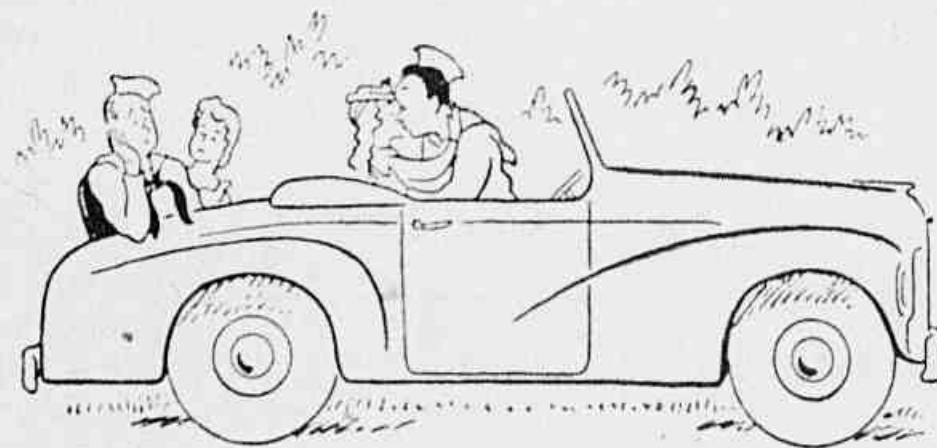
— Por que não se casa, Joana? Maridos não faltam.

— Bem sei, minha senhora, bem sei que não faltam. Mas todos os que eu conheço são já casados...



— Sonhei esta noite que me ganhava diante de você de ser a mais bela mulher do mundo.

— Sim? E que foi que eu respondi?



[Ilusão de ótica — História muda.



A Esposa — O dentista arrancou me todos os dentes.
O marido, consigo — Que pena ter deixado a língua!



— Depois de amanhã, meu bem, eu lhe escreverei uma longa carta, valeu?
— Mas, queridinha... Eu lhe deixei dinheiro para o mês inteiro...



— Não fica bem, querida, falarmos mal assim dos nossos inimigos...
— Mas é da minha melhor amiga que estou falando!



O meu ideal seria ter nascido homem.
— Para que?
— Para andar sempre comprando lindas coisas para a minha mulherzinha!

GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS

DÔRES
DE CABEÇA

TRANSPIROL

A verdadeira coragem

Conto dialogado de *Tristan Bernard*

Num café-restaurant. À esquerda um grupo alvoroçado cerca Rascard.

—(

UM CAVALHEIRO, que vem chegando — Que foi? Que aconteceu? Acabo de encontrar Bricheteau que me pareceu bastante excitado...

UM VELHOTE — Bricheteau portou-se como um verdadeiro selvagem. Por uma discussão à toa, deu uma bofetada neste senhor. E, se este senhor não fosse tão rasoavel, teriamos aqui uma verdadeira carnificina!

RASCARD — Não lhe resta a menor dúvida. Ai dêle se eu perdesse a calma! Ia tudo pelos ares!

O VELHOTE — Assim foi melhor.

RASCARD — Naturalmente! Para que serve brigar? Só para divertir a galeria. Já lá vai o tempo em que eu cometia dessas tolices. Dei muito murro, muito pontapé, graças a Deus. Agora basta. Prefiro viver em paz.

O VELHOTE — E têm toda a razão. Essa é que é verdadeira coragem.

RASCARD — Além disso, podia eu "abotoar-me" com tal indivíduo? Um fracalhão que não pôde com uma gata pelo rabo... E covarde, de mais a mais. Fez aquilo por ter a certeza de que eu, com a minha composição não reagiria. Do contrário, nunca se atreveria a semelhante coisa.

UM MOCINHO — Eu, em todo caso, ter-lhe-ia cascado uma boa tapona, para o ensinar.

RASCARD — E por que não lh'a vai cascar? A porta está aberta e ele não deve ir longe...

O MOCINHO — Não vou porque me falta motivo para isso. Não foi a mim que ele esbofetou...

RASCARD — Foi a mim. E então? Devo por isso dar um espetáculo, um escândalo? *(Passa o olhar pela assistência, mas a assistência mostra-se reservada)*. Depois, precisamos de atender às circunstâncias... Muita paciência teve ele. *(Dirigindo-se ao velhote)* com aquilo que eu lhe disse...

O VELHOTE — Com franquesa, não achei que fosse razão para tão deplorável violência.

RASCARD — Bom, o que eu lhe disse hoje, talvez. Mas isto vem de longe. Há muito tempo que eu implico com ele, o contrário em tudo, faço tudo para o irritar... Precisamos de ser justos, que diabo! Ninguém suportaria nem metade. A questão é que ele me quer bem de veras e aguentou enquanto pôde. Estou até certo de que, neste momento, lamenta o que se passou muito mais do que eu próprio. Pensa com certeza que fiquei zangado com ele... Do contrário já teria vindo pedir-me para fazermos as pazes.

O VELHOTE — E há de vir, certamente. Deve-lhe uma reparação.

RASCARD — Oh, não lha exija! Faço de conta que nada de extraordinário se passou entre nós. Mesmo porque não dou o menor valor a estas coisas. Que importancia podem elas ter para quem atravessou na vida as crises, as tragédias que eu atravessei? Assisti durante seis meses à agonia da santa avósinha que me criara e não via outra coisa neste mundo. Por fim, ficou inteiramente parálitica; e inchou-lhe a cabeça até ficar mais do dobro! Um horror, senhores, um horror! E queriam que eu ficasse pensando a vida inteira numa cena corriqueira de café, um incidente sem a menor significação? Não penso nem mais um segundo. Pronto, já o esqueci! Vou me sentar tranquilamente àquela mesa, jogando uma partida de manilha; e quando Bricheteau me vier pedir perdão, precisarei de fazer um esforço enorme de memória para me lembrar de tal ninharia.

O VELHOTE — Oh, ele vem, com certeza!

RASCARD — E está, desde já, perdoado. No mais, embora eu quisesse dar ao caso outra solução não poderia. Não se trata propriamente duma bofetada. No momento, Bricheteau fechou o punho... Ora, pelas leis do duelo, pôde a gente bater-se nestas condições?

O VELHOTE — Creio que não.

RASCARD — E como havia eu de me bater com esse homem que é meu amigo? Estimo-o de veras, acreditem; estimo-o tanto mais quanto reconheço em Bricheteau um indivíduo de pouca reflexão, pouco peso, mas de coração excelente. Coração de ouro! Sei o que ele tem feito pela família... Uma dedicação extraordinária, sublime! E havia eu de me bater com um homem destes, em risco até de o matar?

O VELHOTE — Oh, em geral os duelos de hoje não passam duma brincadeira...

RASCARD — Também há isso! E eis porque não vale a pena a gente bater-se. Se eu fosse um cabotino, um parlapatão, mandar-lhe-ia as minhas testemunhas. Iamos ao tal campo de honra e, assim que um tivesse com o florete arranhado o pulso do outro, abraçávamo-nos e iamos almoçar juntos. Ora, francamente, podem homens sérios entregar-se a tais comédias? Não, eu penso como os Ingleses nada de duelos.

O VELHOTE — Os Ingleses resolvem as suas pendências mais singelamente: a murro.

RASCARD, desdenhosamente — Bom, mas isso é selvageria.

O GARÇON, aproximando-se — Ai está o Sr. Bricheteau que vêm almoçar.

RASCARD, comovido — Ai está ele!

Rascard está sentado à esquerda, ao lado do Velhote. Os outros frequentes começaram, há pouco, uma partida de manilha. Bricheteau senta-se à direita.

BRICHETEAU — Garçon, veja o almoço.

GARÇON — O prato do dia é carneiro guizado com batatas.

BRICHETEAU — Está bem. E dois ovos para começar. *(O garçon vai se afastar)* Escute, garçon! Rascard ainda não se foi? Está esperando que a bochecha arrefeça?

GARÇON entre dentes — Talvez tenha medo dum golpe de ar... *(Afasta-se)*.

RASCARD — Garçon! Traga dois Madeiras. *(Ao Velhote!)* Aceita um Madeira, não?

O VELHOTE — Já que o senhor me faz a gentileza... Prefiro um caldo. Um caldo com um ovo e um pedacinho de carne cozida no caldo. Mas no caldo, garçon! Olhe que não faz um prato à parte!

RASCARD — Escute, garçon...

GARÇON — Pronto!

RASCARD — Que lhe disse ainda agora o senhor Bricheteau?

GARÇON — Nada. Isto é... Prefiro não o repetir...

RASCARD — Ora, adeus! Pensa então que vou ligar importância ao que ele diga ou deixe de dizer? Fale a verdade!

GARÇON — Perguntou se o senhor estava esperando que a bochecha arrefecesse, com medo dalgum golpe de ar...

RASCARD — Póde ir. *(Ao velhote)*. Fanfarronadas. Ignora as disposições em que eu estou... Ignorância, nada mais.

O VELHOTE — E se eu lhe fosse diser — discretamente, já se sabe! — as disposições em que o senhor está?

RASCARD — Talvez não fosse inútil. Em todo o caso, não me oponho absolutamente. *(O Velhote encaminha-se para Bricheteau. Rascard acende um cigarro, fingindo a maior indiferença)* Garçon, o journal *Amusant*!

O VELHOTE — Então, senhor Bricheteau, está agora mais calmo?

BRICHETEAU — Sim. Descarreguei os nervos.

O VELHOTE — Uma vez, pois, que recuperou o sangue frio, estou certo de que lamenta o que se passou.

BRICHETEAU — Qual história! Estou satisfeitos. Livrei-me dum cacete, um carrapato insuportável... Já almoçou?

O VELHOTE — Ia comer alguma coisa, naquela outra mesa.

BRICHETEAU — Ajude-me, a acabar este guizado. É muito para mim.

O VELHOTE, depois de sentado e começando a comer — Mas, então, não lamenta nada? Rascard estima-o muitíssimo, senhor Bricheteau!

BRICHETEAU — Talvez, mas caceteia-me ainda mais.

O VELHOTE — O senhor provou a sua coragem, está de melhor partido... Seria generoso da sua parte ir sentar-se à mesa dele e falar-se como se nada houvesse...

BRICHETEAU — Isso, nunca! Dei-lhe uma bofetada, que fique com ela. Ou então que me mande as suas testemunhas.

O VELHOTE — Era o que ele queria fazer. Mas eu o diassudí.

BRICHETEAU — Aqui entre nós: ele se dissuadiu a si mesmo, não?

O VELHOTE — E aqui entre nós também: Diga, senhor Bricheteau,

(Continúa na pag. 48)



DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama
Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: 35000.

SABONETE DE REUTER

Esse algo intangível que se chama formosura é o que toda mulher ambiciona. A base é uma cutis deliciosamente asselada. Use diariamente o

SABONETE DE REUTER

para conservação.

LSK

PRISÃO de VENTRE?

Pilulas **ALOICAS**

REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.

Sente dores nos RINS e NAS COSTAS?

● *Rumatismos, Dores nas juntas, pés inchados, olhos empapuçados* são alguns dos sintomas de uricemia, excesso de ácido úrico não eliminado que envenena o sangue. Para esta doença, tome Píulas de Foster que lhe devolvem a saúde.

Píulas de FOSTER

Para os Rins e a Bexiga.

Preferidas porque são:

- Diuréticas e balsâmicas.
- Desintoxica e ativam os rins.
- Fáceis de tomar.
- Indicadas para uricemias, uretrites e cistites.

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; seis meses — Cr. \$ 90,00

O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866
Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo. Na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
ESTE NUMERO CONSTA DE 56 PAGINAS



A enfermeira improvisada — Só posso me lembrar da quinta recomendação: conserve a multidão afastada.

MENTHOLATUM

Acalma

QUEIMADURAS

Contusões e Ferimentos

"DEPRESSA, MARY! TRAGA-ME MENTHOLATUM"

A NOSSA CAPA

Mais do que nunca é grande, neste momento, a responsabilidade que aos brasileiros cabe como defensores de um dos mais ricos e honrosos patrimônios já possuídos por um povo. Mais do que nunca, entretanto, os brasileiros estão hoje aptos para levar a bom termo essa defesa.

Em todos os pontos estratégicos deste imenso país, estão a postos unidades equipadas com os mais modernos ap-



trechos e as mais poderosas armas. Unidades de baterias de costa móveis, como a que se vê na magnífica foto que ilustra a capa deste número da REVISTA DA SEMANA, defendem os pontos vitais do nosso vasto litoral. São elas, entretanto, apenas uma parte do vasto material bélico que está nas mãos do exército brasileiro, e do qual damos alguns aspectos na reportagem inserta neste número sob a epigrafe: O novo Exército do Brasil.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

MENSARIO DO JORNAL DO COMERCIO I

Recebemos o exemplar referente ao tomo XVIII, volume III, de Junho de 1942, do Mensario do Jornal do Comercio.

Gratos pela gentileza.

MEDICINA

Recebemos e agradecemos o n. 5 do ano XI de Medicina revista medica que circula no Estado da Paraíba, órgão da Sociedade de Medicina.

E' a edição referente a Setembro de 1942.

Numeros atrasados desta revista na Paraíba

Pedir a EUGENIO DE OLIVEIRA
Avenida Guódes Pereira, 58
JOÃO PESSOA

Santos e Efemérides da Semana

DEZEMBRO

12 SÃO VALÉRIO. — Fundador de um convento da Picardia que tomou seu nome e em torno do qual se formou a aldeia de S. Valério — sobre o Somme. Vivia no século VI e morreu em 622, após uma vida toda consagrada aos rigores e penitências.

— SANTA ODILA. — Filha de um duque da Alsácia nasceu cega. No dia do seu batismo, um milagre lhe deu a vista. Comovida pela grandeza de Deus, Odila consagrou a vida à sua adoração. Finou-se em 720 num dos numerosos conventos que fundara.

— Falece no Rio de Janeiro José de Alencar, natural do Ceará, político, dramaturgo, grande romancista, patrono da cadeira 23 da Academia Brasileira (1877). — Realizam-se em Lisboa os funerais de D. Pedro II, último imperador do Brasil (1891).

13 SÃO JOSSE. — Filho de Juthael, rei da Bretanha, e irmão de Judicael, trocou a corte pela vida religiosa e foi para o Ponthieu, onde fundou vários conventos. Morreu em 668, aproximadamente.

— SANTA LUZIA. — Jovem de Siracusa que, tendo obtido a cura de sua mãe, distribuiu o dote pelos pobres e resolveu votar-se a Deus. Aquele a quem deveria desposar denunciou-a como cristã. Presa por ordem do tirano, foi untada de pez e resina e acesa, como tocha viva no meio do anfiteatro, no ano 303.

— Nasce no E. do Rio José Joaquim Rodrigues Torres, visconde de Itaboraí, ministro de Estado (1802). — Falece na Bahia o mineralogista Manoel Ferreira da Camara Bittencourt Sá, senador (1835). — Nasce em Cabo Frio, Pedro Luiz, poeta, ministro de Estado, patrono da cadeira 31 da Academia Brasileira (1839). — Falece no Rio Agostinho Pedra de Bittencourt (1844) e nasce no Maranhão João Pedro Bellfort Vieira, (1846), ambos ministros do Supremo Tribunal.

14 SÃO NICACIO. — Era bispo de Reims quando essa cidade foi assolada pelos vândalos. Recolheu-se a uma igreja com sua irmã Eutropia, para morrer aos pés dos altares como uma vítima de Jesus Cristo. Os soldados decapitaram-no.

BEMAVENTURADA ISABEL ACHLIN. — Nascida em Constança em 1386, recebeu dos pais uma educação cristã e entrou, quando em idade de o fazer, para a ordem terceira de São Francisco de Assis, onde terminou a vida no culto de Deus, penitência e mortificações de toda sorte, no dia 5 de Dezembro de 1420.

— Combate de Ibirpuitan-Chico (1819). — Combate de Santa Vitoria (1839).

15 SANTO EUSEBIO DE VERCEIL. — Nascido em 310 na Sardenha, foi eleito bispo de Vercell, serviu a causa de Santo Atanásio e assistiu ao concílio de Milão onde o seu talento de orador e o seu conhecimento perfeito dos livros sagrados foram muito apreciados. Morreu com a idade de sessenta e um anos, no dia 1 de Dezembro de 371.

— SANTA CRISTINA. — Ignora-se o seu verdadeiro nome. Sabe-se apenas que vivia sob o reinado do grande Constantino e que, tornada cativa pelos Iberios, introduziu neles o cristianismo e fez numerosos prosélitos.

— SÃO MESMIM. — Natural da Lorena, sobrinho de S. Euspicio, abade do celebre mosteiro de Micy. Sucedeu ao tio em 510, e a sua reputação de santidade grangeou-lhe numerosos discípulos. Morreu em 520 e foi enterrado em Micy, que tomou em seguida o nome de S. Mesmim.

— José Bonifácio é suspenso das funções de tutor do imperador D. Pedro II e das princesas (1833). — Nasce em Mato Grosso Manoel José Murtinho, ministro do Supremo Tribunal (1847). — Falece no Rio, onde nascera, Francisco de Paula Brito, livreiro, cuja loja ficou celebre como ponto de palestra da cidade (1861).

16 SANTO AEDON. — Nasceu em 799 em Sens. Eleito bispo de Grenoble, reconduziu os conventos à observância regular de que se haviam afastado. Escreveu uma *Cronica* e um *Martirologio* e morreu a 16 de Dezembro de 875.

— SANTA ADELAIDE. — Filha de Rodolfo II, rei de Borgonha, que disputava o trono da Italia a Hugo, conde de Provença, desposou Lotario, filho de Hugo (947), que foi desde então reconhecido rei. Após a morte de Lotario, Berenger II, que havia usurpado o trono da

Italia, quiz fazê-la desposar seu filho Adalberto e, para obrigá-la a isso, encerrou-a numa torre. Foi logo libertada e, em 951, deu a mão a Othon de Saxe, ao qual conferiu os seus direitos á corôa da Italia. Regente durante a menoridade de Othon III, governou com sabedoria. Morreu em 990.

— Juramento da Independencia e do Imperio na cidade de Goiás (1822). — Falece no Rio de Janeiro o almirante Rodrigo José Ferreira Lobo (1843). — Nasce Olavo Bilac, grande poeta, jornalista e conferencista, no Rio de Janeiro, e Sousa Bandeira, professor no Recife, ambos da Academia Brasileira (1865). — Falece no Rio de Janeiro Silva Ramos, natural de Pernambuco, professor, poeta, filólogo (1930).

17 SÃO LAZARO. — Nascido na Betânia. Era irmão de Santa Marta e de Santa Maria. Teve a felicidade de ser ressuscitado por Jesus-Cristo que muito o amava. Exilado com suas duas irmãs pelos judeus, foi a Marselha, de que se tornou o primeiro bispo. Uma ordem de cavaleiros encarregada de defender o tumulo de Cristo tomou o nome do Santo.

— SANTA OLIMPIADA. — Viuva de dezessete anos que se viu exposta a injustas perseguições. Manteve

relações com S. João Crisóstomo e diversos outros doutores da igreja grega (368-410).

— Morre na prisão, comprometido na revolução pernambucana, o hidrografo José Fernandes Portugal (1817). — Combate de Toneleros (1851).

18 SÃO GRACIANO. — Padroeiro de Tours, de que foi bispo. Foi mandado pelo soberano pontífice de Roma á Touraine, para aí semear a palavra de Deus. Obteve numerosas conversões nas populações barbaras dessa região e teve a gloria de estabelecer numa gruta, perto de Marmoutiers, a primeira igreja das Gálias.

— SANTA GORGONIA. — Filha de São Gregorio o Antigo e irmã de S. Gregorio Nazianzeno e de S. Cesario. Casada com um pagão, converteu o marido e foi um modelo de esposa e mãe (séc. IV).

— Falece na Bahia o capitão de mar e guerra João Francisco de Oliveira Botas, figura da guerra da Independencia (1833). — Falece no Rio de Janeiro, onde nascera, o maestro Francisco Manoel da Silva, autor do "Hino Nacional" (1865). — Falecem os ministros do Supremo Tribunal José Antonio de Magalhães Castro, em Minas (1896) e Geminiano da Franca, no Rio (1935).



CUIDADO COM A PREGUIÇA INTESTINAL

A preguiça intestinal sobrecarrega o organismo com as toxinas resultantes do acúmulo de alimentos incompletamente digeridos. Daí, malestar, tonteadas, dor de cabeça, irritabilidade, que perturbam o ritmo vital. Reduza o intestino com o uso de ENTEROBIL, produto científico que regulariza o intestino, sem irritar e sem habituar.

Enterobil

UM PRODUTO *RAUL LEITE*

Numeros atrasados desta Revista em São Paulo

Procurar á "Agencia Siciliano". Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

AS CHAVES DO REINO, romance de A. J. Cronin, tradução de Ilka Labarthe — Rio de Janeiro, 1942.

O autor da *Cidadela* tem nas *Chaves do Reino* uma obra que diríamos mais sentida, mais pensada e que por tudo nos parece mais digna de admiração. Este novo romance não provocará de certo os ataques e as discussões que tanto concorreram para o êxito quantitativo do primeiro. O seu grande valor não está na audácia nem em qualquer requisito sensacional. Reside sobretudo nas qualidades de observação e de análise psicológica que levaram à criação dum tipo de sacerdote superiormente modelar. Criação pura ou retrato em que domina a interpretação do artista... Entre as duas coisas não ha realmente grande diferença. Em muitos casos, o próprio autor não saberá dizer onde a tarefa objetiva findou e principiou o complemento e o aprimoramento da imaginação.



O Rev. Francis Chisholm acredita com toda a sua inteligência e todo o seu sentimento na propaganda da fé pela renúncia à individualidade e a entrega, tanto quanto possível esforcada e digna, à glória de Deus. Faz tudo por harmonizar a palavra e a ação, obter a correspondência perfeita entre o princípio e o exemplo. Por toda a sua vida de acordo com a doutrina que prega. Do amor que ensina está realmente cheio e transbordando o seu coração. Traz em si a própria caridade; e é sem prever a gratidão nem admitir a injustiça, que ele pratica o bem, todo o bem, o bem para as suas virtudes e para as suas forças absolutas.

LIVROS

De certo o autor das *Chaves do Reino* não desprezou os recursos de invenção nem os processos de narrativa que ainda constituem e sempre de certo hão de constituir para a maioria dos leitores o principal elemento de interesse e de sedução... Mas a figura do protagonista avulta sempre, domina o livro. É uma obra, esta, de pensamento e de poesia. E, traduzindo-a, a sra. Ilka Labarthe mais uma vez patenteou a sua clara inteligência e a sua fina sensibilidade.

RONDON, por Clovis de Gusmão — Rio de Janeiro, 1942.

A vida e a obra de Candido Rondon inspiraram já, a bem dizer, uma biblioteca. O volume *Rondonia*, do sr. Roquette Pinto, bastaria para a glorificação literária do desbravador de matagais e amansador de selvícolas, bandeirante moderno, entre todos bem intencionado e inspirado, da conquista geográfica e do ideal civilizador. E, para

**Contrato de
Garantia
por Vida**
com Diamante
Azul da Parker



A CANETA PARKER

**é um dos presentes prediletos para
Aniversários, Comemorações, Formaturas**

Em competições, entre milhares de estudantes, senhoras e homens de negócio, para a escolha da melhor caneta, comprovou-se que 184% A MAIS PREFEREM PARKER à segunda caneta colocada.

Evidentemente não existe melhor presente do que uma caneta. Mas qual a caneta que exprime o máximo para seus entes queridos? Anos atrás, esta pergunta seria de difícil resposta. Mas hoje muitos inquiridos independentes e imparciais revelaram uma preferência esmagadora em favor da Parker Vacumatic. E não há motivo para admiração! Que outra caneta pode equiparar-se à Vacumatic, com sua beleza de verdadeira jóia? Nenhuma... porque este estilo de resplandecente pérola laminada, anel a anel, é exclusivo da Parker.

Que outra caneta pode igualar a Parker em eficiência? Nenhuma... porque o enchedor de diafragma, a uma só mão, da Vacumatic, é protegido por uma patente de exclusividade.

Que outra caneta pode deslizar sobre o papel, tão suave e sensível como a Parker? Nenhuma... porque a pena de toda caneta Vacumatic é feita de ouro de 14K, de granulação extra fina, extraordinariamente vibrátil e "lubrificada"

pela sutileza do Osmirídio (tão rijo que não se torna áspera por toda a vida).

Peça a qualquer revendedor Parker para ver os novos e soberbos conjuntos de canetas Vacumatic para presente, combinadas com lapiseiras Writefine, em surpreendentes estoques de jóia. Escolha o estilo e a cor que prefere, aos mais variados preços. Experimente a admirável facilidade de escrever proporcionada pela pena extraordinariamente vibrátil da Parker. E verifique as características exclusivas da lapiseira Writefine, especialmente o grafite 39% mais fino, para escrever como um fio de cabelo.

Lembre-se de que metade do prazer de dar presentes reside na alegria de quem os recebe. Para expressar a sua verdadeira estima — e ter certeza de que sua dádiva será intimamente apreciada, escolha a genuína Parker de "Diamante Azul" — a caneta de preferência assegurada — a caneta com Contrato de Garantia Por Vida. E compre uma para seu uso pessoal.

Adquira uma
Lapiseira Parker
WRITEFINE
com o novo grafite
mais longo e
mais fino

**Pena suave
como seda**

Todas as Canetas
Parker têm penas de
ouro de 14K, com ponta
de Osmirídio.

Parker

VACUMATIC

Contrato de Garantia por Vida

O "Diamante Azul" no segurado representa nosso Contrato por Vida com o possuidor, garantindo o reparo de qualquer avaria (exceto em caso de perda, ou dano intencional), cobrando apenas seis mil réis para embalagem, porte e seguro, desde que a caneta venha completa para conserto.

À venda em todas as boas casas do ramo

Canetas Diamante Azul, 265\$ para cima; outras canetas Parker, desde 60\$

Únicos distribuidores para todo o Brasil e Posto Central de Consertos:

COSTA, PORTÉLA & CIA. — Rua 1.ª de Março, 9 - 1.ª — Rio — Caixa Postal 508

NOVOS

reduzimos a algumas linhas tão amplo e excepcional triunfo, só precisaríamos de citar as palavras de Teodoro Roosevelt, quando se refere às duas realizações ciclópicas que a América pode ostentar aos olhos do mundo: o canal do Panamá e as viagens de Rondon.

Nunca, porém, se tornaram de mais os livros que a tal respeito se escreverem com elevação de pensamento e dignidade de estilo. Fora até da exigência dos fatos e dos limites da documentação, se pode contribuir para a exaltação dessa figura singularíssima. Em verdade se lhe tornam legítimas todas as homenagens do espírito e do sentimento. Tanto lhe cabe o preito das inteligências austeras, rigorosas, entregues, acima de tudo, à ideia de Justiça, quanto o louvor da mais arrebatada imaginação. Rondon ocupa legitimamente o seu lugar nos capítulos da História como nas estrofas da Epopeia. E as próprias lendas regionais ou populares que ao redor da sua individualidade se formem constituirão um elemento de superior, magnífica expressão.



O autor do presente livro veio, com todo o direito, alistar-se entre os panegiristas de Cândido Mariano Rondon. Trouxe rico cabedal de pesquisas efetuadas não só em tratados, monografias, conferências, artigos e registros de jornais, como em fontes oficiais, nos arquivos a que tão poucos historiadores recorrem, preferindo confrontar e combinar os elementos obtidos por mais conscienciosos e pacientes investigadores. O sr. Clovis de Gusmão ocupou-se da obra de Rondon nos seus aspectos mais diversos, sem perder de vista a grandeza harmoniosa do conjunto. A sua narrativa, que aproveita episódios inéditos e talvez por outros escritores desprezados, não se perde todavia em

pormenores destituídos de valor significativo. A bem dizer, tudo nestas páginas interessa porque tudo serve, como explicação ou revelação. E tudo está exposto de maneira que cada observação ou emoção se traduza de forma ditosamente adequada. O sr. Clovis de Gusmão sabe adaptar-se, entregar-se ao objeto inspirador. Consegue deixar que o próprio assunto escreva por ele. E parece-nos que proclamar-lhe tal condição literária equivale a fazer-lhe não pequeno nem vulgar elogio.

Valorizam o volume numerosas fotografuras.

AGUAS PASSADAS, versos de Martin de Santilena — Porto Alegre, 1942.

Poemas chama o sr. Martin de Santilena às composições reunidas neste volume. E' emprestar-lhes excessiva solenidade. A índole, a factura, as dimensões mesmas de todas elas contradizem tal batismo. E a obra dispensa qualquer recurso de qualificação tendentes a favorecê-la, porque realmente por si mesma interessa e vale.

O sr. Santilena é um poeta de intimidade e de simplicidade. Conservou-se longe de certas influências da época, desvaídas de pretensão, de complicação e que, graças a Apolo, parecem já em irremediável declínio. A sua poesia faz, por vezes, lembrar as páginas sentidas e singelas de *Foi et moi*, de Paul Gêraldy, sem no entanto darem ideia de imitação ou de qualquer forma de sugestão. O rimador de *Agua's passadas* afirma sempre uma simpática, insinuante espontaneidade. Dir-se-ia que os versos lhe saem sem nenhuma exigência de retoque, de apuro, ou que o poeta os faz, cantarolando. Nota-se neles frequentemente a feição regional ou popular. Nesse tom ou com esse ar abordam todos os casos e episódios sentimentais: o enlevo, o arrebatamento, a dúvida, a melancolia, o triunfo exultante, a desilusão e o desespero. E na sua espécie de ingenuidade passam todos os amores.

E's uma página da primeira parte do livro, *Poemas de você*.

Taívez eu seja um louco.
Lembrar-me de você,
Daquela sonho
Que durou tão pouco...
Mas só eu sei,
E mais ninguém,
O desespero mudo,
A tristeza, a nostalgia,
Que trago dentro do alma
Por saber que você não vem,
E não virá jamais
Trazer-me a calma
Que sonhei um dia.
Se você soubesse
O que estou sonhando
Quando a vejo,
Esbelta, pela rua...
Você me parece, nesse sonho,
Uma saudade radiosa, caminhando,
A falar sempre comigo.
No entanto nada disso
Você vê,
Nem mesmo sabe
Que vivo louco
Pensando e falando
Só em você



J. L.

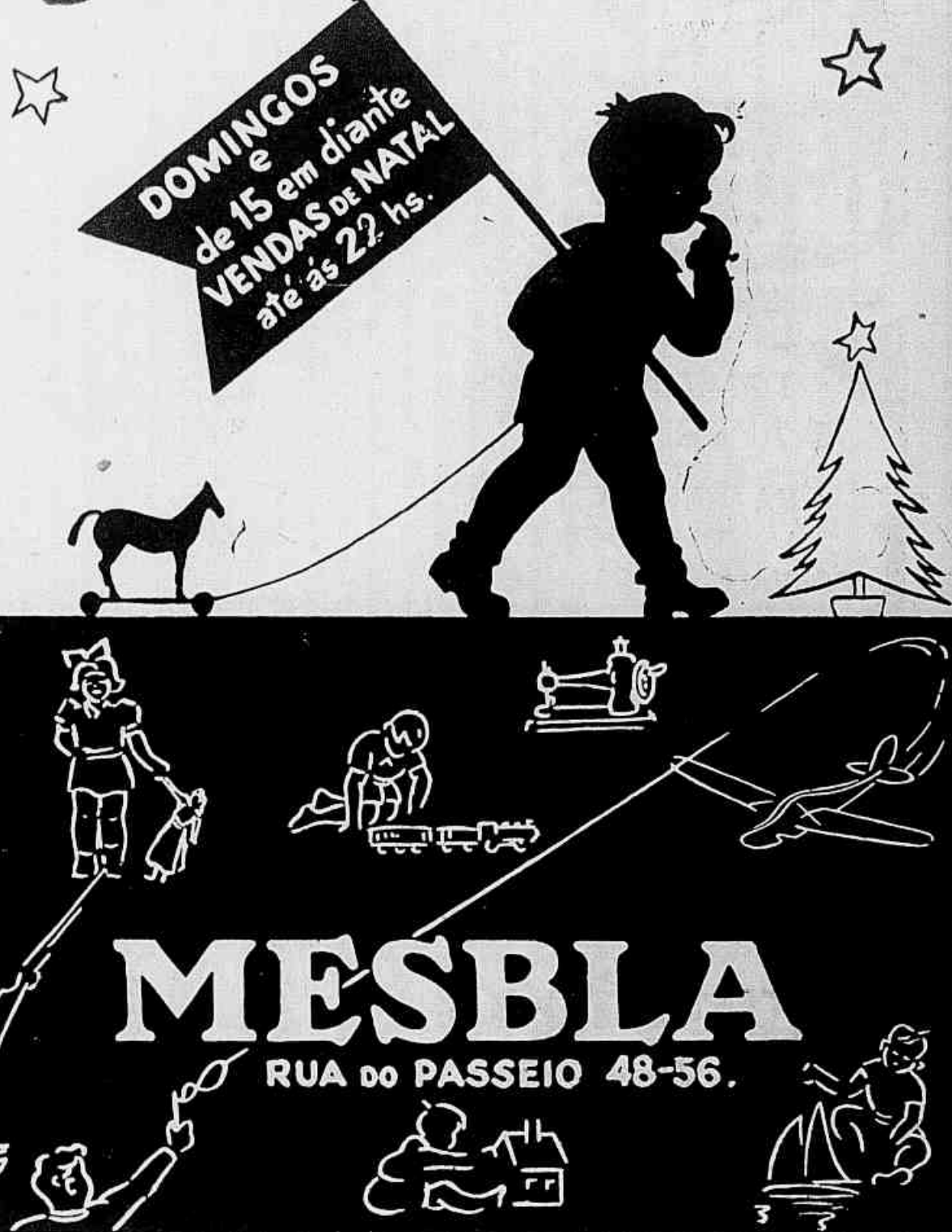
NUMEROS ATRAZADOS DESTA REVISTA
NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 47866

BRINQUEDOS



MANUAL DAS SOCIEDADES ANONIMAS, por Gudesteu Pires. — Rio — 1942.

O novo regime dado às sociedades por ações pelo Decreto-lei 2.627, de 26 de Setembro de 1940, está sendo cuidadosamente estudado pelos cultores do nosso direito comercial. Ao número dos trabalhos já publicados sobre o assunto, vem juntar-se, agora, o excelente *Manual das Sociedades Anônimas*, do sr. Gudesteu Pires.

O autor é figura de relevo nos meios jurídicos e bancários do país, com um longo tirocínio da advocacia e da cátedra de direito comercial na Universidade de Minas Gerais, estado de que foi Secretário das Finanças e que igualmente representou na Câmara Federal. Como membro da Comissão Legislativa, criada pelo Governo Provisório, emprestou sua proficiente colaboração aos trabalhos preparatórios da reforma de nossa legislação sobre sociedades anônimas. Trata-se, pois, de uma autoridade consagrada que estuda, em livro de mérito invulgar, um tema com o qual se familiarizou em longa experiência profissional.

O *Manual* em apreço não é um simples volume de comentários apressados ou anotações de jurisprudência, no gênero dos que ora se publicam com tanta frequência, porque é, sem favor, um estudo sistemático da nova legislação das sociedades anônimas, elaborado em forma esmerada e baseado em opulenta informação doutrinária. Em suma, é um dos bons livros de direito aparecidos este ano, ao qual os nossos juristas dispensarão, decerto, a bom acolhimento a que faz jus.

O. T.

PEQUENOS ESTUDOS DE PSICOLOGIA SOCIAL, de Oliveira Viana (3.ª edição aumentada) — Companhia Editora Nacional — 1942.

Foi o sr. Oliveira Viana o nosso primeiro sociólogo, na acepção precisa do termo, pesquisando e analisando, objetivamente, nossa evolução social e política.

Longe de se desvalorizarem com o tempo, seus livros adquirem um papel cada vez mais importante na orientação das novas gerações. E nada mais justo; o tempo, os acontecimentos sobrevivendo depois das suas primeiras edições, nada mais fizeram do que confirmar as teorias expostas naquelas páginas.

Pequenos Estudos de Psicologia Social acaba de ser reeditado, na Coleção Brasileira. E' um de seus trabalhos mais curiosos, talvez aquele que caracterize melhor o autor. Estudando o *meio social*, o *meio político*, o *meio e o homem*, revela-se um pesquisador metódico por excelência, o máximo de unidade no conjunto, não obstante a heterogeneidade dos aspectos observados.

Particularmente substanciais e atuais, neste volume, são as páginas que versam sobre a personalidade de Feijó, de Caxias e de Joaquim Nabuco. Também aí aparece o primoroso discurso sobre Alberto de Oliveira, oração de posse na Academia Brasileira.

Foi, por todos os motivos, uma reedição oportuna, que veio estimular mais ainda a expectativa de seus leitores e discípulos, ao redor dos próximos livros. Essas obras concluídas de há muito, cuja publicação o Mestre vem retardando, levado por um escrúpulo quase infinito de meticulosidade e de positividade.

A. M.



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

Numeros atrasados desta revista em Sergipe

Procurar a LIVRARIA REGINA

Rua João Pessoa, 137 — Aracajú



CASA MUNDIAL

MALAS

Artigos para Viagem

PASTAS • CINTOS • CARTEIRAS

RIO • R. CARIOCA, 63 • T. 22-2948

OS MELHORES ARTIGOS - PELOS MENORES PREÇOS

Numeros atrasados desta revista em Alagôas

Pedir a AGENOR S. MARQUES

Rua do Comercio, 532 — Maceió



Tratar a prisão de ventre com

PILULAS DE BRISTOL,

que asseguram uma suave e perfeita limpeza do estomago e intestinos, é o mesmo que renovar estes órgãos, e isto importa em um optimo funcionamento.

LSK

Numeros atrasados desta revista no Maranhão

Pedir a RAMOS D'ALMEIDA & CIA.

Praça João Lisboa, 114 — S. Luiz

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS

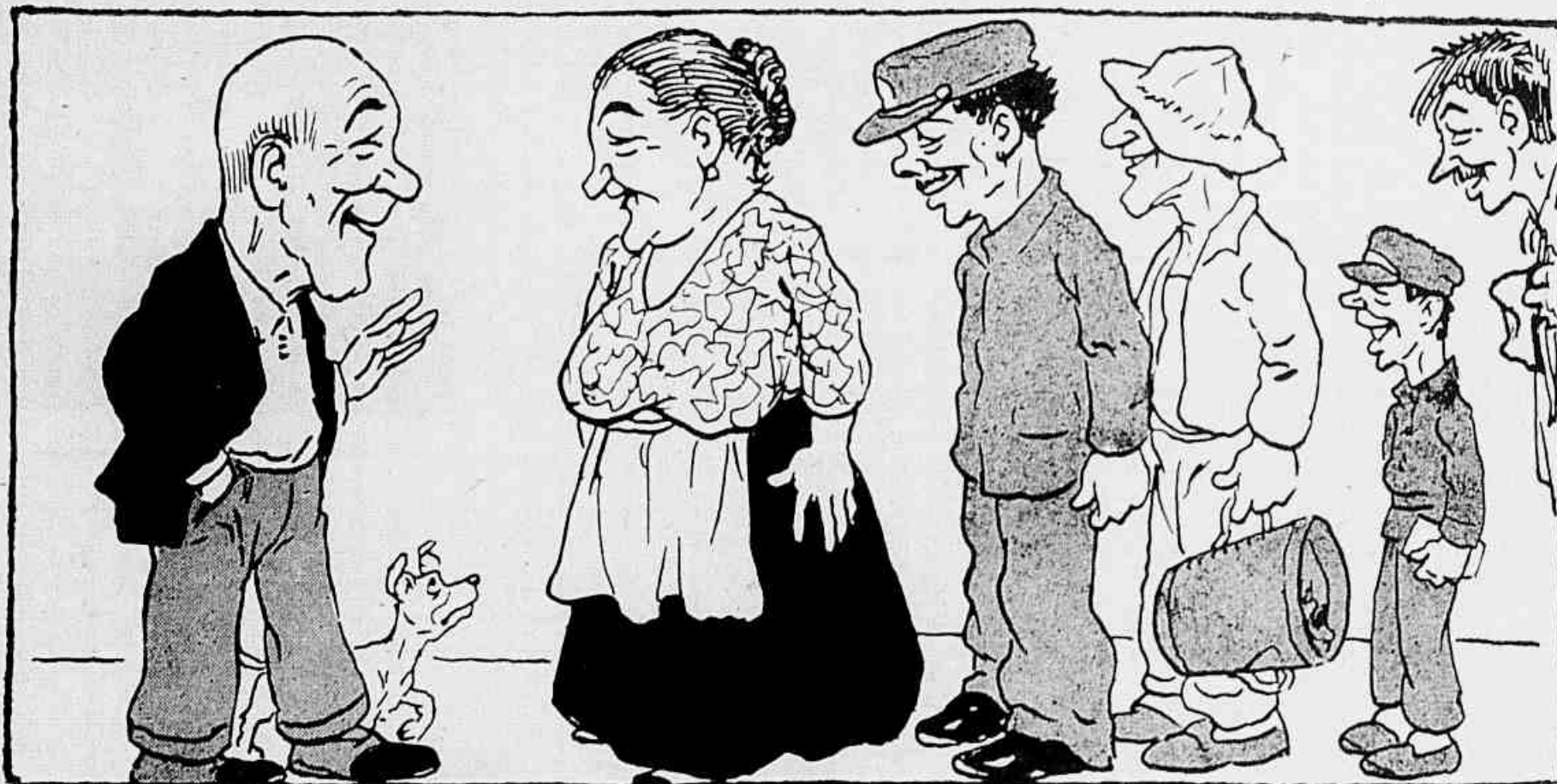


AS FESTAS DO BREDEIRODES



-Mande entrar os pedintes.

-Venham receber as festas.



-Querem festas? Vão vêr como sou liberal a valêr



-Birrr! Birrr! Currupáco-pa-páco! Birrr! Birrr!...
(Debandada geral).

A SEMANA QUE PASSOU

DERIVATIVO — O homem, espontaneamente, nos períodos normais, classifica seres e coisas, numa hierarquia de valores para uso próprio. Assim, aceita ou não aceita uns tantos gestos, come ou não come umas tantas coisas. De vez em quando, é verdade, certos inovadores dão para comer coisas até então desprezadas, mas o asco dos outros homens os estigmatiza sempre. O ato de comer ratos está nesse rol. Durante a história, em vários cercos de cidades ou em navios perdidos nos mares, quando a fome aperta, o homem apela para os ratos. É uma solução de emergência. Agora, entretanto, o negócio apareceu sob outro aspecto, na França ocupada. Um membro da Academia de Medicina está provando a *excelência* nutritiva da carne dos roedores. Quem quiser que leve isto a sério...



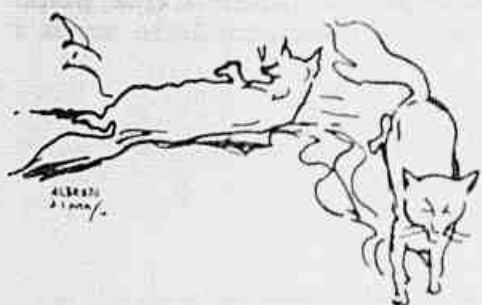
FORMANDO MARIDOS — O bacharelismo é um dos fenômenos mais sérios do Brasil. Todo aprendiz aqui assume o feitiço contraproducente de "bacharelização", cujo término fatal é o diploma e o anel, e discurso e o baile; até as diplomadas em corte e costura cumprem o cerimonial. Entretanto, nem sequer poderíamos supor que aparecesse o bacharelismo sob este prisma absolutamente novo em curso de maridos!

Frei Zacarias van Den Hoeven, vigário da paróquia de São Francisco das Chagas em Belo Horizonte, organizou um curso destinado a "formar espiritualmente os jovens para o sacramento do matrimônio".

Não cabe aqui um julgamento de valor. Talvez, dada a importância do matrimônio perante a Igreja, haja razões capazes de justificar um curso dessa natureza. Mas isso não tira o sentido pitoresco do caso.

O TEMPLO ONDE SE BATIZOU COLOMBO

Um dos espetáculos mais confrangedores que a guerra oferece aos nossos olhos é a destruição das cidades, dos monumentos históricos, das maravilhas arquitetônicas. Ultimamente, por exemplo, as cidades italianas têm sido sistematicamente bombardeadas pela R.A.F. Os italianos estão pagando, possivelmente, o que já fizeram às cidades inglesas. No recente bombardeio de Gênova, foram destruídos vários templos, dentre os quais o de San Stefano, onde se batizou Cristovão Colombo. Na marcha em que vamos, a humanidade de após-guerra terá de iniciar novamente a tradição e a história, entre ruínas de cidades e de impérios.



UM LOGRO — A Europa, embora bastante civilizada, desde que se entenda por civilização densidade demográfica e aproveitamento intensivo da natureza, conta ainda com algumas florestas e, o que é mais estranho, com animais ferozes, que atacam e que matam.

Quem não conhece os lobos? Quem não ouviu falar neles, em criança, nas histórias europeias tão escufadas pelas crian-

ças brasileiras? Lobos, neve, papai Noel. Casas pontudas, de telhados agressivos...

Não obstante essa existência mitológica, o lobo vive uma outra vida muito real. Essa realidade é bastante palpável, pelo menos nos prejuízos sofridos pelos agricultores; plantações estragadas, animais domésticos devorados, etc.

No arredor de Macau, na província portuguesa de Trás-os-Montes, os lobos vinham causando sérios dissabores. Deliberaram tomar uma providência. Organizaram uma grande caçada, mobilizando-se cerca de 4.000 pessoas. Imaginem que todo esse exército conseguiu somente matar um lobo, uma loba e oito raposas, ferindo mais uns poucos animais.

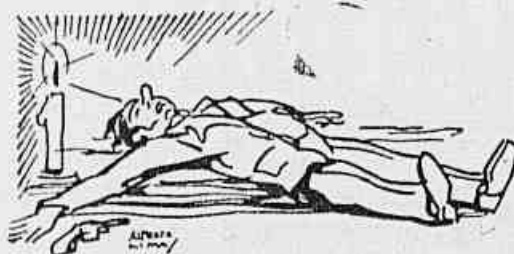
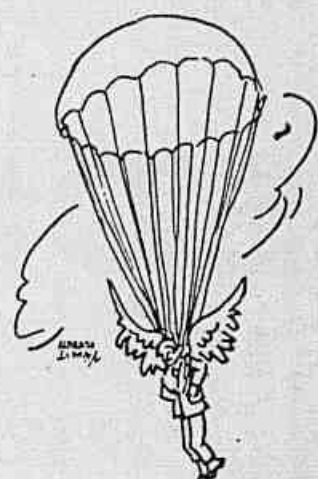
Decididamente, um fracasso dos heróis.



coração, que Greer Garson se case o mais cedo possível.

GUERRA E CASAMENTO... nunca foram coisas que andassem juntas, muito embora afirmem por aí (os casados, é claro) que há uma estreita afinidade entre ambos. Mas nem todo mundo pensa assim e acha que quando há guerra o casamento fica em segundo plano. É o que se dá com a atriz Greer Garson, que em breve veremos no seu novo filme *Rosa de Esperança*. A querida intérprete de *Flores de pó* declarou que só se casaria quando terminasse a guerra. Imaginem se ela tivesse tomado essa atitude no começo da... Guerra dos Cem Anos! Felizmente, as de hoje não são tão prolixas. Quanto a nós que não vamos casar, agora nem depois, — só nos compete desejar, de alma e

"ANJOS" — A ideia do anjo é secularmente ligada à de feminilidade. Inconcebível mesmo que se pudesse pensar na figura de um anjo masculino. Sempre aqueles vultos claros, leves, sutis... Mas os tempos estão mudados. Uma das características da época é, propriamente o paradoxo. Vamos agora conhecer homens-anjos. Homens-anjos por dois motivos: primeiro por que vêm do céu; segundo porque têm a missão de minorar o sofrimento humano. São os médicos paraquedistas que o exército britânico está treinando para o seu serviço.



mostrando no veneno de uma palavra cheia de intenção, ora surgindo numa explosão colérica, hoje ferindo com delicadeza, amanhã rugindo numa eclosão de desafios, de brigas, e crimes. Jamais desapareceu, porém. O suicídio de um criminoso, ocorrido em Manaus, segundo disseram os jornais, bem vale como um índice de vitalidade do instinto combativo.

Wilson Tavares, que matou barbaramente o médico Vicente Zambano, naquela capital, foi encontrado morto. No local, antes de suicidar-se, escreveu o seguinte epitáfio: "Sempre fui homem; matei e matei-me".

"Sempre fui homem", e a prova é que matei dois... Bem atual êsse conceito do infeliz suicida.

FLAVIO

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Funciona até às 17.30 horas

**DEPOSITOS
DESCONTOS
CAUÇÕES**

ALFANDEGA, 50

ANUNCIE

... E PROGREDIRÁ!

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROPAGANDA

Rosa de Esperança

Por *Mario de Lemos*

Quando a luz abriu, prolongando-se por toda a sala do "Metro" aquela refulgência de céu tranquilo, a brilhar por entre os escombros do teto da igreja de Belham — eu tinha a ideia de ter acabado de ver o mais belo tributo que o mundo (por intermédio da potencia cinematográfica americana) poderia prestar ao povo inglês, não ao inglês do passado, com os seus pecados de egoísmo — porém ao inglês que aguentou sozinho a "blitzkrieg" de Setembro de 1940 e sublinhou, na História, a epopéia da retirada de Dunquerque.

O filme, abordando tema tão fácil de cair no melodrama é, ao contrário um milagre de sobriedade, uma narrativa de tal ordem simples que nem história, a bem dizer, terá mesmo, além daquele fio de enredo do namoro de Vin e Carol e a prisão do aviador alemão por Mrs. Miniver.

Nada de ousado igualmente na tomada da fotografia — o que não impede que essa algumas vezes seja duma grande beleza, como nas cenas de beira-rio, ou aquela hora em que Mrs. Miniver salta da cama e chega à janela, dentro do luar, para ver o avião do filho voltando da França.

O que anima a película é a sua linguagem simbólica, do principio ao fim. Não é a história duma família que estamos vendo, mas a Inglaterra, no que tem de maior expressão racial, com o choque de ideias e sentimentos, e a reação das suas varias classes, deante da guerra.

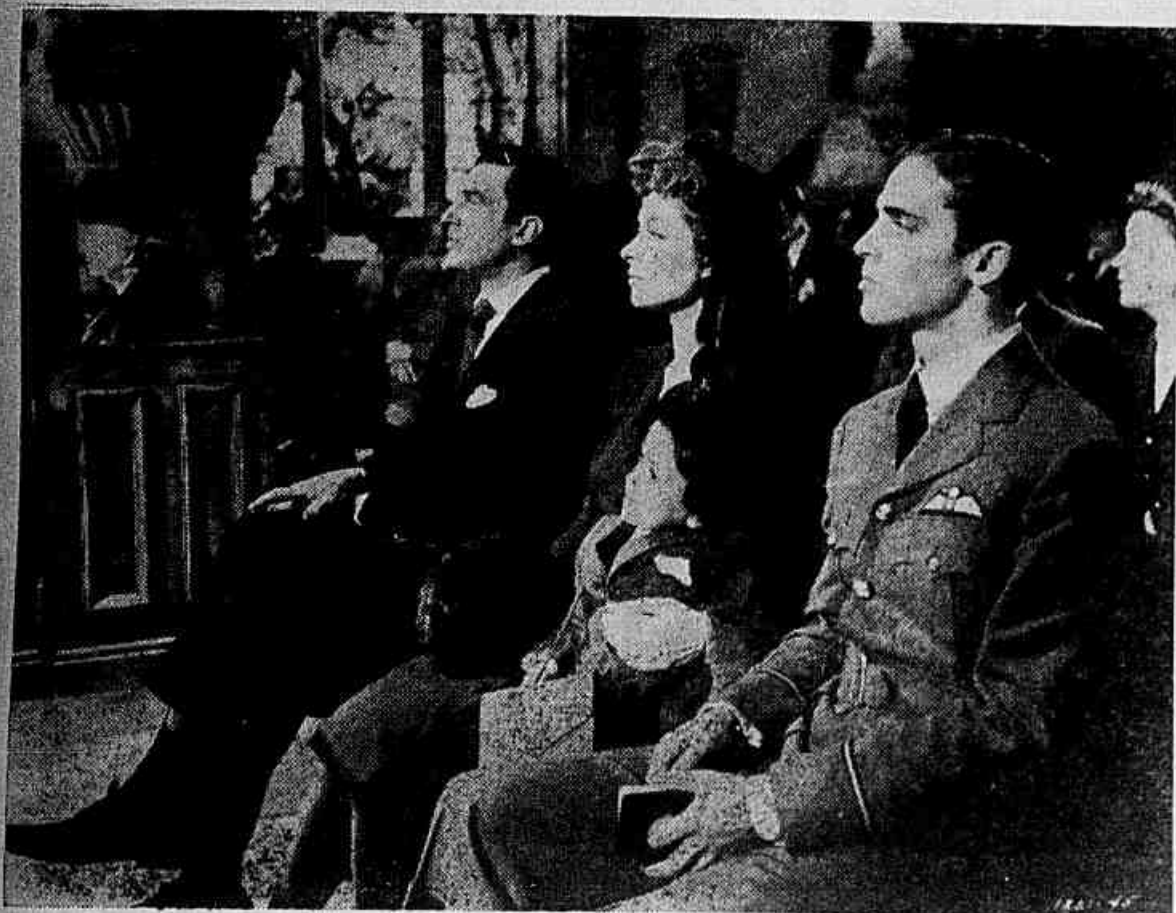
Nesse particular, o filme é também uma maravilha de tecnica, porque nem uma vez deixamos de sentir o drama humano, universal, mascarando o drama de um povo. Mas, o "clima" da hora inglesa transparece claramente de todos os episodios centrais, como de todo o conjunto.

Vin, o adolescente mal saído de Oxford para combater na RAF, sofre de todos os problemas da geração atual do mundo que sonha com o nivelamento padronizado das criaturas.

Ninguém pode esquecer que a Inglaterra era o ultimo país feudal da Europa. O inglês, dum modo geral, acreditava que fosse o respeito à tradição mais restrita a solda melhor para a manutenção do imperio. O exacerbado respeito à hierarquia social, que não deixaria de chocar a nenhum estrangeiro, vive esplendidamente naquela simples entrada do "butler" do solar onde os Beldons olhavam do alto de 800 anos o microcosmo dos vizinhos da aldeia — para anunciar a "lady", numa profunda reverencia, que as sirenes de alarma estavam soando. E a resposta da velha aristocrata, cujos antepassados combateram pelas cruzadas, é também definitiva: — "Que tolice! Para que me incomodar? Ha 800 anos vivemos neste castelo e aqui nunca nos atingiu coisa alguma!"

Essa crença no passado, esse fetiche da História, era o que fundamentava a resposta de todo inglês, não somente da sua casta, mas da rua, quando alguém quizesse lembrar-lhes, antes de 39, o formidável potencial belico da Alemanha. — "A Inglaterra é muito forte. Nós nunca perdemos uma guerra".

Mas, é o mesmo espirito de seculares preconceitos que se desmorona, a um olhar de desafio de Mrs. Miniver, a inglesa desta hora, para que a vencedora de 30 anos, de condescendencia dos juizes florais de sua aldeia modificasse o veredicto da distribuição dos prêmios.



Ouvindo o pastor proclamar que — "Esta é a guerra de todos nós".



Mrs. Miniver entrega à policia o aviador alemão.

Considero esse episodio o momento culminante do filme, porque, na simplicidade daquele drama intimo, que levava a castelã eternamente bafejada pela concessão da taça a transferi-la para o velho chefe da estação, vale pelo marco de transição duma Inglaterra que principiou a não existir mais para o prevalecimento duma humanidade mais atenta às vozes da cordialidade e da emoção.

Escrevendo ha pouco para os americanos, num agudo ensaio cheio daquela admirável sinceridade que põe em tudo o que lhe sai da pena, Somerset Maugham apontava justamente um dos defeitos mais sensíveis no seu povo, e menos percebidos pelos proprios ingleses — o snobismo, acentuando e modo incisivo:

"E' muito de surpreender que por um certo periodo os ingleses fossem convencidos? Eles tinham no passado uma longa e, com a exceção de alguns incidentes infelizes, uma gloriosa historia: eram a mais rica e mais poderosa nação do mundo; tinham um governo estavel e honesto e dominavam no campo dos esportes. Estaria certo se eles aceitassem tudo isso com modestia; não creio que se tornassem fanfarrões nessas circunstancias afortunadas, mas, indubitavelmente, sentiam-se satisfeitos consigo mesmos. Mas, tudo isso mudou. O primeiro golpe veio no setor desportivo, quando outros povos lhes arrebataram a supremacia nos torneios de natação, de vela, de polo, golf e tennis. Mas, com o mesmo espirito esportivo do "fair play", que nunca perderam, aceitaram essa diminuição de glórias, do mesmo modo que estão aceitando a dureza das contingencias desta guerra que não poupou uma só criatura da ilha.

Ao entregar o prêmio ao velho Ballard, Lady Beldon sabe sorrir, por entre as lagrimas, não de despeito, mas de inedita emoção, por mais "emocional" que os proprios ingleses se julguem. A aceitação daquele ato de justiça teve uma amplitude que já hoje é possível medir, quando a monstruosidade dos bombardeios em massa se abateu sobre a ilha e levou para o seio da terra, no mesmo risco mortal, "ladies" e "charwomen", "gentlemen" e estivadores.

O filme vale, acima de tudo, por essa advertencia. O que salvou a Inglaterra não foi aquele espirito de bravata que todos julgavam predominar no seu povo, até bem pouco, irritando não raro os forasteiros a certos comentarios mal compreendidos. O que salvou a Inglaterra foi a crença no destino comum, a firme e inabalavel certeza de que a guerra não era apenas contra os soldados, porém contra todos. Como diz o pastor, no seu pungente sermão. — "This is the people's war. This is our war." — Porque assim se convenceu é que o inglês resistiu ao inconcebível inferno de três semanas de bombardeio ininterrupto, vendo hora a hora diminuir em torno o seu pequeno mundo familiar, ruírem as igrejas, abaterem-se os lares, arder o tesouro de suas memorias historicas e artisticas, voarem em pedaços criaturas estremecidas.

As reações da família Miniver são as mesmas dos bebedores do "pub" que jogam dardo, enquanto "Lord Haw-Haw", de Berlim, no seu inglês de Oxford, procura convencer aos patricios de que já perderam a guerra — com o coro daquela estupenda gargalhada do botequim em peso, — como são as de Lady Beldon e do jovem Vin, juntando-se, no officio divino, para o louvor da gloria de Deus.

O bombardeio do "village" vizinho do aerodromo é uma coisa tão lancinante que chegamos quasi a duvidar dos limites da resistencia humana deante da adversidade — como constitue mais violenta nota dramatica aquela arrancada silenciosa das lanchas a gasolina, no rumo de Dunquerque, rio acima, como se fosse um pedaço da propria ilha que se desprezasse do todo, para ir em socorro dos ingleses, do outro lado do mar.

O CONTO BRASILEIRO O CORAÇÃO TEM RAZÕES...

DE JULIA LOPES DE ALMEIDA



casa? Porque preciso de uma solução para um romance: o meu. Meu, mas não feito por mim. Sou apenas uma personagem inerte que à força de sofrer quer ver o enredo em que se sente presa terminado de uma vez. Mas como? Não sei. É o que lhe venho perguntar. Você é romancista, prevê casos extraordinários e encontra para eles soluções naturais. Lembrará talvez um que me salve. Preciso de um desfecho quanto antes, custe o que custar. Não me olhe assim; eu não estou louca, tenho antes sido sempre uma mulher sensata, mas estou agora numa situação de que não sei como sair, porque nem posso caminhar para diante nem voltar para trás. Conheceu-me numa casa amiga, mas talvez tivesse esquecido alguma coisa do que tivesse ouvido a meu respeito.

— Efetivamente...

— Sou viúva, tenho trinta e sete anos e uma filha de vinte, casada por amor com um rapaz superiormente inteligente e culto. Ela é linda, de uma alegria cristalina, uma dessas alegrias inocentes que enchem de ar e luz o ambiente em que se irradiam. Eu nunca fui bonita e tendo sido

casada com um homem ciumento tive a preocupação de apagar o que ainda pudesse haver de interessante na minha pessoa. Quando a minha filha se casou, passei para o seu nome todos os meus títulos; a própria casa em que moramos deixou de ser minha para ser deles, não pedindo eu em troca de tudo senão que me deixassem viver em sua companhia. Durante um ano a nossa vida deslisou alegremente. Mas depois levantou-se pouco a pouco uma grande sombra entre nós. Meu genro, sempre tão amante da mulher, começou a esquivar-se de acariciá-la diante de mim... Tinha devaneios, horas de silêncio, distrações inexplicáveis... Percebi por vezes o seu olhar pousado no meu rosto com tal concentração que eu sentia na pele um ardor físico, de queimadura. Não compreendi nada ao princípio, mas a continuação daquele olhar furtivo e ardente, a ansiedade com que ele me esperava, se eu saía, o arrebatamento com que me fugia, se eu me aproximava, ou o modo por que me dizia as coisas mais banais, acabaram por esclarecer-me: meu genro amava-me, não com o respeito carinhoso com que se pode amar uma mãe mas com a paixão brutal com que um homem desvairado ama uma mulher que lhe é vedado possuir. Compreenda o meu martírio: não quero que a mais pequena nuvem tolde a felicidade de minha filha e tremo a cada momento que ela chegue sequer a suspeitar, ou acabe, por qualquer imprudência, descobrindo a verdade. Não sei para onde fugir. Encerro-me no meu quarto, choro, rezo, martirizo-me e, quando saio, o olhar dele vai até ao fundo do meu coração; disfarço, faço tudo para fingir não perceber o fogo em que ele se consome, mas tenho a certeza, essa

NUM cartão de visita:

"Peço-lhe por tudo que me ouça e que me perdôe a imprudência.

Emiliana Serpa."

...Emiliana Serpa... Flutuou-me pelo espírito uma vaga idéia deste nome, mas tão leve e indecisa que não conseguí reproduzir nenhuma imagem positiva. Eu já o ouvira, mas onde... mas quando?

Diante da minha perplexidade a criada indagou:

— Faço-a esperar na saleta?

— Conduza-a ao salão.

No curto caminho do divã ao espelho, onde me fui empoar, lembrei-me repentinamente de quem se tratava. Essa senhora fôra-me apresentada numa recepção do Senador Azevedo, e a única particularidade que a recomendava ainda à minha lembrança, era um colar de esmeraldas que lhe cingia o colo num movimento arfante de réptil descansando na voluptuosidade do leite. Só por meio de um acessório de luxo, ela tinha conseguido fixar-se na minha memória...

Quando entrei na sala ela estava de pé, de face para a porta. Nem bonita nem feia; vestia-se de escuro, com muita simplicidade.

Hesitei em acreditar que fôsse a mesma. Acomodámo-nos. Percebendo que não estava à vontade, acudí em seu favor:

— Vinha por certo pedir o meu concurso para festa de caridade de que falavam os jornais?...

— Não; não se trata de caridade, trata-se de mim. Parecer-lhe-á absurdo o que lhe vou dizer, mas é a verdade, tanto esta se confunde às vezes com o fantástico. Por que vim a sua

DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
DECORAÇÕES: Seção dirigida por
GILBERT DE PARIS



Julia Lopes de Almeida, a ilustre autora deste conto, pertence ao pequeno numero de escritoras brasileiras em condições de emparelhar-se com os nomes mais altos do nosso naipe de ficcionistas masculinos.

Contemporanea da geração de Coelho Netto, Valentim Magalhães, Olavo Bilac, Aluizio Azevedo, Medeiros e Albuquerque— D. Julia sempre se destacou no cenário das letras nacionais, pelo rigor da fabulação, pela segurança da narrativa e pela projeção das personagens evocadas pela sua pena de eleição.

Romancista de largos recursos, contista á maneira de Maupassant, duma arte objetiva e directa, a ilustre escritora permaneceu durante perto de quarenta anos em posição de invariável destaque intelectual — mantendo sempre o prestigio adquirido na mocidade, desde quando apareceram nas revistas e jornais da época as suas primeiras paginas literarias.

De sua larga produção em livro é de justiça realçar entre outros, os romances: A FALENCIA e CRUEL AMOR, os contos de ANSIA ETERNA (de que saiu ha poucos anos uma reedição, publicada pela empresa A NOITE) e o LIVRO DAS NOIVAS, que por muito tempo gozou das prerrogativas de presente de escolha para as nossas patricias que iam casar e HISTORIAS DE NOSSA TERRA, livro escolar em cujos capitulos passa em revista, carinhosamente, todo o Brasil, de norte a sul.

O CORAÇÃO TEM RAZÕES faz parte da coleção de ANSIA ETERNA, e serve bem para recordar os excelentes predadores de prosadora de D. Julia Lopes de Almeida, alio espirito e grande dama, esposa do poeta Filinto de Almeida e mãe doutro poeta, Affonso Lopes de Almeida, e dessa infatigavel semeadora de beleza que é Margarida Lopes de Almeida, a ilustre declamadora patricia.

uma aula a que não falta. Aproveito os minutos de liberdade como uma criança.

— Mas, se elle nunca lhe disse nada, quem sabe se não passará tudo de uma ilusão?

— Uma mulher, bem o sabe, não se ilude nunca num caso destes. Antes mesmo que elle olhasse para mim tão obstinadamente, que os seus cabelos embranquecessem, que as suas mãos se enregelassem ao tocar nas minhas, que a sua voz tivesse adquirido aquella sonoridade amorosa com que fala, já eu sentia, como uma ameaça horrível, o germinar daquela paixão. Que hei-de fazer? Lembre alguma coisa, pelo amor de Deus!

Não pude responder. Foi ella quem se precipitou:

— A única solução é matar-me. Enquanto elle não me disser nada e eu puder manter esta situação angustiosa, mantê-la-ei; mas, se um dia a sua mão realizar o gesto tantas vezes esboçado, e se as suas palavras juntarem á certeza que tenho outra mais positiva e irremediável, ah, então matar-me-ei. Descanse, hei-de fazê-lo de modo, que não pareça um suicídio, para que a minha filha possa ainda ser feliz com elle... E era agora que eu começava a amar a vida! Você não me poderá sugerir outro recurso?...

Balbuciei coisa vagas, inúteis... Ella sorriu com tristeza e deixou-me, prometendo voltar ainda um dia. Mas não voltou...

Após uma semana li num jornal que, por um acidente de que não cabia culpa a ninguém, a senhora dona Emília...

— Oh!

Consolidação das Leis do Trabalho e da Previdencia Social

Obra de extraordinario valor, de grande oportunidade, a "Consolidação" veio prestar serviço inestimavel a quantos lidam com a legislação trabalhista em nosso país.

Em dois volumes estão condensadas todas as leis do trabalho, no Brasil; é realmente um plano sistemático perfeito.

Notas e observações de M. Cavalcanti de Carvalho, autor de "Direito, Justiça e Processo do Trabalho", "Direito Sindical e Corporativo", "Evolução do Estado Brasileiro" etc.

Preço dos dois volumes, 70\$000.

A venda em todas as livrarias do Brasil.

Pedidos à Cia. Editora Americana S/A.
Rua Maranguape, 15 — Rio, pelo reembolso postal ou mediante vale do correio.

certeza intuitiva, inteligente, terrível, de que não há já segredos entre nós dois. Ele conhece a minha dissimulação, como eu conheço o seu amor. Ah, você não pode imaginar a tortura que é para uma mulher a presença constante de um homem que a adora, que a deseja, que respira a curta distância dos seus lábios, que a envolve constantemente com um olhar de solicitação desesperada, que lhe beija com respeito as mãos nos cumprimentos familiares, que não diz nada que não seja digno e correto, mas em quem, por detrás de toda a dignidade e toda a correção, se sente uma labareda de sensualidade crescer, crescer a ponto de destruir tudo!

"Ele contém-se a custo; eu soffro, e minha filha vive entre nós dois com a mesma confiança e alegria de sempre. Entretanto o amor de meu genro vai-se tornando cada vez mais impetuoso e exigente. Ele começa a ter medo de si; já não me beija as mãos nem as faces senão quando minha filha está presente, e mesmo assim... Quando ella não está, cumprimentamo-nos apenas, quasi cerimoniosamente. Começo a ter medo. Já não passo pelos corredores da casa às escuras. A noite, mal dou um passo, acendo as lâmpadas do caminho. Às vezes, no silêncio dos serões, ouço as pancadas do seu coração e as do meu no mesmo ritmo, mas se queremos fugir um do outro vem minha filha beijar-nos a ambos e solicitar a nossa presença... Os cabelos d'elle têm embranquecido. Aos trinta anos já lhe alvejam as fontes. Eu despoetizo-me. Volto ao martírio do tempo de casada, faço-me feia. Ele dantes elogiava a beleza das minhas mãos e o corte das minhas unhas; veja-as: corto-as agora rente ao sabugo e já não as lustro, para as tornar antipáticas. Renunciei às minhas lindas toilettes, visto-me como uma freira e em casa chego a ter desmazelos com a minha pessoa. Pois nem assim elle se dissuade. E ella, a minha filha, é cada vez mais encantadora e mais feliz, porque o seu marido não gosta de sair de casa... Eu é que já não posso mais! Como se acabará esta história? Diga. Foi para isso que eu a vim consultar.

— Uma viagem... Por que não se afasta por algum tempo?

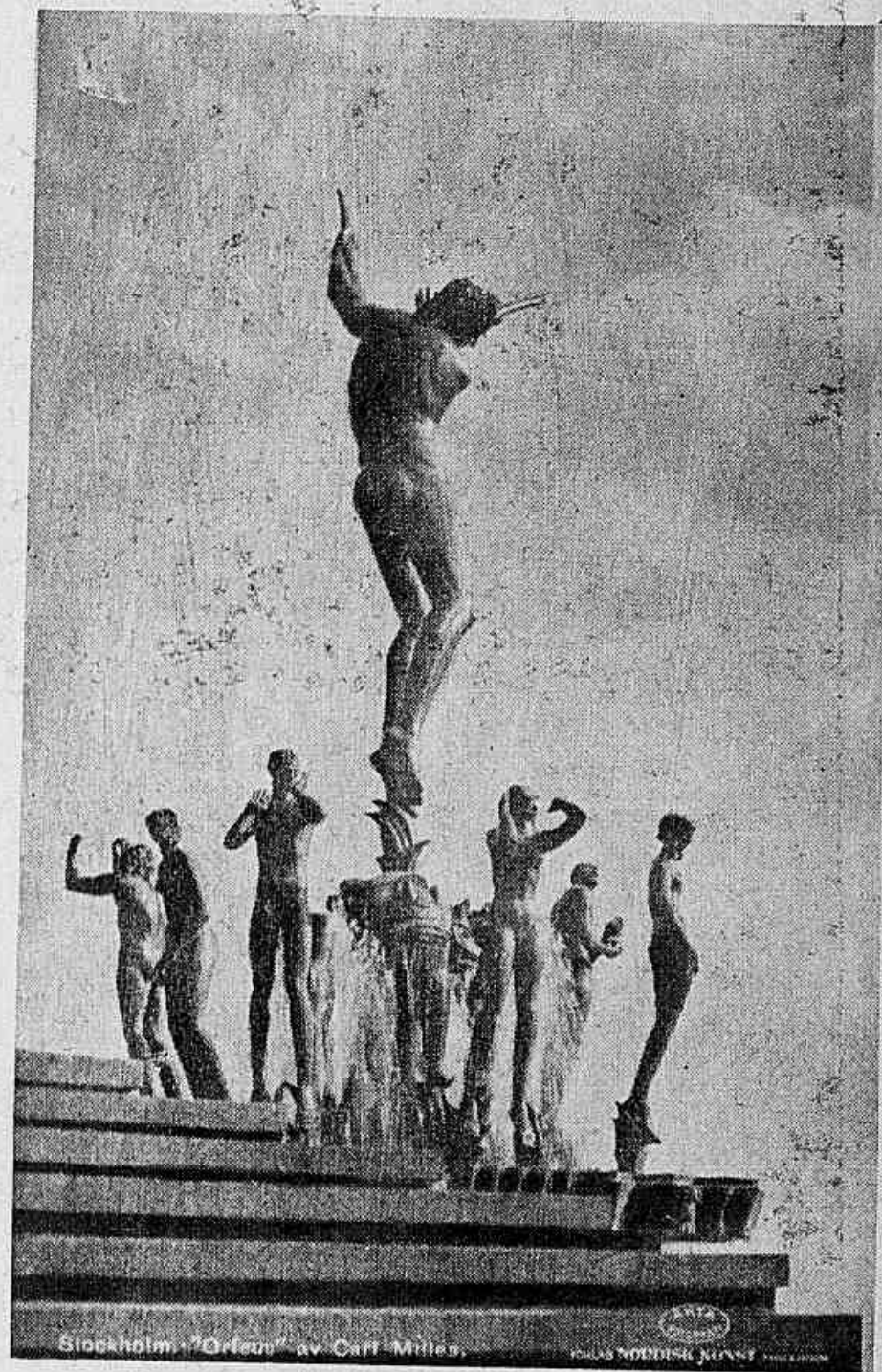
— Uma viagem é uma solução impossível. Minha filha exigiria uma explicação. Nunca nos separámos. E depois elle iria ter comigo, fôsse onde fôsse. Seria capaz de abandonar a mulher por mim. Sou-lhe mais indispensável. A minha presença é o veneno que elle necessita injetar nas veias a todas as horas. Se eu saio, apoquento a mulher com indagações; se tardo, aflige-se ou procura ir encontrar-me. Por que vim agora a sua casa? Porque a esta hora elle está prêso a



Na estranhíssima fotografia acima, vemos uma pequena parte da parede duma caverna aberta na rocha, em Yun Kang, aparecendo na fotografia nada menos de 600 figuras! Revestidas por esse microcosmo de deuses e heróis orientais, há outras 30 grutas, rasgadas também na mesma rocha. O exterior do rochedo é igualmente decorado de nichos e grupos esculturais, tendo os escultores nativos aproveitado do melhor modo os diversos graus de dureza da pedra. Um viajante americano, Gilbert Grosvenor, visitando essas grutas encantadas, em 1937, contou, só nas quatro paredes duma delas, 10.000 estatuetas de Budha! No coração desse penedo chinês, temos assim uma verdadeira replica do Duomo de Milão, com as suas 3 mil estatuetas de santos espalhadas pela fachada, contrafortes do teto e nichos internos.

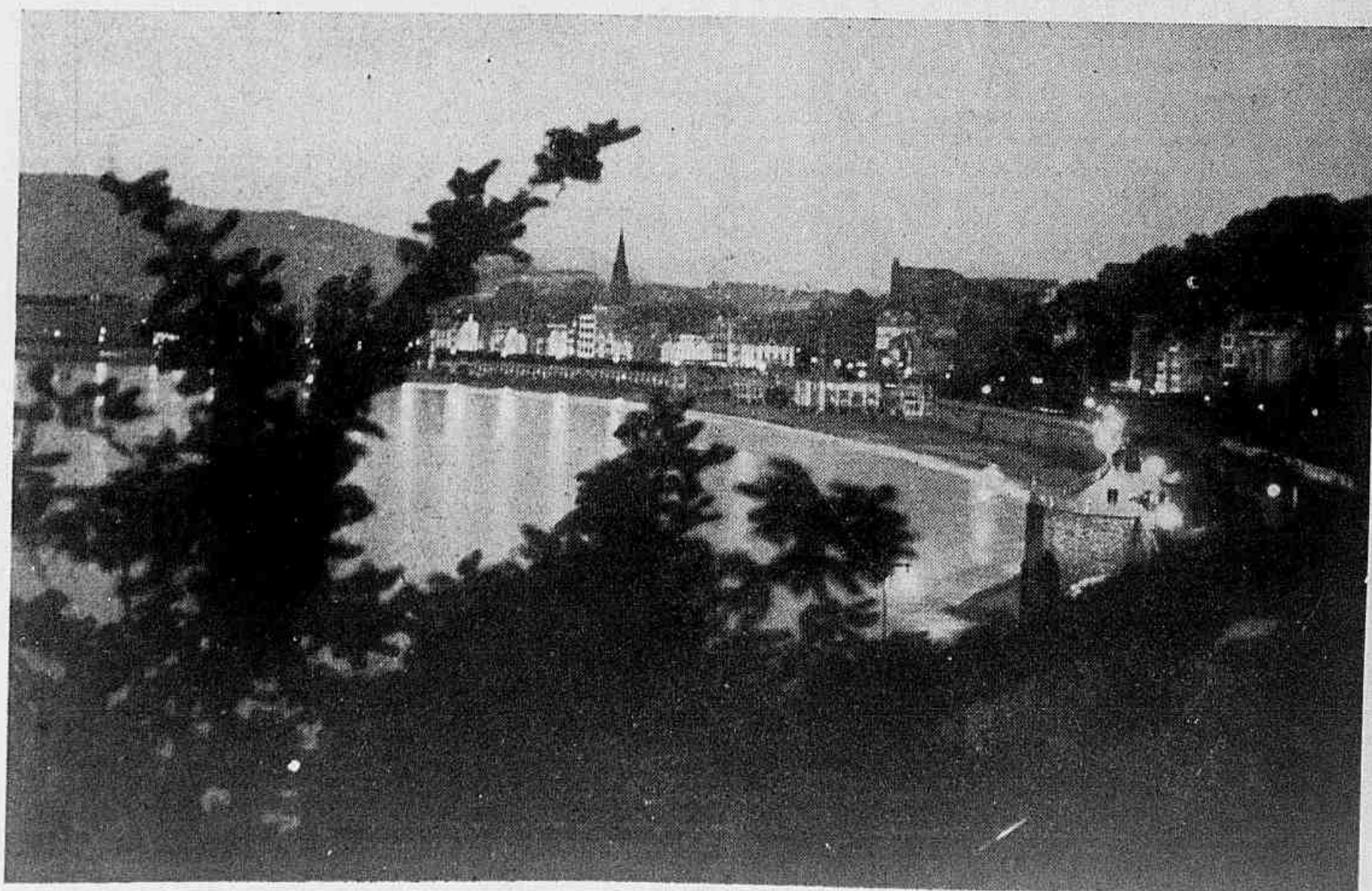
TAPETE MAGICO

Nada mais diverso do que os três aspectos desta página.



Carl Myles é um dos grandes nomes da escultura contemporânea — da mesma família de Mestrovic, Bourdelle, Barloch e Maioll — grupo de gigantes, sem o menor parentesco além do génio de suas criações. Esta fonte, que é um milagre de arte moderna — com as coloniais figuras de bronze quasi soltas no ar — Orfeu tangendo a lira para o cortejo de satiros e de ninfas — é um dos mais belos monumentos de Estocolmo, onde o insigne artista, atualmente nos Estados Unidos, conserva uma residência maravilhosa, no alto dum barranco de cem metros, sobre o lago Malaren.

E agora o leitor ha de estar certo de ter deante dos olhos um pedaço de Botafogo. Mas, engana-se, pois esta aqui é a linda praia de la Concha, em San Sebastian, na Espanha, pertinho da França e dessa outra lindíssima praia europeia que é Biarritz. No verão as areias douradas se enchem das mulheres mais bonitas deste mundo de Deus — sem contar, é claro, com as nossas morenas cá de casa...



NOSSA TERRA

Paisagens do Rio Doce

(ESPIRITO SANTO)

Por J. A. Vasconcellos Costa

lização. Guerreiros que ainda choram a saudade de seus feitos.

Homens destemidos que trocaram as armas de combate pelos instrumentos de trabalho da terra.

Quem quer que passe por Crenaque pode observar, na fisionomia de cada um daqueles filhos pagãos da selva, a expressão do sofrimento e a estampa viva da saudade.

O Rio Doce foi um palco de odisséias barbaças. Encenaram-se por lá dramas de nossa história e tragédias de aventuras dos primeiros batedores dos sertões.

A sua paisagem revela um misticismo encantador, oferecendo ainda o espetáculo de uma natureza quasi virgem, que assoberba e extasia.

Os seus crepusculos uma evocação do Paraíso. O céu tingi-se de púrpura. Nuvens escalates rondam á beira do poente. Depois, vão desfazendo aos poucos em côr de rosa, desbotando-se, descolorindo-se, e o céu aparece, por momentos, inteiramente limpo. Uma única cambiante em toda a abóbada celeste. De repente vão surgindo filigranas douradas, espalhadas no horizonte. Veios de ouro que não provocam a ambição dos homens, abandonados nas bandas do ocidente. Depois, o sol se esconde por completo. Desaparecem as nuvens coloridas. O firmamento inteiro cobre-se de um manto opalescente. Estrelas errantes vagueiam pelo espaço. Firmam constelações. Cintilam dentro da noite calma.

A lua surge, em meio das estrelas. Lua redonda e branca do sertão. Lua que faz saudade e que realiza o milagre de evocar doces recordações. Luar prodigioso o do Rio Doce. A tristeza cá dentro de nossa alma e a saudade dentro do coração. A lua beija as águas do rio, e o rio, preteado, corre silencioso para o mar.

Eu te admirei, Rio Doce, e admirei o encanto de tua paisagem.

Dentro, entretanto, dêsse romantismo com que te olhei, descobri também que, ao longo do teu vale, se erguerá, um dia, o bérço de uma grande geração!

O Rio Doce é o sentido da terra brasileira. Liga dois Estados, como artéria de um mesmo coração. Dois Estados que não conhecem fronteiras entre si, irmanados e confundidos na paisagem brasileira.

O seu vale, um cenário da Pátria. Prodigio da Natureza, em seus aspectos pagãos de virgindade.

Da terra, de lado a lado, alteiam-se jequitibás. Aprumam-se perobas. Levantam-se aroeiras frondosas e as árvores, as árvores que se multiplicam, numa proporção quasi indefinível, contorcem-se no meio da floresta, numa ansia vertiginosa de subir.

E' a gleba, em toda a sua exuberancia. E' o sólo que não se contém. Hieráticos reis botânicos e velhos gigantes vegetais que sôbem da terra afável, repletos de seiva e cheios de vigor. Babel botânica dentro da mata. Árvores que lutam contra outras, procurando a luz da existência. Cipós que se emaranham, destruindo vidas. Parasitas mortíferas abraçando troncos e arbustos que brotam, para viver rastejando á flor da terra. O verde da clorofila espalha-se em toda a extensão da mata. Aqui e ali, ipês floridos salpicam de amarelo e de lilá o manto gláuco da planura. São escandalosos filhos da floresta, rareados na confusão da mataria verde.

Restos de tribus selvagens, aldeados nos recessos das clareiras, vivem ainda pelo vale a fóra. Foram antigos heróis selvícolas, hoje devastados e humilhados, como aqueles cavaleiros da lenda do País Perdido... Uma geração de bravos que se acovardou com o advento da civi-

Artes

Plásticas

J. Carvalho é um cearense da gema, doido por viajar, como quasi todos os seus patricios.

Dai ter deixado sua terra, ha muitos anos, para uma cigana-gem infatigavel por este Brasil todo, de norte a sul.

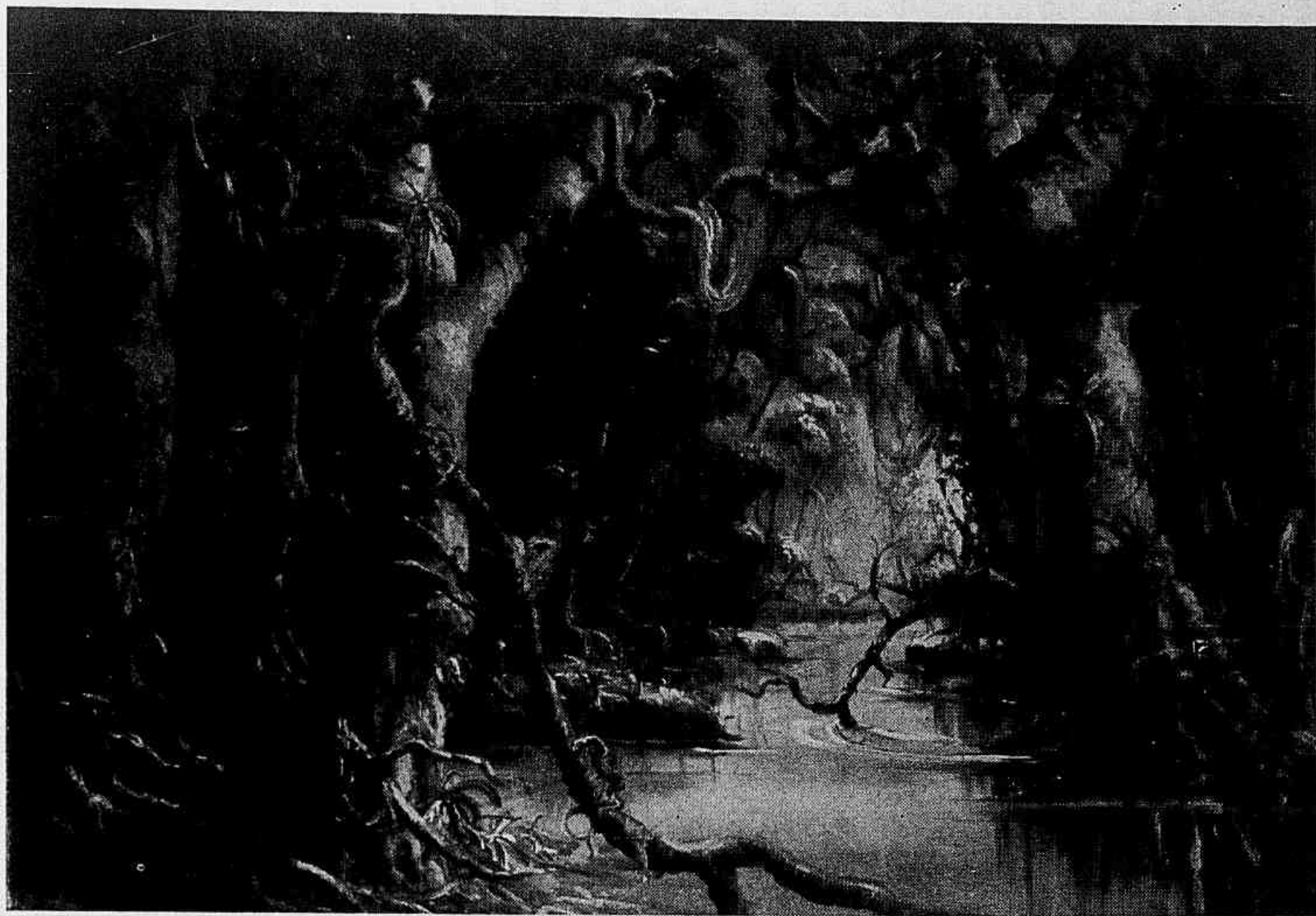
A diferenca entre ele e outros cearenses é que J. Carvalho viaja, não para mudar de terra, para fixar a natureza brasileira num pedaço de tela. Nesse sentido foi que ele se destinou, de Fortaleza a S. Paulo, a tomar lições com o mestre Benedito Calixto antes de iniciar a sua peregrinação nacional de caçador de formas e de cores.

Depois de demorar alguns anos na capital paulista, rumou para o norte outra vez, demorando-se a maior parte do tempo nas praias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e, para contraste, nas brenhas do Amazonas.

Desse longo contacto com as paisagens douradas de nossas dunas nordestinas e do recesso da mata amazonica volta agora, trazendo dezenas de quadros, alguns de largas proporções, outros apenas pequenas "manchas", — para mostrar ao Rio o que é esse Brasil de lá de cima.

Seus painéis do extremo norte traduzem bem o espanto do forasteiro diante daquela selva barbara, onde se mistura a vida animal com a vida vegetal, numa tremenda simbiose de prodigios — entre os quais o homem vacila e duvida do que seus olhos estejam descobrindo.

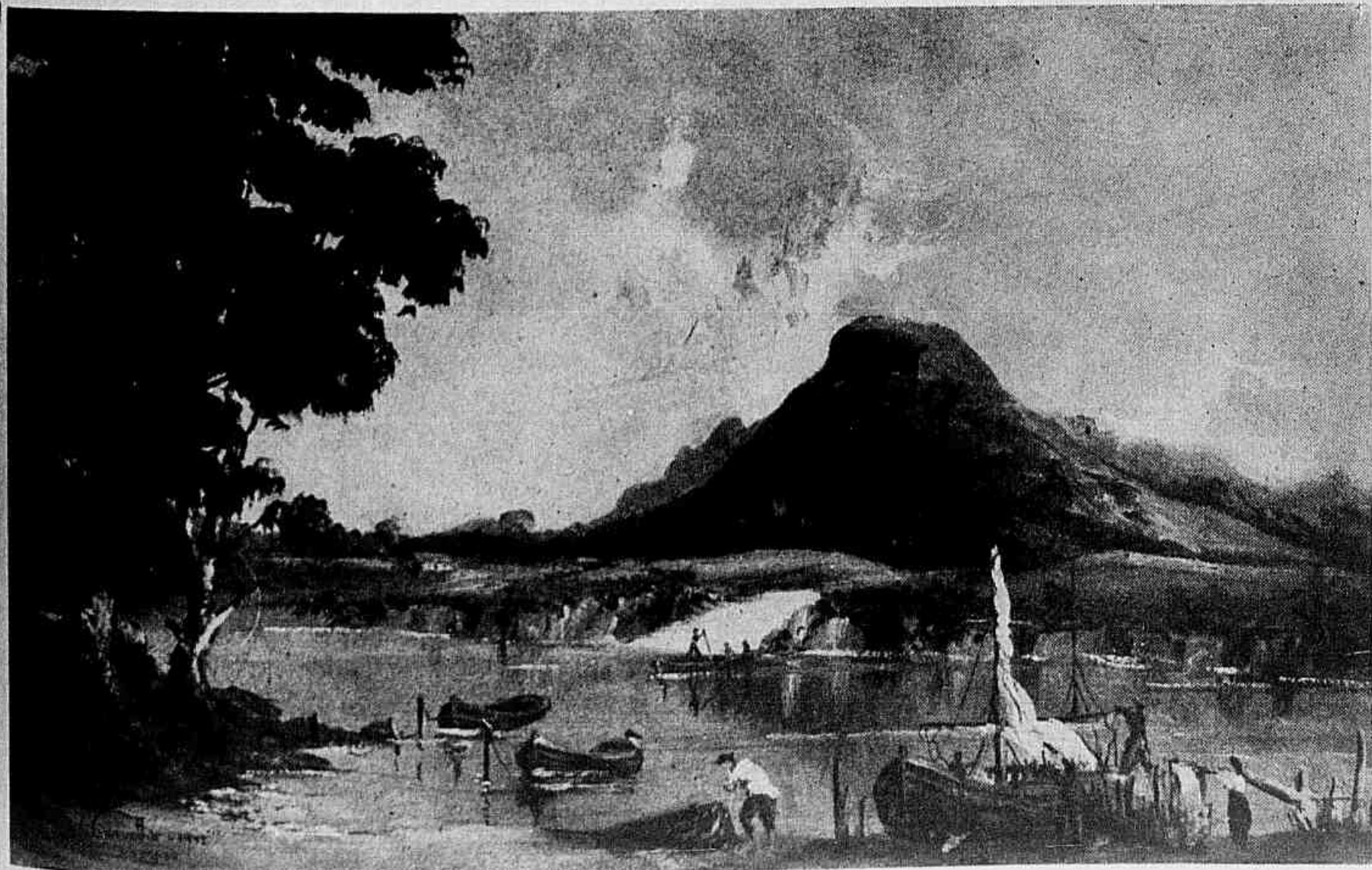
Troncos duma fabulosa estrutura, raizes bo'indo como cobras, aguas mortas, estendidas por entre o mundo de fantasmas botanicos, em linguas traço'e'ras, em pantanais mortiferos. A fronde dos colossos da flora alucinada bracejando, travando um combate mudo e inflexivel pela conquista do espaço vital. Folhas e flores dum colorido inédito e



Igarapé no alto Amazonas.



Praia de Tambaú.



Trecho do rio Paraíba — E. do Rio.

duma riqueza de desenho inconcebível — e acima de tudo o silêncio, a tenebrosa sensação do pavor do desconhecido que nos espreita e nos tocaia de todo lado — isso tudo está evocado com muito talento nas telas de J. Carvalho, especialmente no trecho acima reproduzido.

Os coqueirais de Mucuripe e Tambaú sacodem ao vento a sua cabeleira verde deante do mar muito azul, dum azul que parece de fantasia mas é bem verdadeiro, tão verdadeiro que o perigo maior é justamente trazê-lo, integral, para a vida dum quadro.

E' certo que a fogueira dos céus e dos campos da Provença pôde ser apanhada em toda a sua vertiginosa violencia pelo genio de Van Gogh. Mas — nem todos os pintores do mundo sendo gerios — ha o maior risco na captação da estridente policromia da nossa paisagem, especialmente do norte.

Ou o pintor se deixa levar por um arremesso de divina loucura visual como a do fabuloso Vincent ou tem que se controlar furiosamente para fugir ao fascínio das reverberações tropicais tão faceis de confundir com as cenografias baratas e os cromos de folhinha de fim de ano.

J. Carvalho nem tem a furia cromatica de Van Gogh — e o simpatico pintor está bem longe de pretender confronto vexatorio como este — nem dominou ainda de todo o seu amor pelos verdes mares bravios e pelo céu de anil de sua terra. Apesar disso, não caiu tambem no exagero pejorativo dos brochadores de cobalto e de verde veronese, nem se precisa usar vidros fumados para olhar suas paisagens — algumas tão agradaveis pela discreção do desenho e arranjo das cores, a que faltaria apenas menos apego ao detalhe fotografico, um sentido mais amplo de visão — coisa que ele possui em grau bem apreciavel, como o mostra de modo excelente a paisagem de Campos, tambem reproduzida nesta pagina.

Quando o amavel pintor cearense tratar os temas nordestinos com a serenidade com que soube apanhar este recanto fluminense, terá alcançado, com certeza, um claro dominio da arte para que tem, inegavelmente, predicações seguros e á qual se entregou com o devotamento mais característico.

H. L.



O Jockey-Club Mundano



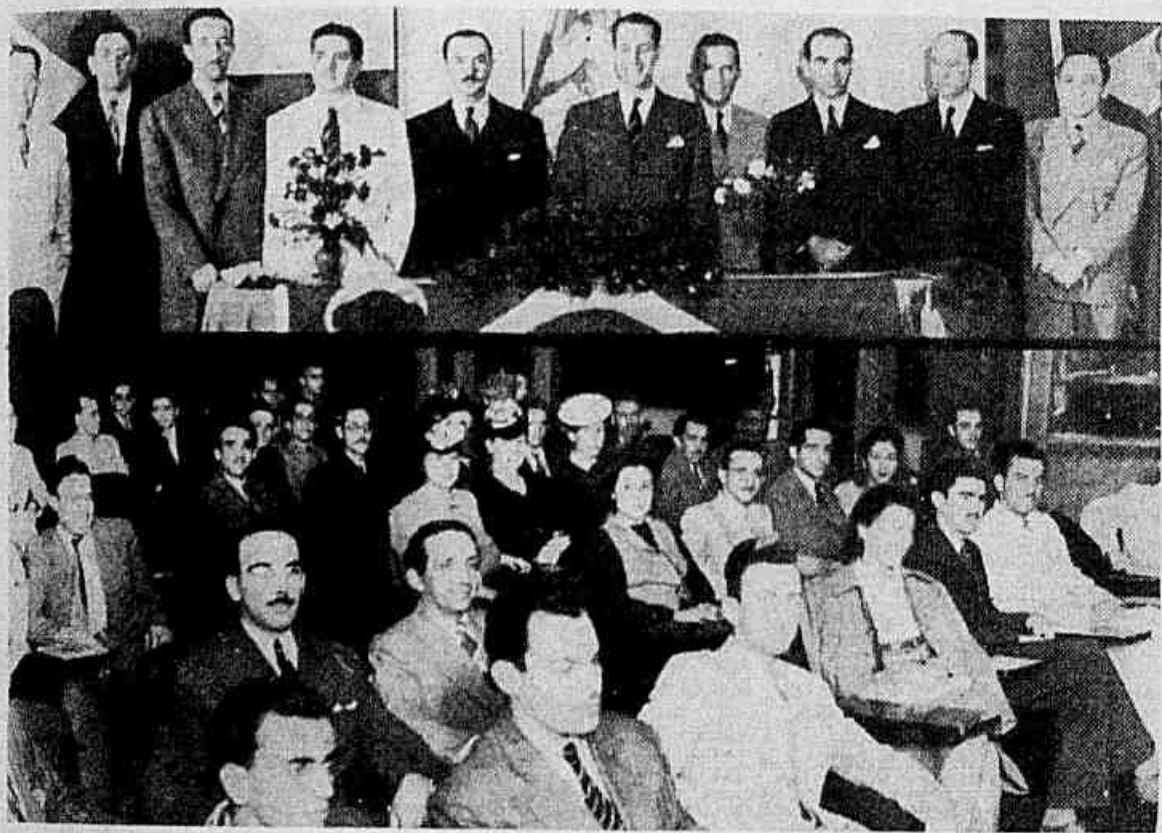
O Jockey Club Brasileiro homenageou domingo o seu congênere do Uruguai, fazendo disputar como prova principal do programa o *Classico Jockey Club de Montevideo*. Com grande afluência de público realizou-se a corrida. A prova, como se esperava, foi ganha pelo favorito *Drama*.

Entre as altas personalidades presentes áquela brilhante reunião mundana destacamos os nomes do ministro Osvaldo Aranha e exma. família.



Figuras e Fatos

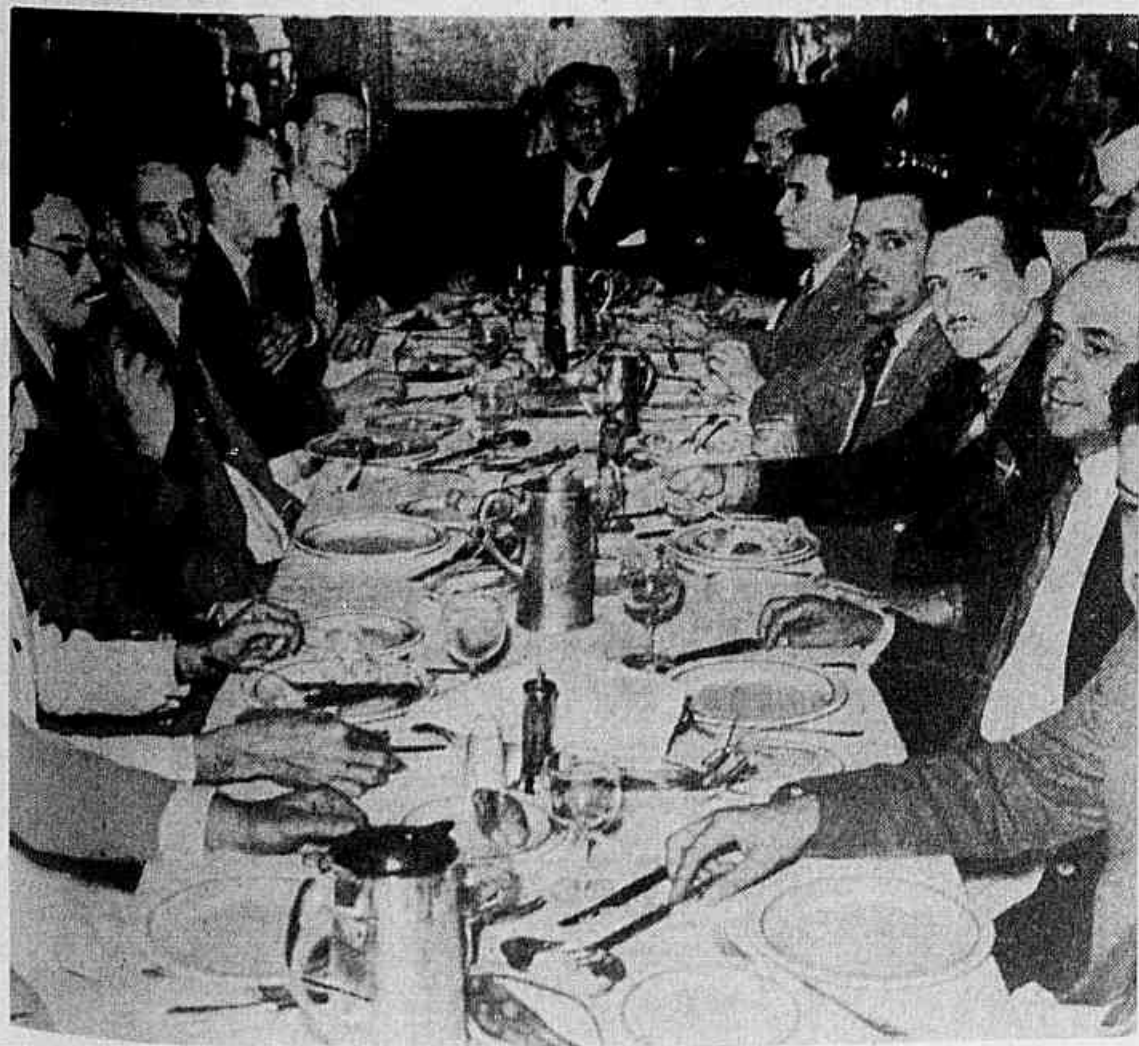
NO PALACIO DO CATETE. Flagrante apanhado no Palacio do Catete, por ocasião da entrega ao Presidente da Republica das quantias recolhidas em todo o Brasil pelos "Diarios Associados" para a compra de novos aviões destinados á F.A.B. Vêm-se na fotografia, além do sr. Getulio Vargas, o sr. Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica, Interventores Federais Cordeiro de Farias e Fernando Costa, e os srs. Sousa Melo, diretor do Banco do Brasil e Drault Ernanny, diretor do Banco do Distrito Federal.



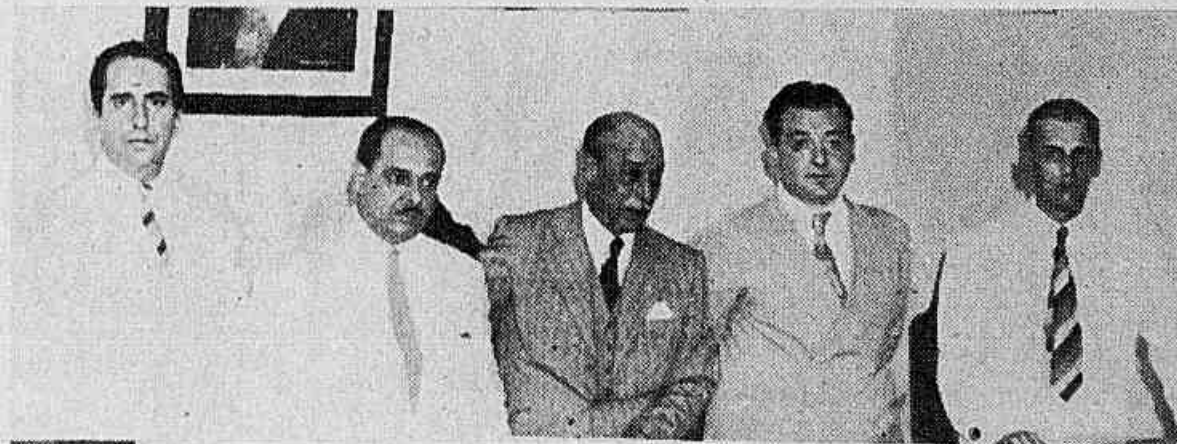
EM MISSÃO CULTURAL NO ESTADOS UNIDOS. Aspecto tomado durante a manifestação promovida pelo Directorio Academico da Faculdade de Ciencias Economicas e Administrativas do Rio de Janeiro, em homenagem ao professor L. Nogueira de Paula, e pelo exito de sua missão cultural nos Estados Unidos da America. A essa manifestação também se associaram os professores daquela Faculdade e numerosos amigos do homenageado.



NA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL — O sr. embaixador Cezar Gutierrez, do Uruguai, pessoa do maior destaque no cenário da vida do seu país, visitou, em dia deste mês, a Associação Comercial do Rio. Este flagrante mostra s. excia. à direita do presidente Ferreira Guimarães, fazendo parte da mesa os srs. Juan E. Arieta, Oscar Justo Berro, e o secretário Heitor Beltrão. De pé aparecem os diretores João Daudt Oliveira, Randolpho Chagas, João Cabral, Hildebrando Gomes e outros.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROPAGANDA. Vem de reunir-se mais uma vez a Associação Brasileira de Propaganda, com a finalidade, desta vez, de homenagear o sr. Arnaldo Balve, diretor da Radio Farrópilha de Porto Alegre, ora em visita a esta Capital. Saudou o homenageado o sr. Alvarus de Oliveira, presidente da A.P.B. A reunião decorreu num ambiente de plena camaradagem. As palavras de agradecimento do sr. Arnaldo Balve foram recebidas com uma salva de palmas.



SOCIEDADE MEDICO-ODONTOLÓGICA DE SAÚDE ESCOLAR. Vem de ser fundada, nesta Capital, pelos medicos que trabalham no Departamento de Saúde Escolar da Secretaria de Educação e Cultura, a Sociedade Medico-Odontologica de Saúde Escolar, com fins beneficentes e científicos. As fotos acima mostram um aspecto da sessão e membros da primeira Diretoria, que está encabeçada pelos Drs. Joaquim Nicolau Filho, Lutero Vargas e Raimundo Muniz Castanheda.



Fachada da Igreja do Bom Jesus.

Via publica de clima tropical, tem servido a rua General Camara de longa arteria comunicante na parte central do Rio de Janeiro. Principiada na rua Visconde de Itaboraí, em frente á Alfandega, vê fim no Campo de Santa Anna, ora praça da Republica. Noronha Santos aponta á rua varios nomes no correr dos tempos: rua dos Escrivães, de Uruguaiana para cima, rua do Bom Jesus, rua do Sabão da Cidade Velha, a do Sabão da Cidade Nova, representada pela atual rua Visconde de Itaúna. Depois da guerra do Paraguai a rua do Sabão tornou-se do General Camara lembrando o general do feito de Aquidaban para morte do tiranico Lopez, estimado hoje pelos que de modo algum lhe podem cair nas garras se muitos inditosos brasileiros as experimentaram entre horrores.

De consideravel extensão, a rua General Camara deu espaço a dous velhos templos cariocas, o da Imaculada Conceição, entre o largo de S. Domingos e a rua dos Andradas, e o do Senhor Bom Jesus do Calvario e Via Sacra, entre a rua da Uruguaiana e a da Quitanda. Desapareceu a igreja da Conceição, está a desaparecer a do Bom Jesus. Morrem juntos os por tanto tempo visinhos.

Os templos cariocas de outrora nasceram da humildade de ermidas. Estreita, encoihida, de porta só, de janela unica, de altar pequeno, de campanario baixo, tal nasceu a ermida do Bom Jesus. Deu-lhe começo José de Souza Barros, homem bom da cidade carioca.

Em 1719 a ermida tomou forma de igreja. Edificar é gastar. Para construir o templo houve necessidade de recursos. Para primeiras despesas, Souza Barros recebeu legado não pequeno, o de vinte e cinco mil crusados soantes no seu pesado metalico. A dadiua proviêra do bispo da diocese fluminense D. Francisco de S. Jeronimo. Tinha ele

A IGREJA DO

por amigo do peito o conego Gaspar Gonçalves de Araujo, deão da Sé, depois vigário geral.

Não basta edificar igrejas para deixal-as ao Deus dará, pois exigem bons cuidados na decencia do culto. Para tanto a igreja do Bom Jesus foi a zelo de confraria, de compromisso em 1732. Confraria e fieis, aos poucos, concluíram a igreja.

O historico do templo podia ser hoje de abundantes noticias para os que nas cidades não vêem apenas ruas e casas, e sim lhes compreendem a alma através das idades, modificadores supremos.

Segundo Moreira de Azevedo, um certo capelão da irmandade mandou tocar fogo em quanto livro velho foi encontrando, talvez muito ancho com a idéa luminosa, pelo menos enquanto acesa a fogueira. Depois o ato testemunharia o obscurantismo do autor da destruição.

Não se condere apenas o fogoso capelão: entre nós tem grande parentela, a dos incapazes de conhecerem o valor de documentos, certidões do passado para as vistas do futuro.

Em 1830 a irmandade do Bom Jesus passou a Ordem Terceira professante da regra de S. Francisco de Paula. De 1854 a 1860 a Ordem reconstruiu a parte danificada da igreja. Já eram então sem prestimo as catacumbas da mesma, feitos os enterramentos nos cemiterios publicos da cidade, antes de 1850 não havendo templo sem seu campo funerario, embôra condenada a pratica de o possuírem as igrejas. Inaudível a opinião dos defuntos, a pratica continuaria até dar-lhe fim devastadora epidemia de febre amarela, quando certa especie de mosquito a transmitia cantando fino e zombando impune.

Suprimidas as suas catacumbas, a Ordem do Bom Jesus, em 1846, não tendo mais de cuidar de mortos passou a tratar de vivos. Foi-lhe idéa a edificação de hospital destinado a tratamento dos irmãos da Ordem. Esta realizou o proposito, construindo casa anexa á igreja. Deu-lhe amplidão, ar e luz. Consumiu no edificio mais de duzentos contos de réis, o que em 1846 era respeitavel quantia. Após o gasto consideravel reconheceu entretanto a Ordem insuficiencia de patrimonio para arcar com o estabelecimento immediato de enfermarias gerais e quartos particulares. Esperou melhores tempos, e estes não vieram.

Vasio o hospital, um de seus quartos, por bastante tempo, deu necroterio ao cadaver embalsamado de Martins Penna, o nosso celebrado comediôgrafo falecido em Lisboa, afinal o esquife removido para o cemiterio de S. João Batista.

Do malogrado hospital desejou a Ordem retirar qualquer provento. Curiosamente, substituindo nunca inaugurado hospital, propôs-se a ocupar o predio uma Casa de Saude. Estabeleceu-a o dr. João Batista dos Santos, que nos ultimos dias do Imperio, e então visconde de Ibituruna, presidiria a provincia de Minas, dela derradeiro presidente.

No inaproveitado hospital da Ordem fundou o dr. Batista dos Santos a Casa de Saude do Senhor Bom Jesus do Calvario, abrindo-a em 1867.

O estabelecimento teve util duração. De entrada pela rua de S. Pedro, deitava janelas e janelas para as ruas de S. Pedro, General Camara e Uruguaiana, para a travessa do Bom Jesus e para a reduzida verdura do jardim da igreja.

Arejada e iluminada, no seu tempo, a Casa de Saude do Bom Jesus, por condições materiais e higienicas representou melhoramento apreciavel na cidade. Ser-



Aspecto interior da Igreja, sobrelevando-se o altar-mór.

BOM JESUS

Por *ESCRAGNOLLE DORIA*

via sobretudo á classe comercial acudida por um bom serviço medico-cirurgico e até oftalmológico a cargo do dr. Hilario de Gouvêa.

Extinta a Casa de Saude, o prédio ficou até ha pouco ainda de utilidade á classe comercial, tão numerosa nas proximidades do edificio. Nele foi estabelecida, com muita ordem, asseio e disciplina, casa de hospedes soiteiros bem escolhidos e se catolicos, com igreja o mais proximo possivel.

A Ordem do Bom Jesus do Calvario e Via Sacra muito entende com o passado carioca. Consigna-o Manoel Antonio de Almeida nas *Memorias de Um Sargento de Milicias*, pintura do Rio de Janeiro "no tempo do Rei". Leia-se D. João VI.

Em certos dias da semana, de preferencia ás quartas-feiras, de varias igrejas do Rio, á noite, saia procissão levando cruzes, acompanhadas por irmandades, de irmãos empunhando tochas. O povo dava séquito.

Em certas ruas cruzes negras se destacavam sobre paredes, as cruzes ma's de relevo se bem caiados os muros. Postas intervaladamente as cruzes representavam os passos da Paixão. Diante dos simbolos da redenção, o prestito se detinha, ajoelhavam-se todos os seus componentes, os sacerdotes oravam alto e baixo a multidão acompanhava a résa.

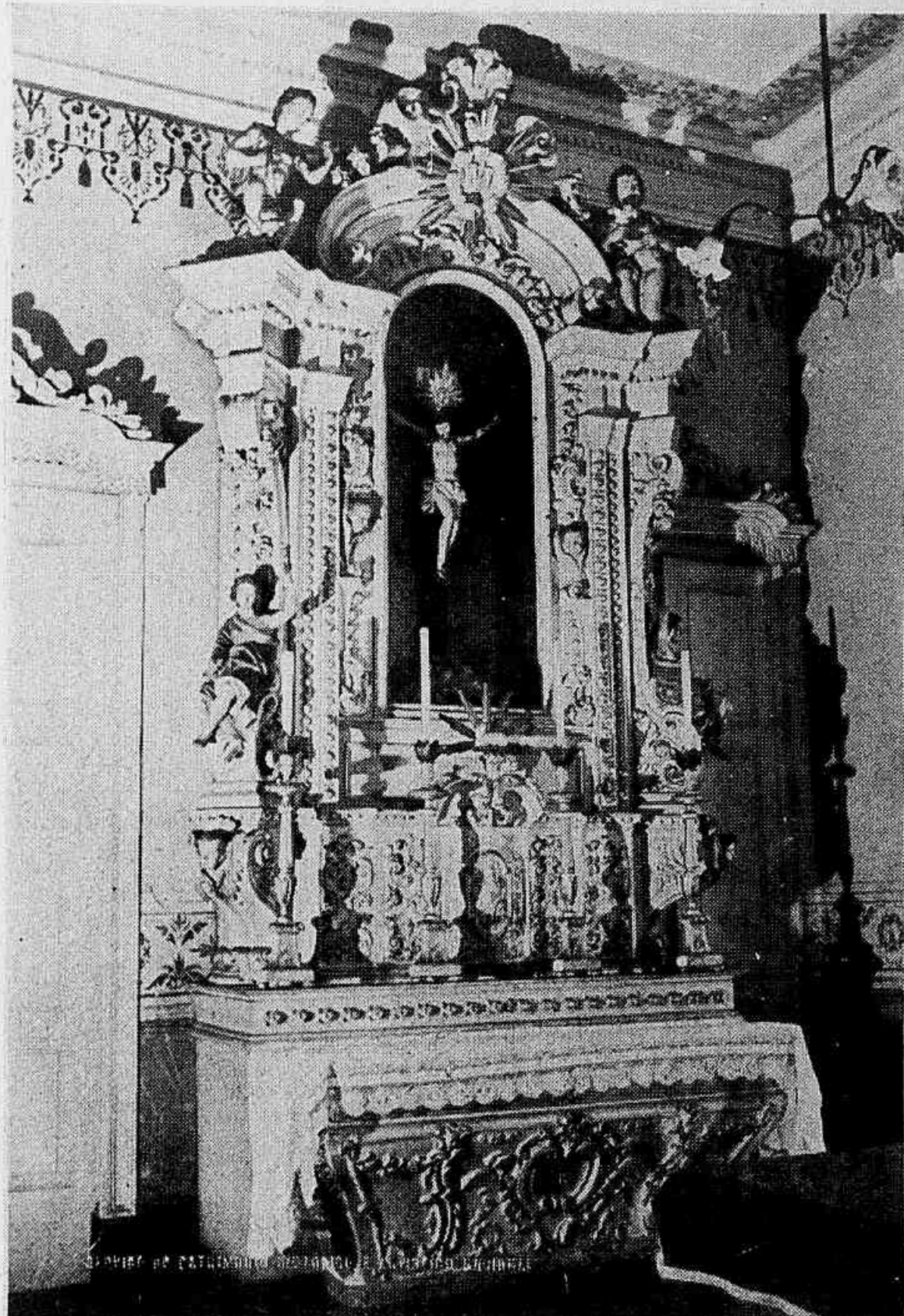
Correr a Via Sacra passou na linguagem popular a significar ir de onde a onde. Hoje, no interior de templos, ainda se pratica no Rio de Janeiro a cerimonia de outr'ora na via publica. Realisa-se a cerimonia nos dias quaresmais antecedentes á Grande Semana ou Semana Santa, culminante no silencio até dos sinos, nos altares desnudados da Sexta Feira Ma'ior. A Via Sacra e tudo quanto respeita áquella Semana Especial, a Ordem do Bom Jesus sempre praticou, remontando a tradições da cidade, no seu amplo templo de grande altar-mór e não poucos altares laterais.

Em mundo alóra nas velhas igrejas ha sempre qualquer cousa a vêr. Não raro até em ruínas evocam ou se impõem, disso temos exemplo no que resta ainda dos templos das seculares missões jesuíticas no sul.

Sem particularidade notavel, não deixava entretanto a igreja do Bom Jesus de ser um templo apreciavel. Barroco de fachada, a fabrica distinguia-se por amplitude e altura, e boa vestidura de talha sem dourados. Talha e curvilinearidade nunca faltaram á nossa arte colonial. Buril e talhatrio deram de comer a muitos artistas de tempos idos. A outros de idade mais moderna as ordens terceiras, as irmandades e as instituições de caridade do Rio de Janeiro proporcionavam trabalho. Pintores foram incumbidos de retratar bemfeitores ou irmãos benemeritos de ordens terceiras, irmandades e instituições de caridade, cada qual formando sua galeria de bemfeitores. Algumas telas são preciosas pela representação de pessoas, de tipo e de indumentaria completamente desaparecidos.

A Ordem do Bom Jesus possuía galeria de bemfeitores. Principiou gratidão pela devida ao fundador da ermida do Bom Jesus, José de Souza Barros. Deu-lhe em imagem por companheiro o bispo S. Jeronimo, seu primeiro doador *post mortem*, alem dele varios bispos da diocese de retratos em igrejas do Rio. Mandando retratar Barros e S. Jeronimo por Jorge Vedras, a Ordem recomendou-se. A terceiros, por bajulação, se não attribuia, como acontece, o que só se deve a primeiros.

A galeria dos bemfeitores da Ordem do Bom Jesus recebeu retratos devidos a artistas nossos, João Maximiano Mafra, Francisco de Souza Lobo, João da Rocha



Um dos altares laterais da Igreja do Bom Jesus do Calvario.

Fragoso, os três muito dedicados á arte do retrato que em tantas telas de mestres lhes sublima o genio prestando os maiores serviços á Historia na representação de personagens. Velasquez e Van Dyck que o digam.

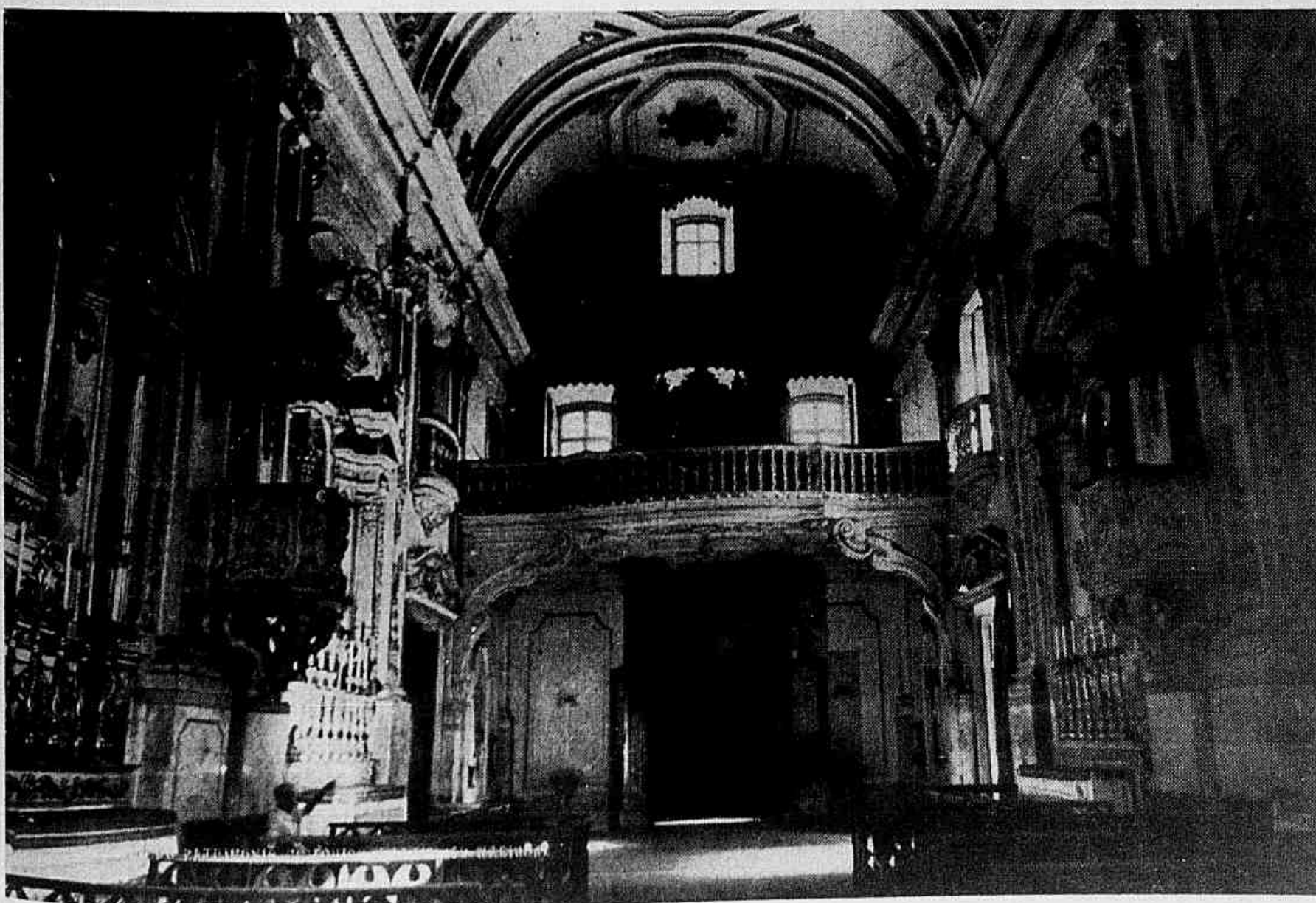
Como o sumiço da igreja do Bom Jesus some tambem uma característica religiosa no centro da cidade, a do atrio de templo cercado por grade. Tal característica a tiveram o Sacramento, S. Francisco de Paula, o Carmo, a Cruz dos Militares, restante ainda nas igrejas de S. Pedro, de S. Gonçalo Garcia e da Lampadosa.

Na Cruz dos Militares rodeavam o atrio grades de ferro presas a pilastras de pedra. Em S. Pedro, igreja de proxima demolição, ainda por alguns dias se lhe observará o atrio defendido por grade de ferro reto se primitivamente semi-circular em frente da porta do templo de forma tão á S. Pedro de Roma.

Na igreja do Bom Jesus o atrio ladrilhado de marmore era cercado de gradil, alargado este quando construíram o hospital. Cujo atrio ficou separado da igreja por uma grade de ferro, tornando independentes os dous edificios.

Com a igreja, o antigo hospital, desaparece igualmente a pequena travessa do Bom Jesus, comunicante das ruas de S. Pedro e General Camara. Deveu a cidade á Ordem a abertura da travessa, quasi sem predios, datando a abertura de 1851, registrando Moreira de Azevedo ter sido a Ordem a primeira a correr em procissão a nova via publica, que lhe custára a demolição de quatro predios de sua propriedade.

Trata agora a Ordem de obter terreno para igreja urbana como a antiga. Desta para a nova transportará o que puder do templo desaparecido. Um resto de lembrança no muito do amor da Ordem ás cousas do seu passado ultrapassante de dous seculos.



Outro aspecto interior, vendo-se o côro da Igreja.

UM CASAMENTO NA

A IMPONENCIA DE UM SACRAMENTO NUPCIAL

A MISSA VOTIVA

A CERIMONIA LITURGICA
NA CANDELARIA

Enlace

Henrique Carlos Mayall —

Amelia Maria Gaspar da Rocha

A cronica social da cidade acaba de registrar o enlace matrimonial da senhorita Amelia Maria Gaspar da Rocha, filha do falecido sr. José Gaspar da Rocha e de D. Maria Elisa de Oliveira Passos, e enteadada do sr. dr. Francisco de Oliveira Passos, com o engenheiro civil e de minas, sr. dr. Henrique Carlos Mayall, filho do sr. Alberto Carlos Mayall, e de d. Elvira Jordão Mayall. O ato civil teve lugar na residencia dos paes da noiva á Av. Copacabana n. 1.009, servindo de testemunhas da noiva a senhorita Rachel Boher e o sr. dr. Sergio de Seixas Corrêa, e do noivo o sr. Soares de Mattos e senhora d. Cristina de Miranda Jordão. O ato religioso, que se revestiu de destacada imponencia, foi realizado na Igreja da Candelaria, dia 5 do corrente, ás 11 horas, servindo de padrinhos da noiva a viuva senhora Bartolomeu Portela e o sr. dr. Francisco de Oliveira Passos; do noivo a viuva senhora Nilo Peçanha e o sr. dr. Fausto de Soares Alvim. DEMOISELLES D'HONNEUR as senhoritas Luiza e Maria de Seixas Corrêa.

A singularidade com que foi realizada a cerimonia do casamento, pelo ritual e pela pompa invulgar, atraiu a atenção de nossa reportagem social, convocando-nos a assistir entre tão seleta sociedade a alguma coisa de diferente e de belo, que por isso mesmo mereceu um destaque especial de nossa parte.

A CERIMONIA LITURGICA

A Candelaria se encontrava repleta dos representantes mais distinguidos de nossa elite social. Estavam presentes S. S. A. A. Imperiais, de Orléans e Bragança, príncipe D. Pedro, princeza Elisabeth e princeza Thereza. Aque-la luz irradiada pela alegria de todos os presentes se associava á luz artificial para o maior brilhantismo da solenidade. Ao som do côro, dirigido pelo maestro Ricardo Galii, o celebrante rymo. monsenhor Leovigildo Franca,



ALTA SOCIEDADE

usando a capa pluvial e acompanhado de dois "co-roinhas" recebeu a noiva no portico da Igreja, à qual chegou acompanhada de seus padrinhos, conduzindo-a ao altar onde era esperada pelo noivo. Após a cerimonia do sacramento, monsenhor L. Franca ocupou o microfone, de onde, de acordo com o ritual liturgico dirigiu a missa votiva *pro sponso et sponsa*, que foi oficiada pelo padre Paulo Trábulci, coadjutor da Matriz de Santa Therezinha do Tunel Novo. Durante a missa votiva, na qual ha duas orações de bênção, a primeira após o *Pater Noster* e a outra após o *Ite Missa Est*, pelo microfone, falando em português, o celebrante pediu a Deus a proteção especial para a noiva: *que seja feliz, fiel e casta, imitando as santas mulheres; seja amavel como Raquel; sábia como Rebecca; tenha vida longa como Sara; e que com seu esposo veja os filhos de seus filhos até a terceira e quarta*



geração e cheguem até a idade desejada da velhice."

Continuando, o celebrante dirigiu a segunda oração para os noivos, pedindo ao Deus de Abraham, de Isaac, de Jacob que derramasse todas as suas bênçãos sobre aqueles que naquele momento se uniam para sempre.

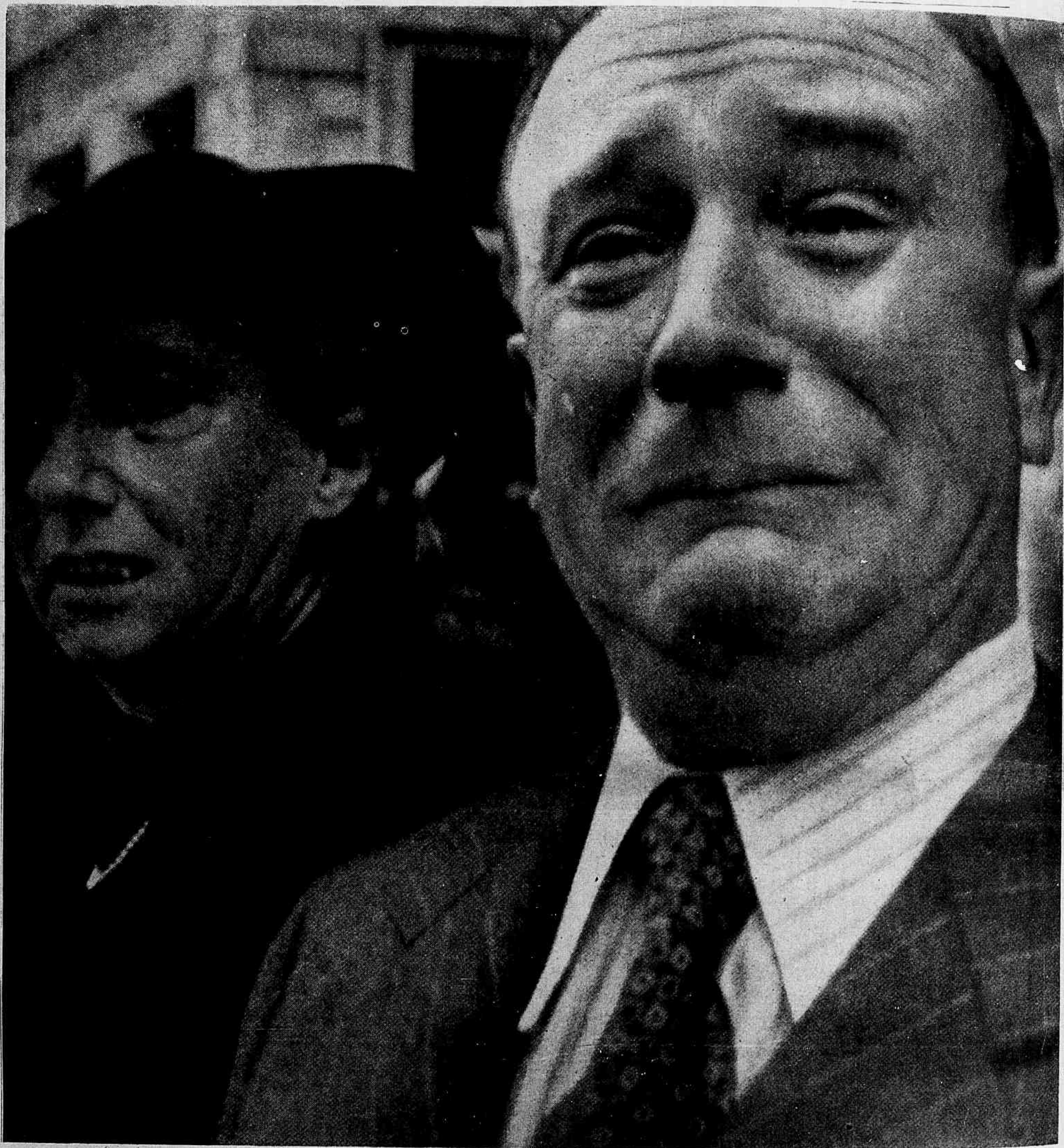
Terminando a cerimonia o oficiante espargiu agua benta e os esposos se retiraram, certos de que concretizaram uma felicidade que foi cimentada na casa de Deus.



Estampamos nestas paginas os flagrantes mais expressivos obtidos pela objetiva da REVISTA DA SEMANA durante aquela solenidade

TRES IMAGENS DA FRANÇA

Por HERMAN LIMA



Nada como certa imagem de emoção individual para nos tocar o coração. Esta guerra, pelo superlativo de monstruosidade — pela cifra dos morticínios nos campos de batalha, nos oceanos e nas cidades sujeitas aos bombardeios aéreos, tem de ha muito ultrapassado todos os limites da nossa reserva de condolências.

Todos os dias temos diante dos olhos as notícias das mais espantosas calamidades, chacinas, incêndios, devastações apocalípticas, naufrágios em massa.

Tudo o que a mente pode comportar, em prodígios imaginativos de horror, tudo o que o gênio dos poetas estelares da humanidade engendrou outrora, para espanto dos pósteros, através dos séculos dos séculos — as lutas da Odisséia, os tormentos do inferno dantesco, as tempestades morais do mundo shakespeariano — nada é, comparado ao que tem sucedido às populações do Velho Mundo, privadas de lar e de pão, orfãs de qualquer gesto de piedade, famintas das migalhas mais mínimas de qualquer esperança.

E' a Grécia, onde morrem de inanição quinhentas pessoas todo dia que Deus dá. A Bélgica, a Holanda, a Noruega, a Polónia, com as suas centenas de reféns, bestialmente imolados sem uma culpa. A Tchecoslovaquia e a Iugoslávia, vendo, dia a dia, desaparecerem do seu mapa humano povoações,

vilas e cidades, imoladas á mais cruel opressão que o mundo já tenha testemunhado até hoje. E a França — a França, cujo drama exorbita de todo cálculo, cuja desdita não pode sofrer paralelo na História, a França, derrubada de joelhos, de frente esmagando no pó de todas as derrotas, de costas apunhaladas no opróbrio das supremas humilhações. A França, que vivia do pão do espirito e morre agora de fome do pão da boca. A França de todos nós, que tivéssemos bulindo no peito qualquer centelha de idealismo e no espirito o mais pequenino grão de sementeira intelectual que fosse — trazendo-a dentro do coração, toda a vida, como o estudantezinho alsaciano, dadivosa e gentil, forte e generosa, doce e bendita pelo esplendor da sua arte, pela glória dos seus poetas, pela claridade do seu pensamento e pelo destemor de seus heróis. Sua dôr doia-nos na carne, os golpes que recebesse ardiam na nossa sensibilidade, a imensidade do seu sofrimento sobrava da piedosa simpatia que nenhuma criatura dotada da mais débil parcela de espiritualidade poderia negar-lhe.

Ninguém pôde, é obvio, alhear-se ao que está acontecendo ás gentes e aos soldados que padecem e se batem pelos mesmos ideais que são os nossos. Trata-se, além disso, de criaturas como nós, tendo, como nós, esposas mães, filhos.

Todavia, para essa avalanche de vítimas, a nossa piedade é restrita e dis-



persa, sem capacidade de se fixar em sofrimento tão vasto, no computo de uma desgraça tão imensurável.

A própria extensão dessa dôr haveria de trazer o inevitável dessa espécie de anestesia da alma, esse relaxamento da fibra espiritual que é a maior vitória dos conquistadores sobre os povos oprimidos e atinge por fim o próprio sentimento de afinidade moral dos outros povos.

E' o embrutecimento em massa, o entorpecimento global de que só as extremas reações têm o dom de acordar ainda os colossos abatidos.

E é quando vem, justamente, o sinete da emoção individual sacudir o marasmo.

Na longa crônica de desgraças que os nossos olhos vêm entreendo pelo curso dos acontecimentos desta hora, salta-nos afinal a imagem flamejante.

Foi, primeiro, essa espantosa fotografia de revista americana, expondo ao mundo esse casal de franceses que chora diante das bandeiras triunfais da França marchando ainda imaculadas para o caminho do continente africano, onde ao menos o pé do invasor não calcara o orgulho gaulês.

Passam assim, por estes trágicos avatares dos granadeiros de Austerlitz, os estandartes que vieram de Marengo, de Charleroi e de Verdun. Passam as bandeiras da França da Vitória, rasgadas de balas, batidas do vento das refregas, beijadas pela boca dos heróis moribundos — a carregarem para o deserto outras terras da França — o espectro dum passado que passaria então a viver apenas no coração de milhões de patriotas.

Os fantasmas de Joffre, de Páu, de Gallieni, de Foch iam á frente, na poeira de ouro das apoteoses que não se apagam, a fronte augusta vergada ao peso duma vergonha que jámais teriam podido compreender — para ficar sozinho, de pé — atrás do cortejo imarcescível, o perfil de esfinge do velho marechal da rendição.

Com o último eco dos tambores apagava-se também para aquelas duas almas destroçadas a esperança e se extinguia a fé.

Lágrimas de mulher que dera, talvez, de olhos enxutos, o filho único, em defesa da mesma pátria — que o marido, veterano de 14, soubera honrar.

Lágrimas de homem, nem de leve traduzindo vilipêndios de poltroneira, pois assim choram, virilmente, aqueles que estão vendo, na impotência integral de suas energias, descenderem ao seio da terra os despojos dalgum ente estremecido.

Depois, dois anos depois, outra imagem dum realismo tão lancinante que o coração sente um desgarrar, uma fisgada de injúria física.

E' a França que acredita ter-se acostumado com o infortúnio, abdicando de todo esforço de libertação, ajeitada irremissivelmente á conformação de todas as misérias — a mesma França que conheceu, por um dia, a vergonha de Sétan e não quer mais acalentar sequer a mentira da última esperança.

Esta inesquecível máscara de anciã, que mira o chão da terra natal espelhada como se fosse o da própria sepultura, com este frio desespero, estampado nos traços, este fatalista conformismo, esta implacável impassibi-

bilidade de quem nada mais tem a gozar nem a sofrer — como nos martiriza, como nos faz sangrar de mágua o coração.

Mas que? Diante desta mulher reduzida á condição de rez de *abattoir* — no fundo do nosso peito estala de subito uma vibração de alvorecer — o divino estremecimento duma nova Natividade.

Não, não é possível que esta seja a França, não podemos aceitar que tudo tenha acabado assim! Esta criatura do povo, que traz a alma torturada pelo terror doutro inverno sem pão, nem fogo, nem agasalho, sem a promessa dum novo sol de primavera — não tem nada da França que a pastorinha de Domremy meteu um dia no seu corpo franzino, para a transfiguração do Tabor de Orléans.

A epopéia do afundamento voluntário dos navios de guerra de Toulon marca, neste momento, o lampejo da espada que se levanta, afinal, para a libertação e para a revanche.

Não é preciso que o grito das trincheiras do Marne — *Debout les morts!* — ecoe por mais tempo.

Os vivos deram já o passo elástico da arrancada.

O colosso da Marselhesa de Rude enrija novamente os musculos no alto do frontão do Arco do Triunfo — acima de toda a França — outra vez descerra os lábios de pedra para o clamor das apóstrofes imortais.

Doravante a França, como o *Aiglon*, de Rostand, póde bradar de novo:

"Il ne doit plus rester, plaine, dans tes rafales,

Que les bruits de la Gloire et les voix triomphales!

Oui! j'ai bien mérité d'entendre maintenant

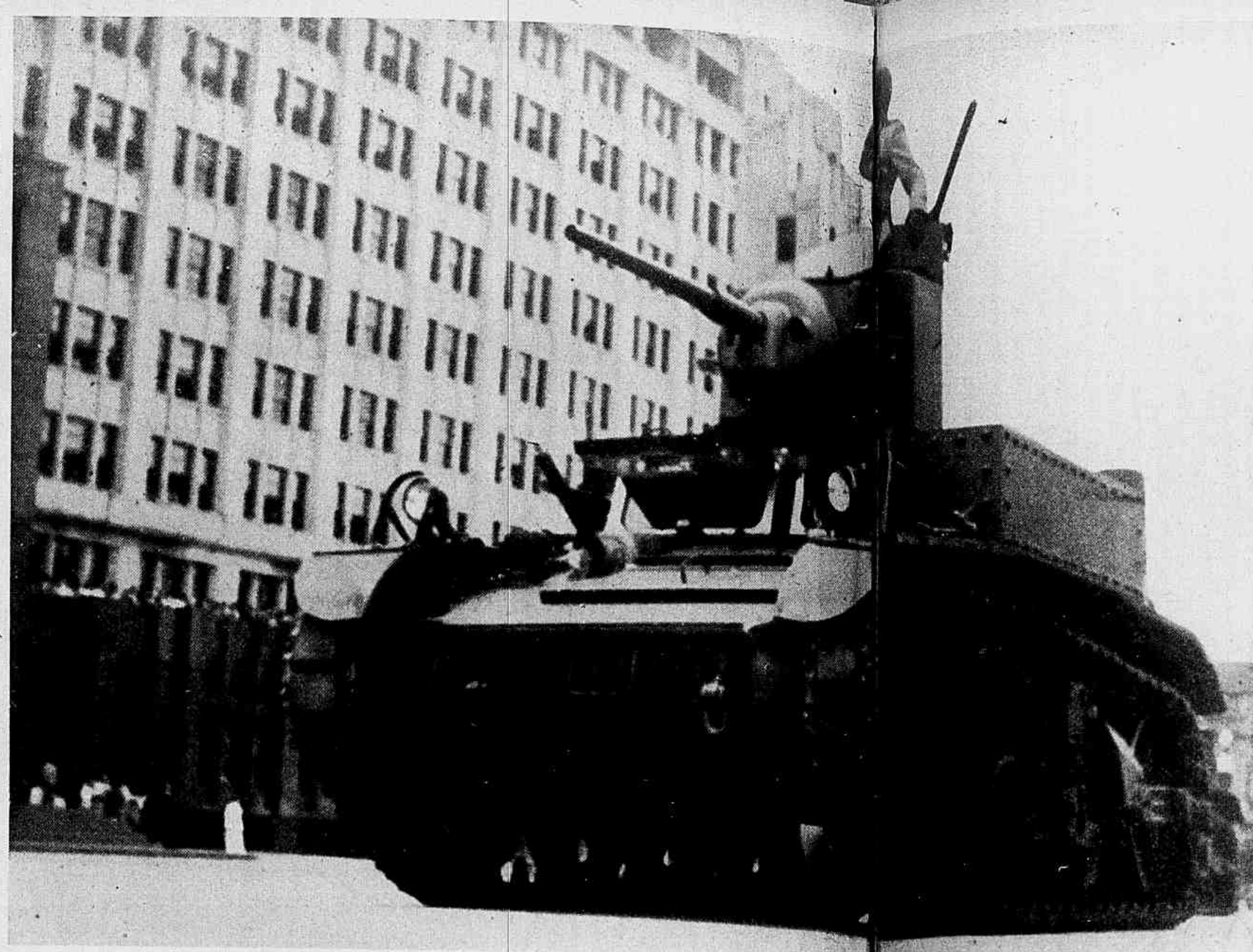
Ce qui fut gémissant devenir claironnant!...

De voir ce qui trainait de triste au ras des chaumes

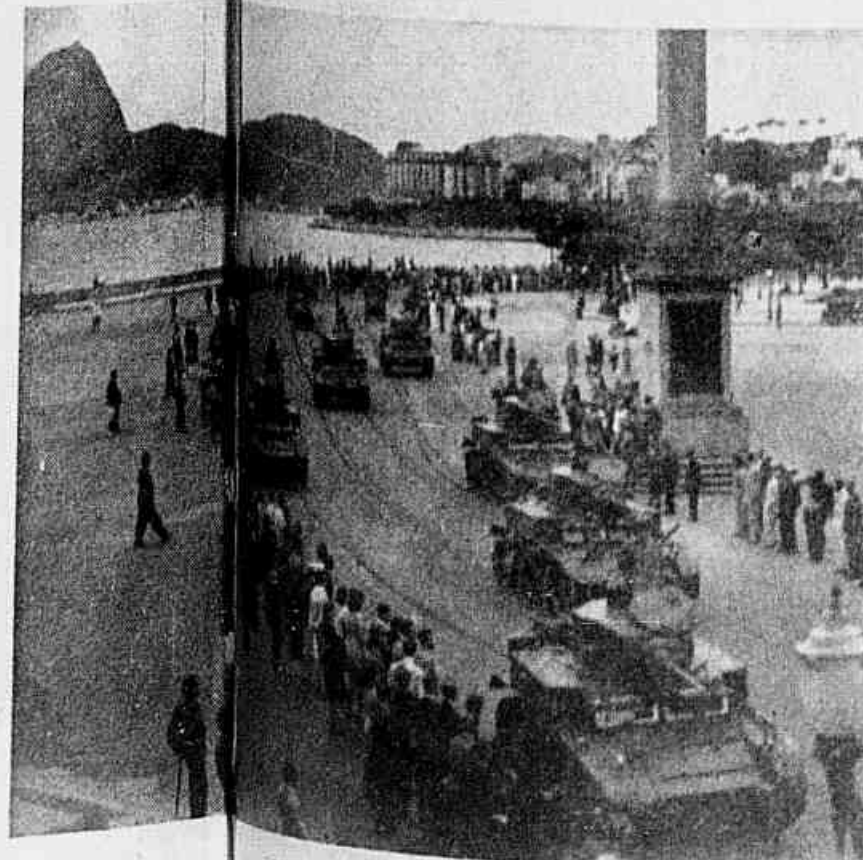
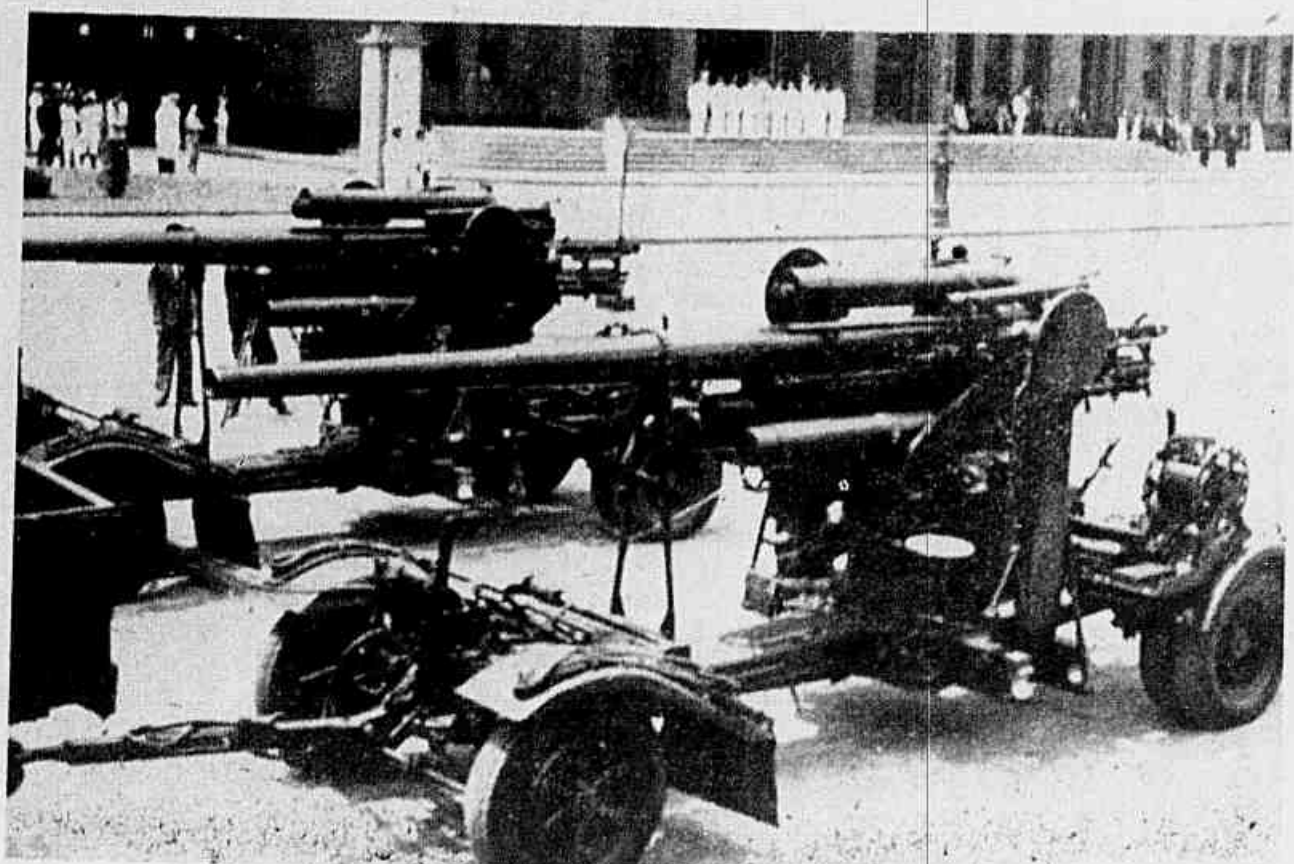
S'enlever tout d'un coup en galops de fantômes!"

Terá ficado assim completa essa trilogia de imagens da França de Pétain, da França de Laval, da França de De Gaulle e Jeanne d'Arc.





ASPECTOS DO NOVO EXERCITO DO BRASIL



A guerra está tão estreitamente ligada à história dos povos como o trabalho e o esforço à vida do homem. Na verdade, o fenômeno bélico nada mais é que um reflexo amplo da luta profunda que se trava dentro de todos os seres organizados. Em si, no plano biológico, a vida é uma série de desequilíbrios condicionados por equilíbrios instáveis... Como conceber portanto que a sociedade — constituída como é por esses seres instáveis — possa apresentar características que não sejam de instabilidade? E, consequentemente, como conceber que os povos, que são complexos de sociedades, existam em harmonioso equilíbrio?

No plano social, como no mundo físico, a toda ação corresponderá sempre uma reação. Não é preciso, portanto, usar muita imaginação para daqui concluir que, onde quer que exista o bem, aí estará também o mal. Toda medalha tem um verso, e o mal é o verso da medalha do bem.

Nós já nos acostumamos a encarar como ordem natural o princípio de destruição que impera no mundo animal e vegetal. Sabemos que a vida dos animais carnívoros é baseada na dos herbívoros, e a destes na do mundo vegetal. Sabemos que a morte é o ponto de partida para a vida, como a vida é o princípio da estrada que vai dar na morte.

Não obstante tudo isto, há algo de desespero na reação de todo homem sadio diante da guerra. Confrontados embora, decididos mesmo a dela participar com todas as forças do seu ser, os homens acreditam que a guerra é uma enfermidade e são "sempre" inclinados a acreditar que "esta" será a última.

E' que a guerra é um fenômeno social. O homem existindo nela como instrumento não lhe pôde apreender o verdadeiro sentido — a parte nunca compreenderá o todo. Assim também o homem não consegue alcançar a razão de ser do progresso e decadência dos povos, da evolução e falência das nações.

De cima de sua ciência o mais que ele consegue fazer é apontar as características e explicar os fatos sociais que já estão no passado.

Na ordem prática, cumpre-nos entretanto dizer, os homens têm a guerra como uma coisa "normal" embora imprevisível — como um terremoto ou uma enchente. E previnem-se contra ela, como se previnem contra os cataclismos.

E' natural, de resto, que os homens tenham descoberto a força formidável de destruição que existe no fenômeno bélico. E que tenham algumas vezes procurado colocar essa força a seu serviço — a exemplo do que haviam feito com outras forças cegas do mundo cósmico, como a do vento, a dos rios, a do trabalho animal e humano. E daí nasceu a guerra de conquista — que é nada menos que um desencadeamento de forças da natureza (neste caso da sociedade humana) por indivíduos que pretendem tirar proveito da situação. Não é de admirar que, quase sempre, na voragem do desencadeamento de forças que estão acima da vontade humana, sejam tragados os próprios provocadores da tragédia — como é comum as chamas devorarem aquele que ateou fogo na floresta. Depois de soltas as feras só o destino poderá dirigi-las.

Entre a guerra de conquista e o preparar-se para a guerra, evidentemente, existe a mesma diferença que separa aquele que provoca o mal de quem o previne. Armar-se para poder defender-se no momento necessário é caso puro de profilaxia, e nada tem a ver com exaltação bélica. E' tão natural como drenar os campos para evitar a invasão dos mosquitos...

E porque é assim tão natural, é também uma necessidade. Deixar de prevenir-se contra males que independem de nossa vontade é mais do que relaxamento — é crime contra si próprio.

O Brasil compreendeu isto e armou-se. Cabe-lhe a defesa, contra tempestades imprevisíveis e sempre iminentes, de um dos mais preciosos patrimônios já possuídos pelos povos da terra. A posse desse patrimônio só será integral se os seus possuidores tiverem consciência de que o podem defender e o defenderão de fato.

Quando tivermos plena essa consciência — e sentimos que já a podemos ter — teremos então a certeza de que somos uma grande nação.

LINO CANTER

(1)

Nestas páginas vêem-se: em cima, da esquerda para a direita, carros de combate de 12 toneladas, armados de metralhadoras pesadas anti-aéreas e canhão; o comandante de um batalhão de carros de combate em continência à bandeira; porta-estandarte dos Dragões da Independência; ao centro, transporte motorizado de tropas; carro auxiliar de 4 rodas motorizadas; bateria de projetores da defesa anti-aérea; artilharia hipo-movel de campanha; em baixo, tropas de choque muniticistas; unidades de baterias anti-aéreas; companhia de carros de combate; porta-estandarte de tropas motorizadas.



De São Paulo

A passagem do dia da Bandeira foi comemorada em São Paulo com numerosas e significativas festas civicas. Nos quartéis, nos lares, nas fabricas, nas repartições publicas, o pavilhão auri-verde foi alvo de expressivas solenidades. A mocidade estudiosa e numerosos elementos componentes de nossas forças armadas e dos batalhões de voluntárias femininas estiveram presentes ás principais solenidades civicas. As fotos que estampamos nesta pagina mostram, de cima para baixo: jovens atletas que conduziram a Bandeira no desfile pelo Anhangabahú; bombeiras voluntárias; voluntárias da defesa-passiva, e escolares em desfile.



Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

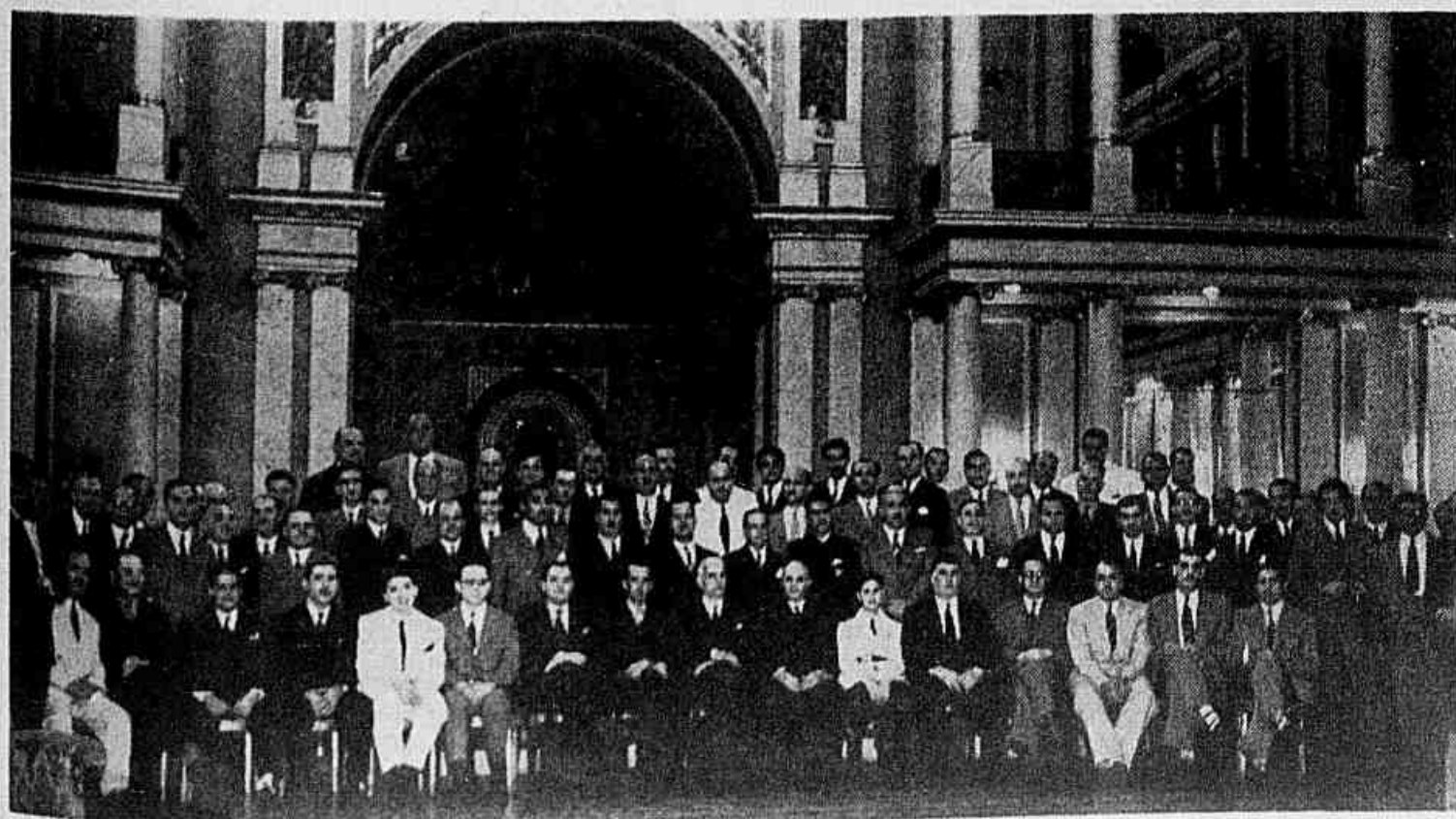
★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succedora de MAPPIN STORES
R. RANOS DE AZEVEDO, 8-BRASIL



Uma merecida homenagem



Elementos destacados das colônias syria e libaneza, domiciliadas nesta Capital e pessoas de expressão brasileira, prestaram ao sr. Jorge Saba, conceituado comerciante em nossa praça, e figura de grande relevo social, uma carinhosa homenagem, a qual constou de um banquete no Automovel Club do Brasil.

Da comissão constituída para elaborar o programa dessa manifestação de apreço, fizeram parte os srs. Ganem Nahum Ganem, Maurício Chame, Gabriel Diuana e dr. André Murad.

Ao champagne saudaram o homenageado os srs. Ganem Nahum Ganem e dr. A. Porto da Silveira, exaltando as qualidades de filantropo do distinto homenageado, o qual sempre se mostrou disposto a auxiliar todas as iniciativas generosas.

O sr. Jorge Saba agradeceu, em comovido discurso, as homenagens que lhe dispensavam naquele momento amigos, admiradores e colegas.

A REVISTA DA SEMANA se fez representar na solenidade, tendo a nossa objetiva focalizado os aspectos que estampamos nesta pagina, o que constitui de nossa parte uma merecida homenagem ao sr. Jorge Saba.



UMA GAROTA DIFERENTE — Aqui está como aparece Andreas Johnson, metida na máscara de gesso. Vamos concordar que não é nada atraente!



UM NOVO MÁSCARA DE FERRO? — Não! É ainda a senhorita Andreas que continua mascarada de gesso, enquanto a massa não endurece, para lhe reter a imagem.



NEGATIVO E POSITIVO — E aqui podemos comprar melhor o modelo e a reprodução. Resta agora passar o molde para a figura definitiva. Cabelos e cílios serão postos depois.

LINDAS, POR



MOSTRA DE PERNAS — Pernas bem feitas são também uma parte essencial dum manequim moderno. Aqui está um recanto da loja, onde cada perna é submetida a um test de equilíbrio, naturalidade e pose graciosa.

O leitor já terá notado que as vitrinas das lojas de modas se tornaram muito mais atraentes, nos últimos tempos?

Já reparou no que é que lhes dá esse aspecto?

Se responder "sim" à primeira pergunta e "não" à segunda, vamos ajudá-lo a descobrir onde está a diferença.

E' por causa dos lindos manequins modernos, ora aí está.

Embora inarticulados como sempre foram, esses modelos de gesso e de pau não têm mais aquele ar estúpido, aquela expressão pasmada que sempre tiveram. Hoje parecem ter caráter, — quasi mesmo personalidade.

Quando vir um desses novos manequins, exibindo o que haja de mais recente em vestidos de soirée ou em trajes de esporte, póde estar certo de que há toda probabilidade deles terem vindo dos *studios* da senhora Lillian Greneker, pioneira dos manequins mais bonitos e menos inexpressivos. O talento dos escultores, dos artistas e do técnico moderno combinaram-se para criarem essas pequenas cheias de *glamour* das vitrinas da moda. — Cada uma dessas grandes bonecas é a réplica dum lindo modelo vivo.

Nestas duas páginas podemos vêr como se moldam os novos manequins.

O modelo vivo da fotografia é a bonita Andréa Johnson — tendo sido apanhadas todas estas fotografias nos *studios* Greneker, de New York, berço das garotas criadas para a única finalidade de usarem vestidos de seda, casacos de arminho e outras elegantes tafularias femininas.

A massa com que se tomam as impressões faciais ou moldes do rosto do modelo é dum material de fórmula secreta. E' muito leve, endurece rapidamente e tem um perfume agradável. Ao contrário do gesso usado antigamente, não causa incômodo à pequena que esteja posando.



MAKE-UP — Agora as feições e as sobrancelhas são acrescentadas. O rosto vai tomando caráter sob o pincel dum artista verdadeiramente perito.

Não! E' ain-
nascarada de
a lhe reter a



UM PUNHADO DE MÃOS — Que seria do manequim mais lindo, sem mãos? Temos neste instantâneo uma boa coleção de finas mãos femininas. Esculpir mãos graciosas e bem conformadas é uma arte.

REM MUDAS



PENTEADOS — Nada de cabelos pintados numa cabeça de cera, como se fazia antes. Cabelos de verdade, arranjados num penteado da última moda, completam o manequim.



IRONIAS DA VIDA — Três lindas criaturas de gesso, destinadas a vestir sedas, veludos, voiles caros. No entanto, a pequena modista que lhes prepara os vestidos usa os tecidos mais baratinhos do mercado.



FAI SA OU DE VERDADE? — Aqui está o modelo vivo e sua imagem. O manequim parece ter herdado um pouquinho da personalidade da senhorita Johnson. Notem a atitude da cabeça, a expressão da boca e o ângulo dos supercílios.

são pin-



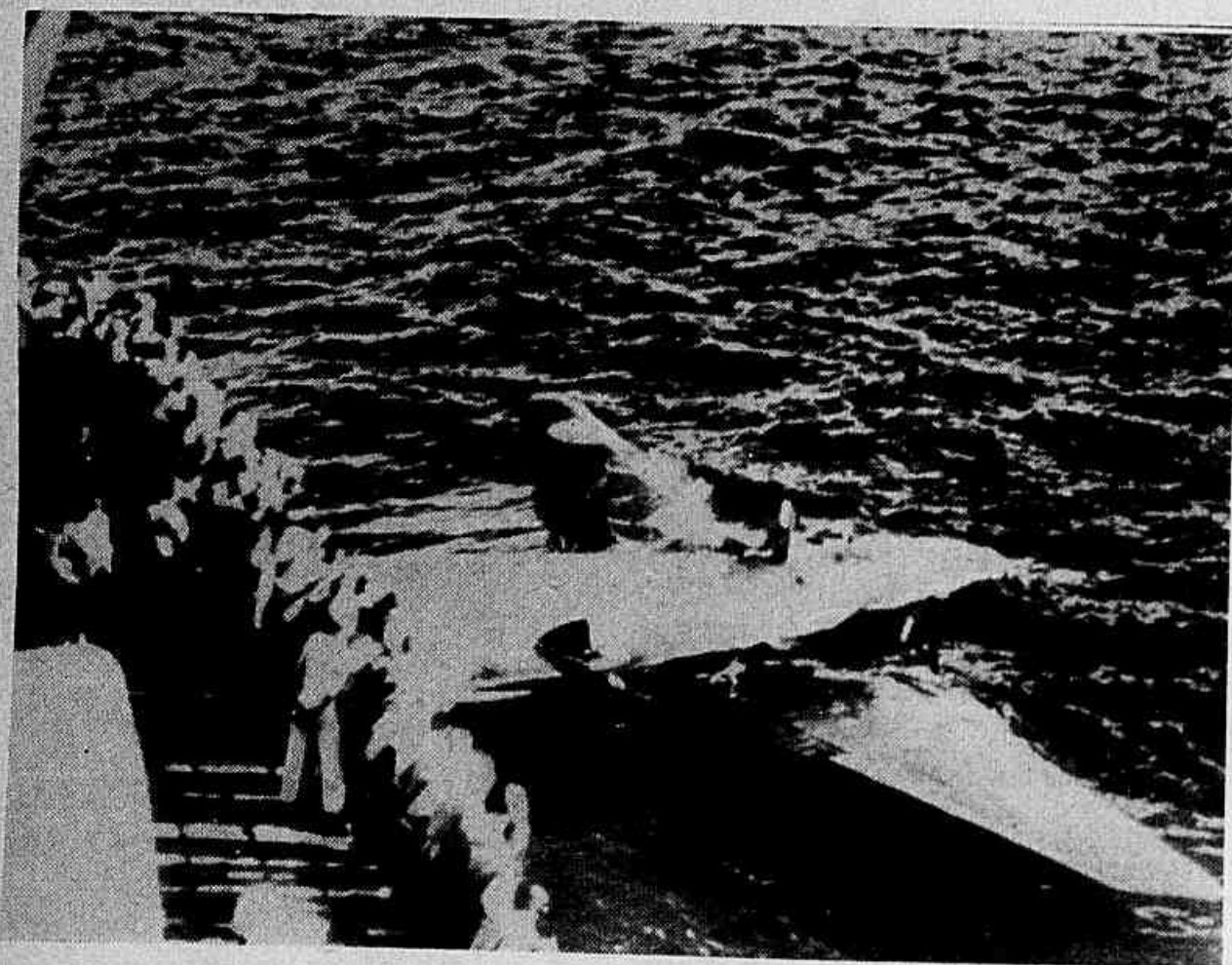
MAIS UM PULVERIZADO PELAS BOMBAS INGLESAS — Esta notável fotografia, recebida do Egito por telefoto, é um pequeno detalhe da grande batalha de El-Alamein onde foram destruídas as panzers de Rommel. Vemos aí um grande tank alemão recebendo em impacto direto de uma bomba de avião britânico.

Graficas da Guerra

UM QUE NÃO TEVE CHANCE — Soldados americanos examinando os restos de um caminhão francês que foi posto em chamas pelo fogo dos aviões aliados no curto período de hostilidades. Estes homens procediam à ocupação do território do Marrocos e estão a oito quilômetros da cidade de Safi.



BENGHAZI NOVAMENTE EM MÃO DOS INGLESSES — Esta foto, apanhada após a queda da capital da Cirenaica em mão dos ingleses, mostra Benghazi. No fundo vê-se um vazo de guerra italiano em chamas. No primeiro plano a catedral e os bairros residenciais perfeitamente intactos, após o bombardeio inglês.



DIVERTINDO-SE A CUSTA DOS JAPONESES — A tripulação deste destróier norte-americano á falta de algo mais espirituoso diverte-se em pescar esse grande passaro japonês de dois motores que uma bala certa pôs em frangalhos. Pôde-se notar a parte da fuselagem que foi arrancada pelas bombas.



ROMMEL MEDITA SOBRE A DERROTA... — Após receber as primeiras notícias da *débâcle* dos seus exércitos em El-Alamein, o marechal de campo Von Rommel (á direita) é acometido de um ataque de meditação. Esta interessante foto chegou a Londres através de fontes neutras.

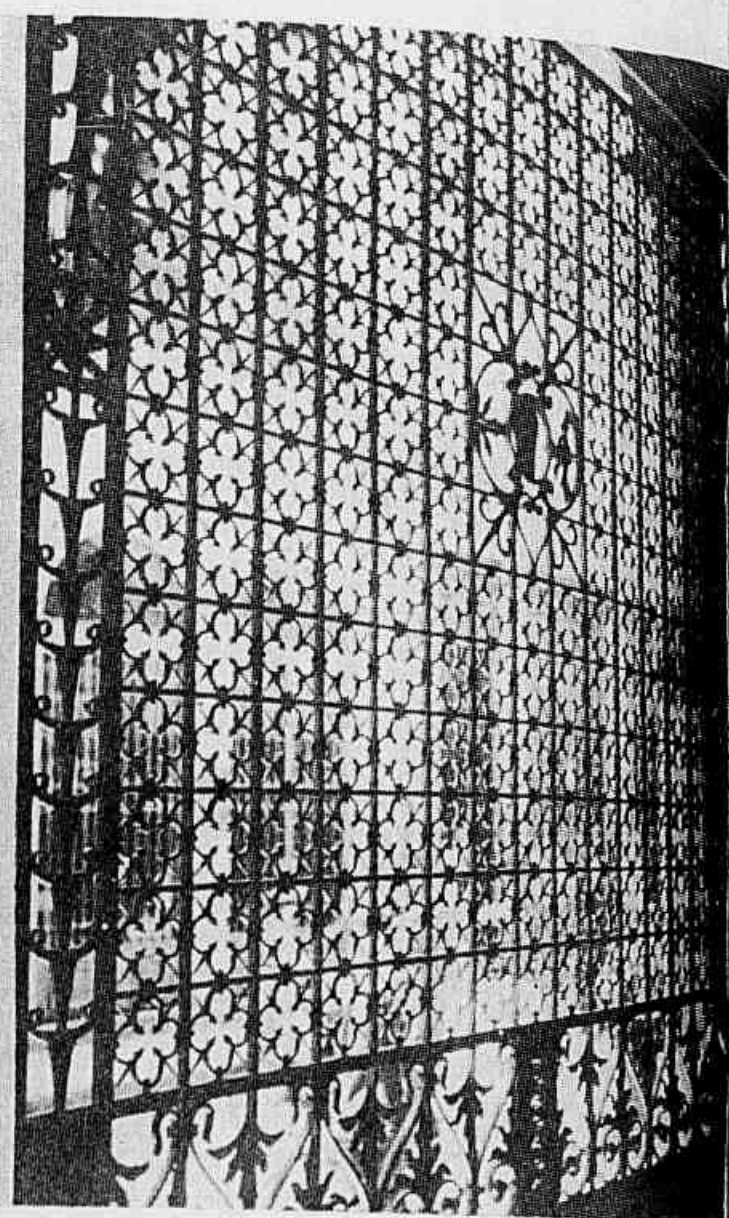
UM ANO DE GUERRA DA INGLATERRA E ESTADOS UNIDOS CONTRA O JAPÃO

C. F.

Conquista lumi



NÃO É VERDADE. — Os arcos, vistos d'êste ângulo ficam diferentes. Parecem um daqueles viadutos romanos, cujas ruínas até hoje lembram um império. Paralelamente dir-se-ia correr uma estrada... Tudo, entretanto, não passa de uma fantasia preparada pelo fotógrafo.



HAREM. — A primeira vista esta grade faz lembrar os portões de um palácio oriental. Nossa fantasia espera mesmo que apareça atrás dela a silhueta mágica de uma mulher. Mas isto foi obtido no Rio, do interior de um banco.

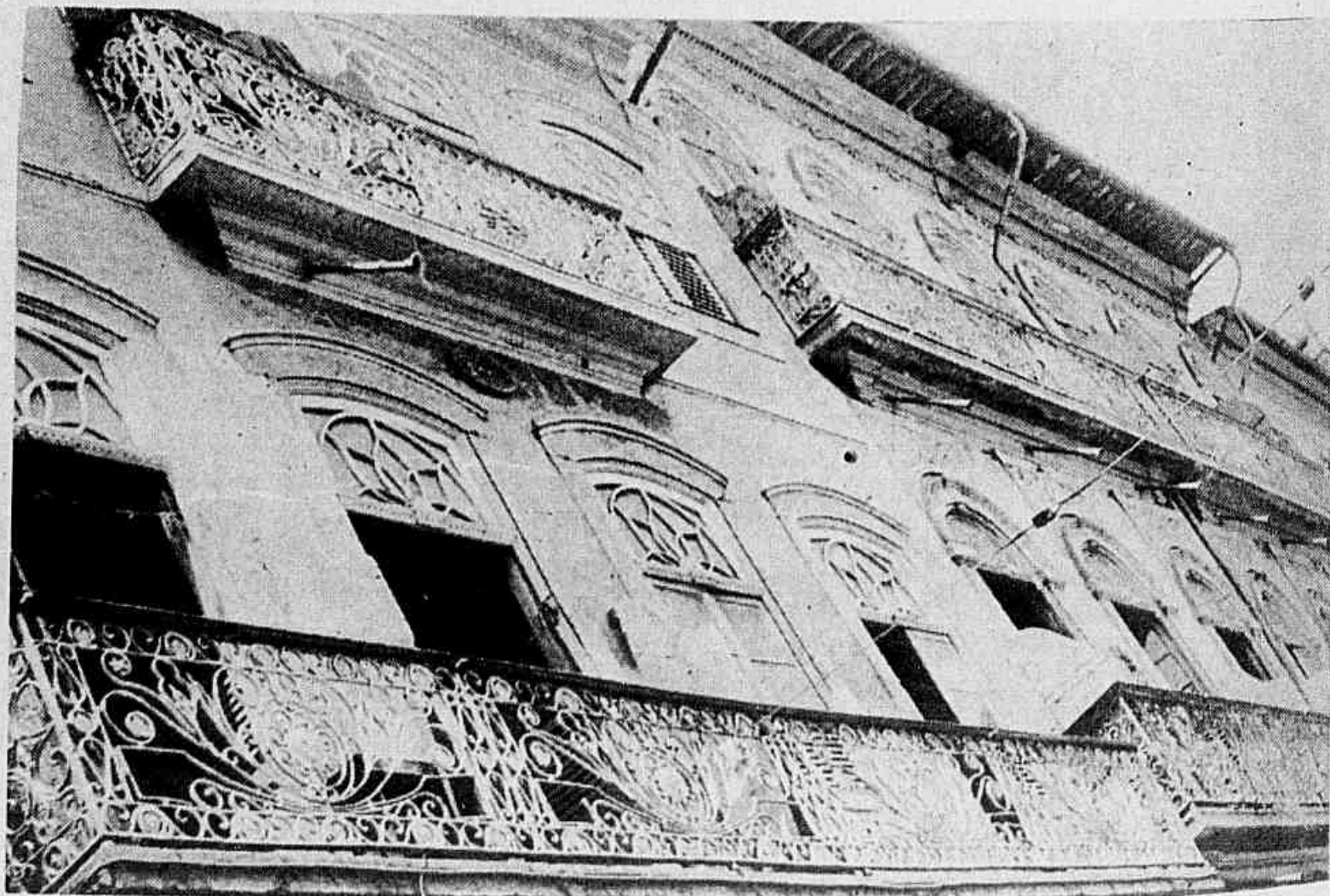
ALGUMA vez, leitor amigo, já prestaste atenção ao mundo? Não a êsse mundo que flutua nos teus pensamentos cotidianos, palavra que significa para todos nós a própria vida, na sua trágica realidade. Não, repetimos, falamos simplesmente do mundo físico, dessa maravilha que nos cerca, onde cada contraste é uma harmonia, cada côr é uma sugestão. Se não olhaste nunca para êle, não prossigas na leitura destas linhas; volta, apenas, quando tiveres sensibilidade.

Cabe ao fotógrafo "surpreender" a luz e a linha, a fôrma e a sombra, arancando belezas dêsse conjunto; modelando eternidades dêsse efêmero...

Antigamente os homens adoravam a natureza. Faziam sacrifícios ao sol, ao mar, aos rios. Cantavam a fecundidade da terra, na festa esplêndida do amor. Havia duendes na floresta e deuses no Olimpo. O animismo penetrou na essência de todas as fôrmas.

Depois êle foi abdicando de sua qualidade de ser pensante; passou a *conviver* com as coisas, em vez de *prever* a elas. O relógio — a máquina e o tempo — simboliza bem o drama do homem ocidental...

Daí o sentido da rebelião dos espíritos, nesta aurora de século XX. E' a reconquista da liberdade, da santa liberdade de *possuir* o universo. A fotografia é a conquista luminosa do mundo.



VERTIGEM. — Esta é a rua de São Pedro, neste Rio que todos conhecem. Entre os dois edifícios enormes, a igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

LOUCURA. — A técnica dos ângulos fechados obtém quadros como êste. Com estas casas velhas da rua do Lavradio conseguiu-se êste efeito. Altera-se a própria estabilidade do mundo.

iosa do Mundo



TERRA DE BANANAS. — Esta montanha de bananas parece que está depositada em qualquer recanto de fazenda, ou num porto de embarque. Nada disso acontece, porém. Trata-se, apenas, de um caminhão, transitando em plena rua Uruguiana. "Mágica" fotográfica, poderão dizer.

FIGURA MITOLÓGICA? — Cremos que não. A mesma fotografia, tirada de frente, no plano horizontal, sairia morta. Desta maneira, entretanto, tornou-se quase fantástica a expressão de D. João VI.



TRÊS TEMPOS. — O quadro na parede do café — o espelho — e o que está na frente do espelho, constituem três planos diferentes. O quadro é o passado, os homens e a mesa, o presente; o espelho a reprodução do presente, portanto a sua memória — o futuro!



ATLETAS DE GRAVATA. — Esta cena mostra bem quanto custa ao fotógrafo o desempenho de sua missão. Ele precisa de força, leidez, paciência e, sobretudo, desprezo ao preconceito.



ESTRATÉGIA. — O fotógrafo em muito se parece com o soldado. Dispõe de uma arma — a câmera — e vive preocupado com as condições do terreno. Ai aparece Arnaldo Vieira, autor das demais fotografias desta página, numa atitude bélica, em algum lugar do Rio.



O DIA DA TCHECOSLOVAQUIA NO CLUBE PAISSANDU' — Obteve grande êxito o "chá-bridge" do Clube Paissandú, no dia da Tchecoslovaquia, em benefício da Cruz Vermelha desse país. As salas foram especialmente decoradas pelo pintor tcheco Jan Zach e as moças, em trajes nacionais da Tchecoslovaquia, despertaram grande interesse do público. Entre os presentes notavam-se os representantes diplomáticos da Tchecoslovaquia, Polônia, Noruega, Holanda, Iugoslavia, Grã-Bretanha, México, Perú e Venezuela, a Princesa Elisabeth de Orleans e Bragança, ministro Joaquim Eulálio, almirante Castro Silva, Sir Henry Lynch e muitas outras personalidades de destaque na sociedade. As duas fotos acima apresentam aspectos da linda festa.

NOTICIÁRIO ELEGANTE



Senhorinha Madalena Alcantú, eleita Rainha da Primavera de 1942, nas tradicionais festas comemorativas dessa linda estação do ano, promovida pela Associação Recreativa Jauense (Jau, Estado de São Paulo).

ANIVERSÁRIOS

12 Senhora Darcy Sarmanho Vargas; senhores general Pedro Aurélio de Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, atualmente licenciado; drs. Alfredo Conrado de Niemeyer, Valério Coelho Rodrigues e Carlos Bittencourt.

13 Senhoras Ida Werneck e Herminia Madeira; senhoritas Almira Duarte e Ivone Soares; o ministro Edmundo Lins.

14 Senhorita Neuza Ramos; senhora Risoleta Moura Bandeira; senhores dr. Odílio Costa Filho, redator do *Jornal do Comércio*; drs. Mario Brant e José de Gervais.

15 Senhorita Helena de Souza Cabral; Senhora Alzira Souto; senhores desembargador Burle de Figueiredo, drs. Augusto Pinto Lima, Eugenio Martins Pinto.

16 Senhores ministro F. T. da Cunha Melo, desembargador Mario Caetano de Castro, almirante Raymundo de Melo Braga de Mendonça.

17 Senhores professor Afrânio Peixoto, da Academia de Letras; general Mauricio Cardoso, drs. Henrique Figueiredo Vasconcelos, Bartolomeu Anacleto e Cincinato Ferreira Chaves.

18 Senhora Isabei Rodrigues Alves Muniz de Aragão, Vitoria Alves Bocayuva Cunha; senhores drs. José Maria Belo e Luiz Aranha.

Em nossa reportagem do numero anterior, intitulada ECOS DAS COMEMORAÇÕES DO 10 DE NOVEMBRO, declaramos por engano que na sessão civica promovida pelo "Conselho Anti-Existista de Vigilancia e Trabalho dos Funcionarios do Banco do Brasil" foram entregues ao general Ivo Soares, presidente da Cruz Vermelha Brasileira, a quantia de 52.000 cruzeiros, recolhidos por aquela entidade, quando se tratava de 52.000 cigarros.

Aqui fica a nossa retificação.



EM BENEFÍCIO DAS OBRAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL — Constituiu acontecimento marcante no "carnet" social da cidade, a "première" de "Rosa de Esperança" no Metro-Passeio. Tendo sido em benefício das obras de assistência social essa "avant-première", a sessão foi assistida pela senhora Darcy Vargas e por numerosas outras damas ilustres da nossa sociedade. A foto acima foi apanhada no "hall" do Metro pouco antes de ter início a exibição de "Rosa de Esperança". Além de outras pessoas vêm-se aí as senhoras Darcy Vargas e Gustavo Capanema.



HOMENAGEM A' SRA. MAGDA ARCE FERNANDEZ — A convite do Governo, esteve nesta capital a sra. Magda Arce Fernandez, sub-chefe da Biblioteca da Universidade de Santiago do Chile, que visitou as organizações congêneres, do Rio. As bibliotecárias do D.A.S.P. ofereceram um chá á ilustre visitante, no aeroporto "Santos Dumont", vendo-se acima a homenageada entre as suas colegas brasileiras, tendo ao lado a sra. Lidia de Queiroz Sambaqui, diretora da biblioteca do D.A.S.P.

A' esquerda:

ENLACE CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE — SOUSA BRASIL — Efetuou-se a 12 de Novembro p. passado o enlace matrimonial da senhorinha Maria Thereza Sadok de Sá Cavalcanti de Albuquerque, filha do cel. Aristarcho Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, comandante do Corpo de Bombeiros, com o sr. Flávio Pompeu de Sousa Brasil, do alto comércio de Fortaleza. O ato religioso realizou-se na igreja de São Sebastião dos Frades Capuchinhos, e o civil, na residência dos pais da noiva. Serviram de padrinhos, no primeiro, o sr. José Pompeu de Sousa Brasil e Sra. pela noiva, e o major Henrique Delfino Sadok de Sá e esposa, pelo noivo. No ato civil, o sr. Henrique Candido Sadok de Sá Cavalcanti de Albuquerque, oficial de gabinete do Interventor na Paraíba e a viúva João Pessoa; e o cap. Gerbert Perissé e senhora. Foi um acontecimento de alta relevancia, não só pelo elevado conceito social desfrutado pelas duas famílias, como, também, pela pompa de que se revestiram os esposais.



Use assim o seu chapéu



Influencia da *casquette* dos convocados?
Quem sabe lá?

Pelo menos parece.

Pois a moda de pôr o chapéu á banda, quando não tenha nascido daquele filme de Joan

Crawford, *Um rosto de mulher*, lembra de todo modo, coisas militares — a arte da *camouflage* acima de tudo. A leitora, perita nessa arte, como toda mulher elegante — achará nestes quatro modelos de chapéus um milheiro de sugestões para derrubar seus *casques* da melhor maneira, contanto que não lhe escondam o palminho de cara bonita que Deus lhe deu...



V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Inconfestavelmente os
melhores.

RUGÓL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



O imprevisto sempre exerceu sobre todos nós uma grande fascinação.

O inopinado e o surpreendente, que seduzem e atraem pelo perigo e pelo misterio, justificam plenamente o prestigio da aventura.

Seja qual for o traço característico com que ela se nos apresente — bizarra, singular, inconcebível, brilhante, gloriosa, ridícula, comovente, amorosa, inesperada ou ingenua... a aventura é sempre perigosa, si não tivermos a nos defender uma orientação segura, inflexível, e que nos imponha confiança em nós mesmos.

Ha quem goste de aventurar até quando se encontra numa situação séria como esta: instalar-se definitivamente na vida.

Adaptam, "com pequenas modificações", qualquer gravura de uma revista estrangeira, como si uma decoração de verdade, delineada ou executada por um decorador especializado, comportasse essas pequenas transigências.

Aventuram sem reparar nas consequências, nos riscos a que se expõem, sem pensar nos prejuízos materiais que hão de resultar de semelhante imprevidencia, quando seria tão mais fácil valer-se dos conhecimentos de um técnico no assunto.

17º Exemplo: Um estúdio. Foi o tapete desta gravura que sugeriu, com o desenho original da Rosa dos Ventos, estas considerações sobre a aventura. E talvez tenha sido propositadamente, para inspirar "orientação" num rumo certo, que o decorador o colocou ali, no centro do pequeno salão, sabendo-se a influencia benéfica de certas idéas, constantemente postas em destaque pelas coisas que nos rodeiam...

Note-se a simplicidade discreta e harmoniosa dos moveis claros contrastando com as cortinas executadas em tecido pesado, de tom escuro, proporcionando ao artista conforto e comodidade, sem contudo encher demasiadamente o pequenino estúdio.

Emprestando uma nota deliciosamente selvagem ao ambiente supra-civilizado, uma pele de onça estende-se no recanto predileto, levando maciez e calor aos pés da creatura feliz que possui a dita de repousar numa poltrona feita a propósito para a preguiça e a meditação...

RUMO CERTO

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

SOL E PRAIA



O PRIMEIRO
PASSO PARA
a Beleza é a
Limpeza da Pele,

diz:

Helena Rubinstein

LIMPE sua pele com o excelente e refrescante CREME LÍRIO AQUÁTICO. Este creme remove rapidamente todas as impurezas. Sua leve consistência torna seu uso extremamente agradável e fácil.

CREME LÍRIO AQUÁTICO, deixa a cutis limpa, translúcida e refrescada em poucos minutos.

CASA HERMANNY

RIO DE JANEIRO:
Rua Gonçalves Dias, 50

PETROPOLIS:
Av. 15 de Novembro, 766



Para os dias de sol e de praias douradas; oferecemos nesta pagina estes lindos modelos. A leitora ha de concordar que difficilmente arranjará um pijama e dois vestidos esportivos de mais alegre fantasia.

**Numeros atrasados desta
Revista na Bahia**

Pedir a ALFREDO J. SOUZA
Rua do Colegio, 8 — Salvador

**MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA**

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

**QUE É QUE
VOCÊ SABE
A RESPEITO
DE
PERFUMES?**

- 1 — Você gasta muito tempo escolhendo seu perfume?
- 2 — a — Ao escolher o perfume, costuma cheirar o vidro?
b — Ou experimenta o perfume no pulso?
- 3 — a — Usa perfume no pulso?
b — Atrás das orelhas?
c — No lenço?
d — Vaporizado nos cabelos?
e — Em almofadinhas guardadas dentro de suas roupas?
- 4 — Usa sempre um vaporizador?
- 5 — a — Vaporiza perfume nas suas roupas?
b — Ou usa sachets de perfume?
- 6 — Costuma perfumar suas "peles"?
- 7 — a — Usa óleos perfumados no banho?
b — Sabonetes muito perfumados?
c — Pó de arroz perfumado?
d — Água de *toilette* perfumada?
e — Fricções e massagens com óleos perfumados?
- 8 — Têm algum modo especial, individual, de usar perfume?
- 9 — Póde sentir seu próprio perfume?
- 10 — Usa um perfume para o dia e outro para a noite?
- 11 — a — Usa o mesmo perfume invariavelmente?
b — Ou dois ou três perfumes, sempre os mesmos?
c — Ou uma grande variedade de perfumes?
- 12 — Usa, alguma vez, perfumes de flôres?
- 13 — a — Pede a suas amigas opinião sobre seu perfume?
b — Abandonaria seu perfume porque tivesse gostado de outro, usado por uma amiga?
- 14 — Usa um perfume diferente no verão e no inverno?
- 15 — Usa perfume no campo?
- 16 — Póde identificar a maior parte dos perfumes famosos, apenas aspirando-os?
- 17 — Presta atenção às notícias sobre perfumes, sabendo o nome e o fabricante dos perfumes mais modernos?

*Você acha que é bem entendida em perfumes?
Faça um "test" com os seus conhecimentos, por este meio!
Marque 1 ponto por uma resposta certa e 0 por uma resposta errada.*

25 pontos (até 30) valem por um resultado excelente.

20 — valem nota sofrível.

Abaixo de 20 — nota medíocre.

As respostas vão noutra página.

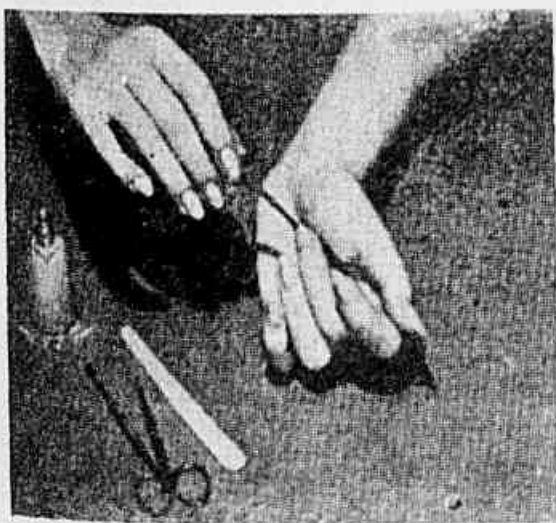


Unhas bem cuida- das

Não é preciso recomendar a nenhuma leitora que tenha cuidado com as unhas. Entretanto, não será de mais lembrar nesta página algumas precauções úteis, que é bom não perder de vista.



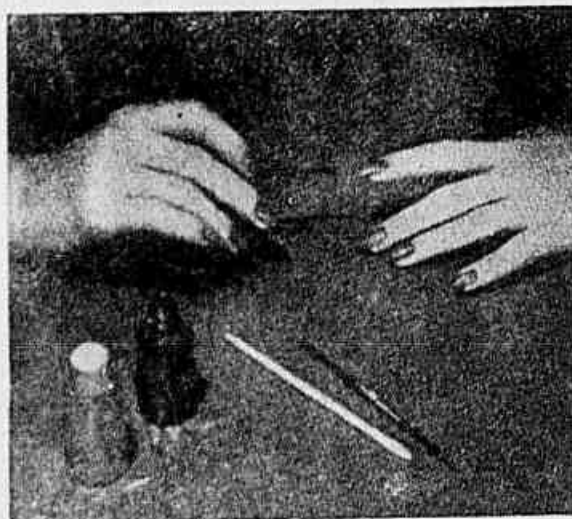
Depois de deixar secar o verniz uns quinze minutos pelo menos, meter os dedos dentro de uma vasilha com água gelada, para consolidar o verniz nas unhas.



Com a tesoura, lixa e pincel preparar as unhas para o esmalte.



As unhas precisam estar bem limpas, a superfície bem lisa para aplicar o verniz.

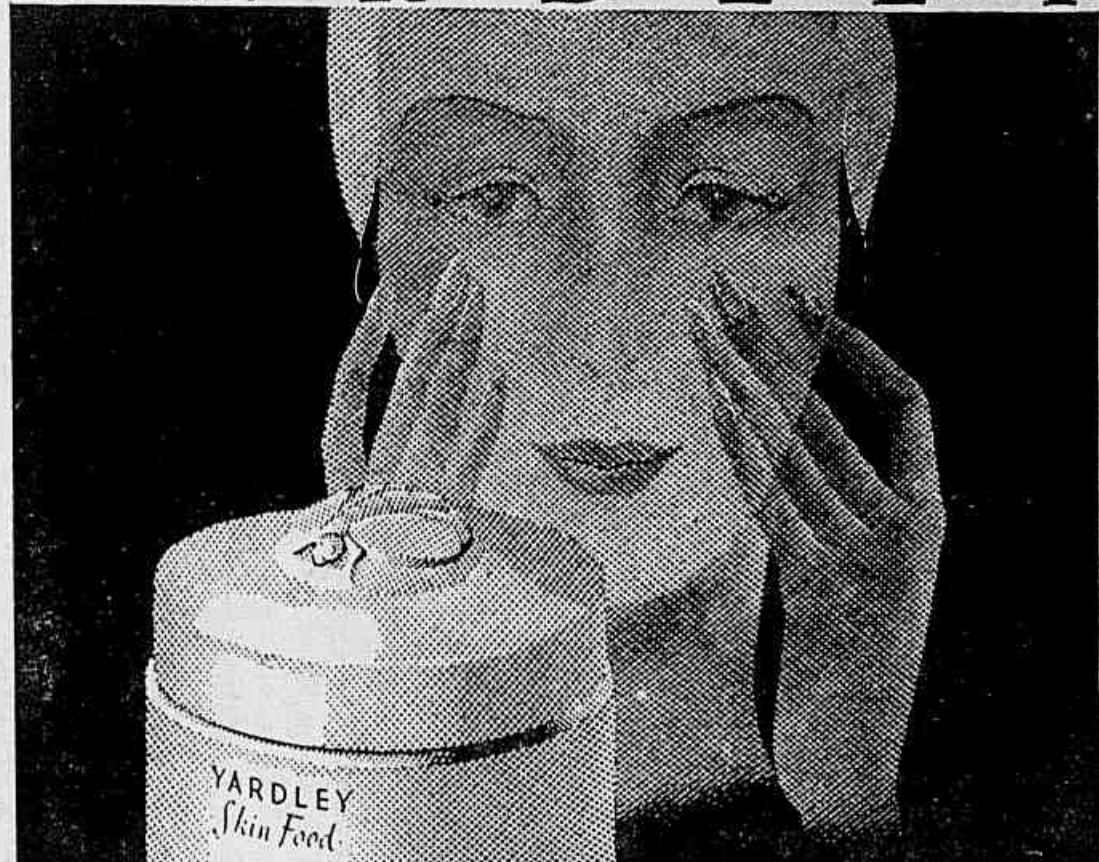


A pincelada bem feita com o verniz, para que fique bem lisa a camada sobre a unha.



Poupar as unhas, empregando um lapis ou uma caneta (sem a pena, naturalmente) em vez do dedo, quando discar o telefone.

O Caminho da Beleza com YARDLEY



Os complicados processos de beleza já estão fora da moda. O sistema de Yardley para o cuidado da pele, procurando realçar a beleza natural da cutis, é agradável porque é simples e seguro. Os Cremes e loções Yardley, poucos, mas essenciais, contêm tudo o que é necessário para purificar e dar à sua cutis um encanto



juvenil. Os retoques finais, com o delicado Pó de Arroz Yardley, o Batom e o Rouge, na tonalidade apropriada à sua pele — lhe darão um encanto pessoal de pureza e aristocracia.

Para o Cuidado da Pele
Alimento para a pele • Loção Tônica • Creme de Limpeza Liquescente • Leite para a Cutis.

Para Maquillage
Creme Base • Pó de Arroz Bond Street • Batom • Creme Rouge.

42/4

YARDLEY • 33, OLD BOND ST., LONDON • ENGLAND

CONSELHOS PRATICOS

INSTRUÇÕES PARA A LAVAGEM DOS BORDADOS

Lavagem comum — Dissolver na água fervendo sabão de boa qualidade, até que se obtenha uma água bem espumante; amornar juntando um pouco de água fria. Lavar o bordado sem esfregar muito. Enxaguar diversas vezes em água morna primeiro depois em água fria.

Para avivar o colorido — Juntar a um litro d'água fria uma colher de sopa de ácido acético ou, na falta deste, 4 ou 5 colheres de vinagre branco; mergulhar o bordado e mexer um instante. Depois enxaguar com água fria.

Secagem — Não torcer o bordado, enrolá-lo numa toalha, espremendo suavemente, depois pôr para secar ao ar. Passar a ferro, pelo avesso, com o ferro não muito quente, depois de tê-lo esticado muito bem entre dois panos.

Nunca deixar amontoados os bordados molhados.

Casos especiais — Tendo-se confiança na solidez dos coloridos da linha e quando a lavagem normal foi insuficiente, fazer o bordado sofrer tratamento mais energico. Pôr para ferver numa vasilha

contendo por litro de água seja, 10 grs. de sabão de boa qualidade, seja 20 grs. de carbonato de soda em cristais. Ferver o bordado um quarto de hora, mas envolvido, sem apertar, dentro de um pano. Em seguida enxaguar diversas vezes em água morna primeiro e depois em água fria, avivar e secar como já ficou dito acima.

Para tirar as manchas — Para tirar as manchas de vinho, frutas, ferrugem, tinta, aplicar depois do ensaboamento ou simplesmente bem molhada na água quente) o processo seguinte: numa vasilha de louça ou de ferro esmaltado (nunca empregar o metal), mergulhar o bordado na água oxigenada fria a 10 ou 12 volumes concentração habitual do comercio). Em seguida, durante ainda meia hora, numa solução contendo por litro de água 5 grs. de ácido oxálico depois enxaguar diversas vezes em água fria e fazer a secagem como já foi indicado.

Em casos muito excepcionais, quando as manchas resistiram aos tratamentos já indicados juntar à água fria um pouco de água sanitária uma colher de sopa por litro de água) mergulhar todo o bordado durante 5 minutos, em seguida enxaguar em diversas águas e avivar e secar como já foi indicado.



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO

APR. PELA CERS. SANIT. N. 56-J-6

Para o Verão



- 1 — Vestido de shantung branco, a pala e os bolsos com pontos abertos formando xadrez.
- 2 — Vestido de crepe vermelho, nos ombros e nos bolsos cadaço zig-zag branco formando rendado.
- 3 — Vestido de crepe marocain ou shantung rosa suave, o corpo todo guarnecido com pontos abertos. Largo cinto de camurça preta ou azul marinho.
- 4 — Vestido e bolero de shantung amarelo claro, guarnecidos com pontos abertos, a saia plissada.

Todos estes vestidos podem ser executados com vantagem em linho.



RECORTE ESTE AVISO

ANTIGO PREPARADO INGLÊS PARA ATURDIMENTO E ZUMBIDOS DOS OUVIDOS

Se V. S. conhece alguma pessoa que sofra de congestão catarral ou aturdimiento, recorte este aviso e leve-lh'o.

O catarro, o aturdimiento e a dificuldade de ouvir são provocados por uma enfermidade constitucional. Por essa razão, dedicou-se muito tempo ao estudo de um tónico suave e eficaz para combater os males causados pela afecção catarral. E esse remédio, cuja fórmula está plenamente vitoriosa e tem proporcionado alívio a muitos sofredores, é conhecido sob o nome de PARMINT e está à venda em todas as farmácias e drogarias.

Logo nas primeiras doses, Parmint alivia a cabeça, a congestão e o aturdimiento catarral, enquanto o ouvido se restabelece prontamente. A perda de olfato e a descida do catarro para a garganta são outros sintomas da afecção catarral que se combate com Parmint.

Sendo muitos os males do ouvido provocados diretamente pelo catarro, pode-se evitá-los com Parmint.

1—Vestido de shantung ou linho branco, com xadrez multicolor. Botões e cintos vermelhos.

2—Costume ou simulando um costume de linho branco e vermelho.

3—Vestido de shantung ou linho branco, com pontos e vizes azul marinho.

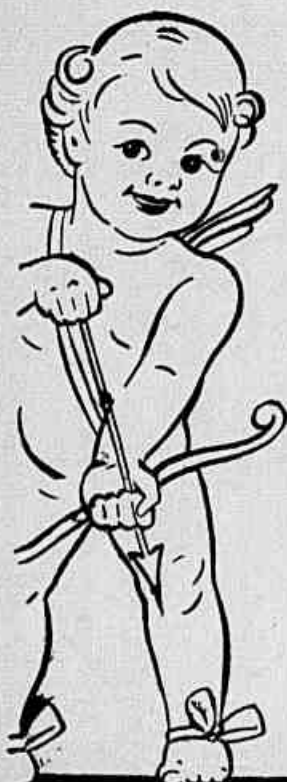
4—Costume composto de saia de linho branco com xadrez cinzento, e casaco de linho cinzento com punhos e revers do tecido da saia, ou blusa do tecido de xadrez, com guarnição de fustão branco.

PARA OS PEQUENINOS



Aqui temos meia dúzia de modelos para crianças até sete anos. Uma pijaminha, combinações, vestidos de passeio, lindos e leves para o verão.

Qual o tipo dos seus lábios?



Quando falam ao coração do homem amado, que expressam seus lábios? Sinceridade?... Alegria?... Faça-os sempre mais lindos, mais beijáveis com Baton Colgate!

O Baton Colgate importado da América é feito com KARANUVA, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas con-

sistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos.

Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas!

Use, desde hoje, Baton Colgate. Experimente, o encanto inigualável da nova cor da moda — Vermelho Amazona — exclusiva de Colgate.

MAIOR - MAIS ECONÔMICO



SENSUAIS ? — Lábios de "mulher fatal"... "vampiro". Um tipo irresistível!



FRÍVOLOS ? — Lábios de "mulher coquette"! Inquieta os corações masculinos... e como!



SINCEROS ? — Lábios de "mulher ingênua"... inocente e pura. Amor eterno!



ALEGRES ? — Lábios de "mulher vivaz" e irrequieta! Sempre cheios de bom humor! Subjuga os homens mais sérios!



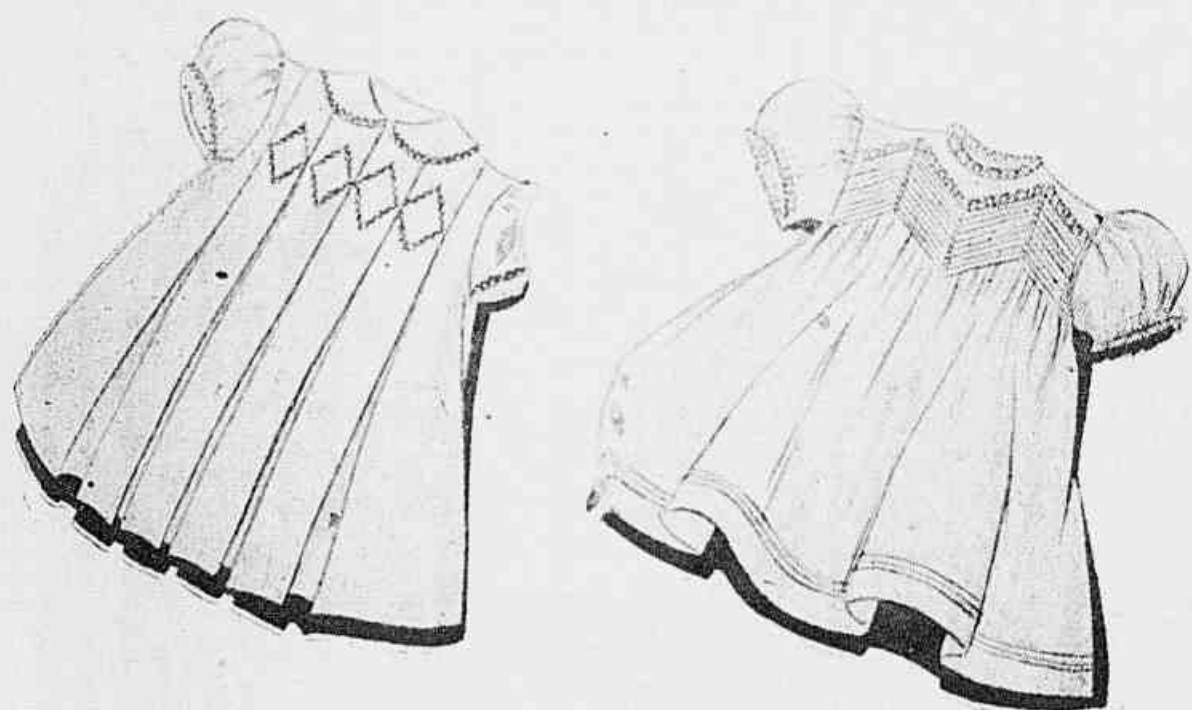
ARISTOCRÁTICOS ? — Lábios de "mulher orgulhosa", dominadora... para muitos homens, nada mais atraente!



O coração bate com **BATON COLGATE**

MODELOS INFANTIS

Ponto de espiga ou russo, preguinhas e cadaço zig-zag ou sinhaninha, guarnecem as roupas das crianças



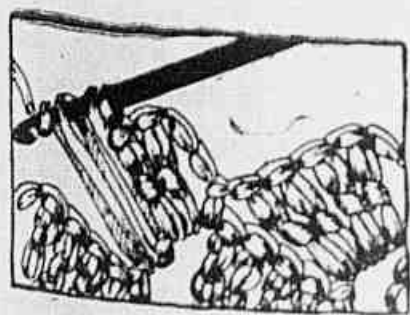
1 — Neste vestido de linho rosa claro, o ponto de espiga é feito com linha rosa mais vivo ou azul ou azul miosotis. 2 — Vestido de laize branca bordada, guarnecido com preguinhas e renda. 3 — Roupinha de zefir azul, enfeitada com cadaço zig-zag vermelho.

Casaquinho de crochet de lã

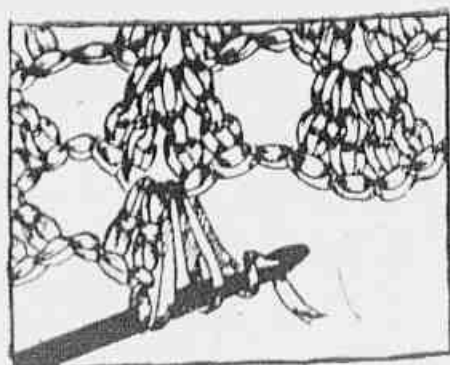


Este casaquinho de muito facil execução é feito no ponto de concha (2 pontos altos ou 7 pontos altos conforme for necessário ao andamento do trabalho).

EXECUÇÃO DO TRABALHO: Fazer uma trancinha de 60 malhas. Primeira carreira: 20 conchas de 4 pontos altos. Segunda carreira: 1 concha de 7 pontos altos, 2 de 4 pontos altos, 1 de 7 pontos altos, 2 de 4 pontos altos, 2 de 4 pontos altos, 1 de 7 pontos altos, 2 de 4 pontos altos, 1 de 7 pontos altos, uma de 7 de pontos altos, de 4 e de 1 de 7 pontos altos. Chamaremos daqui em diante as conchas de 7 pontos altos: conchas duplas e as de 4 pontos altos: conchas simples. Terceira carreira: 1 carreira de conchas simples (ter o cuidado de fazer 1 concha simples no começo e no fim de cada concha dupla). Quarta carreira: 3 conchas simples, 1 dupla, 3 simples, 1 dupla, 12 simples, 1 dupla, 3 simples, 1 dupla, 3 simples. Quinta carreira: de conchas simples. Sexta carreira: 4 simples, 1 dupla, 4 simples, 1 dupla, 12 simples, 1 dupla, 4 simples, 1 dupla, 4 simples. Sétima carreira: de conchas simples. Oitava carreira: 4 simples, 1 dupla, 5 simples, 1 dupla, 14 simples, 1 dupla, 5 simples, 1 dupla, 4 simples. Nona e décima carreiras: de conchas simples. Undécima carreira: 5 simples, 1 dupla,



O ponto de conchas da renda.



O ponto de conchas do casaquinho.

O TONICO ORIENTAL

não deve faltar no toucador de uma senhora elegante.

Elle é a defesa permanente da cabelleira, contra as caspas, a queda do cabelo, a calvicie, as cans prematuras.



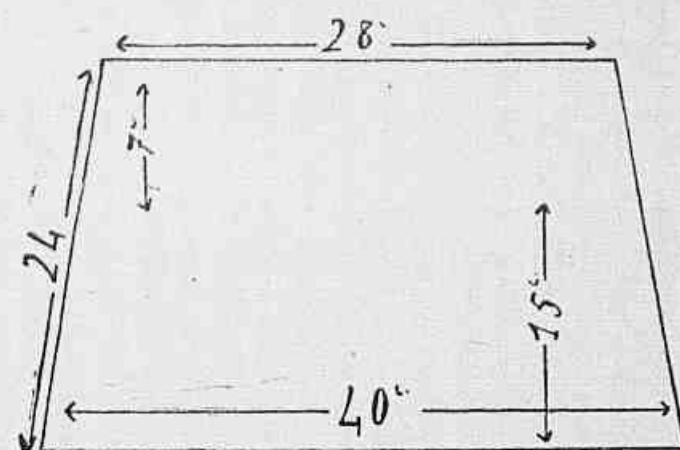
plementar no ponto em baixo dos braços. Fazer 18 carreiras de conchas simples.

MANGA: Retomar as 12 conchas abandonadas, a mais a concha juntada em baixo do braço, em tudo 13 conchas para a manga. Fazer 14 conchas em altura.

GUARNIÇÃO: em volta da gola, em volta do casaco e na terminação das mangas, fazer uma renda da seguinte maneira: 3 malhas de trancinha, meter a agulha de "crochet" em cada concha, fazer 4 pontos altos, 1 ponto baixo na concha seguinte, 3 malhas de trancinha, 4 pontos altos na mesma concha, 1 ponto baixo na concha seguinte, etc. Segunda carreira: 3 malhas de trancinha, 4 pontos altos no espaço separando o ponto baixo do grupo dos 4 pontos altos, fazer sempre a mesma coisa.

Para a gola, fazer 2 carreiras. Para a terminação das mangas, 3 carreiras. Para rodear o casaco, 4 carreiras.

Depois de feitas as costuras, enfiar uma fita na gola e outra nas mangas.



O molde do casaco.

JOSÉ OLIVEIRA AZAMBUJA diz:



...isso é sinal de alimentação inadequada. Habitue-se a tomar como primeira refeição, tôdas as manhãs, um mingau da deliciosa Quaker Oats. Fortalece o organismo, evita o nervosismo e cansaço — dá vigor e enriquece o sangue. Tanto o chefe como as demais pessoas da família, são beneficiados pela abundância de Thiamin (Vitamina B-1), ferro, fósforo e proteínas que Quaker Oats fornece. A reserva alimentar que este alimento puro e integral proporciona, conservá-lo-á bem disposto a manhã toda. De fácil digestão e de preparo simples, também é econômica. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

Para maior valor — insista em QUAKER OATS

Nem toda aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica unicamente a original e legítima Aveia Quaker. Ao adquiri-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do maior valor nutritivo. Insista na legítima Quaker Oats, em lata hermeticamente fechada.



QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

COCK-TAIL DE RECEITAS AGRADAVEIS

ROLLET PUDDING

Tirar a gordura dos rins de vaca, meio quilo (poderá ser substituído por manteiga), amassar a gordura com meio quilo de farinha de trigo peneirada, juntar pouco a pouco 3 decilitros de água fria, temperar com uma pitada de sal. A massa deve ficar lisa e consistente. Deixar descansar um quarto de hora. Abrir com o rolo a massa, com um quarto de centímetro de espessura e formar uma tira bastante longa; cobrir toda a superfície com marmelada de framboesas ou de morangos.

Formar depois um rolo com a tira de massa. Untar com manteiga e peneirar com farinha de trigo um dos lados de um guardanapo umido, colocar o rolo de massa neste lado; enrolar completamente o "pudding" no guardanapo, como uma galantine, amarrando as duas pontas.

SI O PESO DE SEU BEBÊ NÃO É NORMAL...

...talvez precise uma ligeira mudança em seu regime alimentar. Si continua a perder peso, consulte seu médico. Em "Meu Livro de Receitas" encontrará muitas sugestões para variar o menu de seu bebê



Peça-o. É inteiramente GRATIS!

À MAIZENA BRASIL S. A. 35
CAIXA POSTAL, F. S. PAULO

Peço enviar-me, **gratis**, o "Meu Livro de Receitas"

Nome

Rua

Cidade

Estado

MAIZENA DURYEA

Mergulhar o "pudding" dentro de uma panela com água em ebulição, deixar cozinhar por espaço de uma hora e meia a duas horas sem que a água deixe de ferver. Escorrer a água, desembulhar o "pudding", colocar numa travessa, regar com calda temperada com rum e servir separadamente com um prato de açúcar mascavo.

SORVETE DE GENGIBRE

Com 6 decilitros de leite, 10 gemas de ovos, 250 gramas de açúcar, fazer um creme. Bater muito bem as gemas com o açúcar, juntar o leite que ferveu com uma fava de baunilha ou com casca de laranja ou de limão; mexer o creme sobre o fogo sem deixar ferver, até que fique com boa espessura; deixar esfriar, mexendo de vez em quando; depois despejar na vasilha para fazer sorvete; bater até ficar ligado.

Pilar 250 gramas de gengibre cristalizada; passar por uma peneira, desfazer primeiro com umas colheres de rum, depois com algumas colheradas do creme, despejar a mistura na sorveteira. Bater mais algum tempo para ficar bem duro.

"LEMONS BUNS"

Fazer uma massa com 500 gramas de farinha de trigo, 125 gramas de açúcar, 125 gramas de manteiga, um ovo, juntar 3 gramas de bicarbonato de soda, 3 gramas de ácido muriático e 8 gotas de essência de limão. Com esta massa, preparar 20 bolinhos, que se põem para assar em forno quente, uns quinze minutos.

A CERVEJA

Obtem-se a cerveja pela fermentação alcoólica de cevada e lupulo, e também de outros cereais. É mais rica em sais do que o vinho, e mais nutritiva.

Certas espécies de cerveja constituem um verdadeiro alimento, e todas contêm princípios nutritivos em consideráveis proporções.

A cerveja é tônica, aperitiva e digestiva, graças aos elementos amargos e aromáticos contidos no lupulo.

Ligeiramente excitante, contém menos álcool que o vinho, podendo ser bebida em maior quantidade que ele, sem que chegue a embriagar.

Durante o verão deve ser tomada sempre gelada, tornando-se então ainda mais agradável.

Graças aos processos por que passa em sua fabricação, a cerveja é um líquido completamente esterilizado, e além disso, devido ao seu baixo preço torna-se uma das bebidas mais recomendáveis.



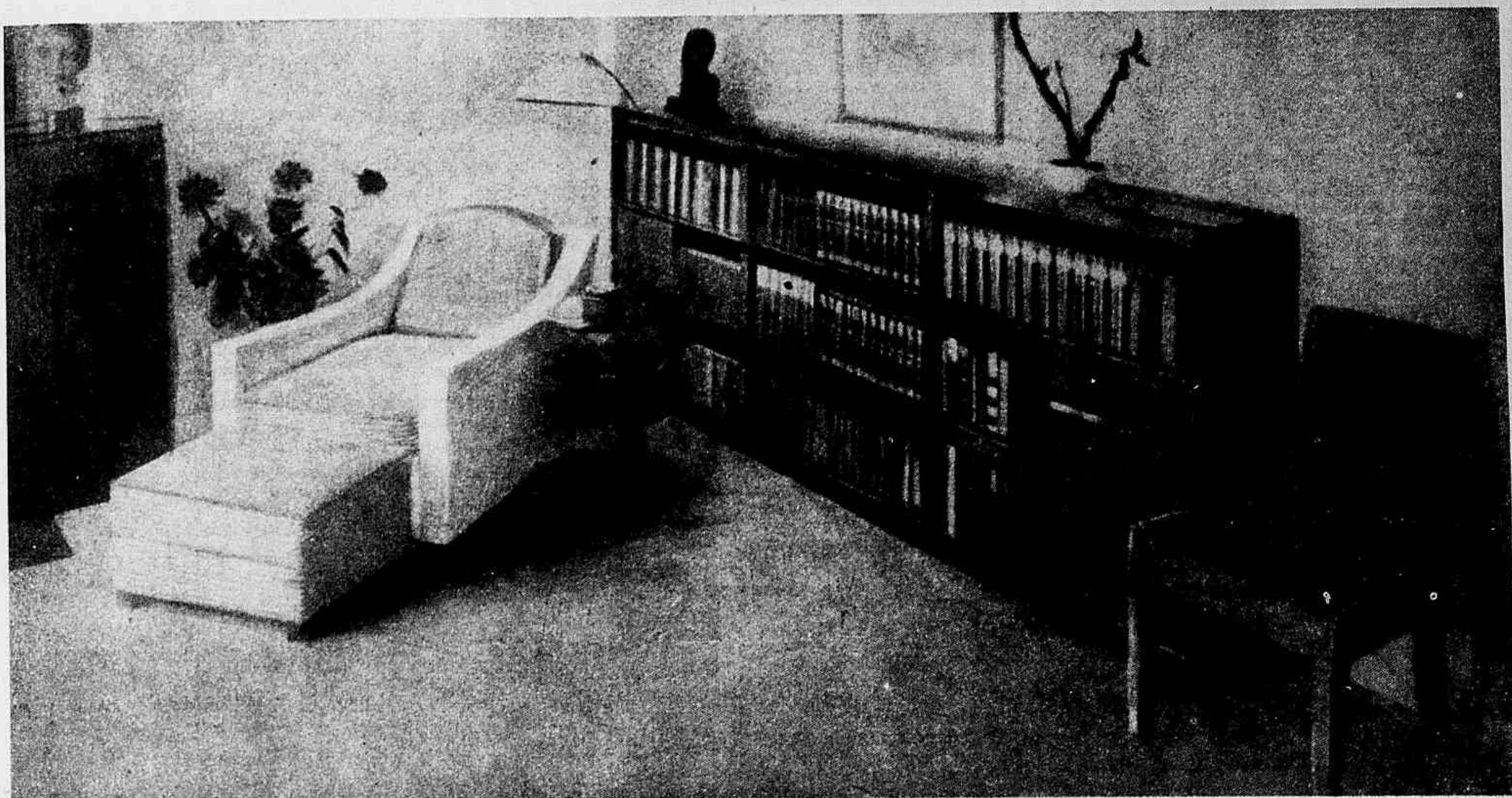
QUANDO fizer uma refeição ligeira — ou mesmo no seu almoço, lanche ou jantar — não esqueça a Malzbier da Brahma. Feita à base de malte e levemente adocicada, a Malzbier da Brahma equilibra a alimentação deficiente. Nutritiva e saborosa, a Malzbier da Brahma é sempre apetecida a qualquer hora. É uma bebida leve, refrescante e saudável. Cada garrafa que se esvazia é um paladar que se enche de alegria.



Malzbier DA BRAHMA

CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

TRÊS RECANTOS AGRADAVEIS



A casa é para se morar — acham os povos da Europa, castigados, na maioria, pelos rigores do inverno.

Nós estamos livres do tormento dos dias de 7 e 8 horas e das noites sem fim.

Isso não impede porém que pensem em tornar os mais agradáveis possíveis os recantos de nossa casa, onde temos oportunidade de passar algumas horas do dia.

Cores claras, moveis alegres e confortáveis, o brilho de espelhos, livros, flores e pronto: mesmo com o sol lá de fóra, na praia, é um prazer ficar por aqui mesmo...

**PASSADEIRAS
TAPETES**

GRANDE
VARIEDADE
EM
TECIDOS
PARA
ESTOFOS

CASA BEIRIZ

RUA 7 SETEMBRO, 82
TEL. 42-6964 - JUNTO A AVENIDA

Que é que você sabe a respeito de Perfumes?

Resposta da página 40

- 1 — Sim. 2 — a — Não. b — Sim. 3 — a — Não. b — Sim. c — Sim.
D — Sim. E — Sim. 4 — Sim. 5 — a — Não. B — Sim. 6 — Sim (Mas,
lembre-se que ha perfumes especiais para este fim). 7 — a — Sim. B — Não.
c — Não. d — Sim. e — Sim 8 — Sim. 9 — Não. 10 — Sim. 11 — a — Não.
b — Sim. c — Não. 12 — Sim. 13 — a — Sim. b — Não. 14 — Sim.
15 — Sim. 16 — Sim. 17 — Sim.

BRAÇOS E AXILLAS SEM MAGULA

LIVRES DE PELLOS QUE
TANTO AFEIAM E ESTRAN-
GAM COM O SUOR OS SEUS
VESTIDOS

As grandes estrelas de Hollywood e do velho mundo não usam já mais a navalha ou outros meios antiquados para remover os pellos superfluos nos braços, axillas e pernas. O depilatorio ideal **Racé** destrói instantaneamente e até á raiz todo vestigio de pennugem e mesmo os pellos mais grossos. **Racé** é o moderno depilatorio em pó, branco, suave e perfumado; não contém substancias prejudiciaes á pelle e não tem máo cheiro.

Racé elimina os pellos com incrível rapidez, não irrita a pelle e evita que os pellos tornem a crescer mais vigorosos.

NÃO MAIS VESTIDOS
INUTILIZADOS

pelo suor originado dos pellos das axillas, que exhalam cheiro desagradavel.

Use **Racé** e faça-nos o obsequio de contar os resultados ás suas amigas.



"LABORATORIOS VINDOBONA"

RUA URUGUAYANA, 104 - 5.º AND. — TEL. 23-1100
RIO DE JANEIRO

PEÇA FOLHETOS GRATIS — PEDIDOS DO INTERIOR ATENDEM-SE NO MESMO DIA.

Racé
o perfeto destruidor
do pello

LABORATORIOS VINDOBONA (E. S. T. R. - 6)
Rua Uruguayana, 104 - 5.º and.
Rio de Janeiro
Queira enviar-me o folheto explicativo ao
DEPILATORIO RACÉ

Nome
Rua
Cidade Estado

Como Nasce o Amor

De JOSÉ INGENIEROS

A necessidade de amor não é todavia amor; prepara o seu aparecimento, e capacidade de amar. Forma-se sobre todas as tendencias herdadas que compõem o temperamento, por obra da experiencia; aparece quando o ser entra na plenitude do desenvolvimento.

E' uma tensão complexa de todo o organismo, concedida pelos fisiologistas como variante das funções nutritivas e subordinada a modificações organicas particulares. E' um estado de atividade especial que influe sobre todo o ser, referindo-se nos centros nervosos mais evolucionados e neles despertando sentimentos estranhos.

Esses sintomas que todo homem ou mulher normal recorda ter experimentado, limita-se a anunciar a representação psicológica dessa função nova, cujo objeto essencial é a conservação da espécie. Costuma revelar-se por uma inquietação vaga, perturbadora, cuja causa não se adivinha e

cuja finalidade não se pressente. Provoca estados afetivos indecisos, mau estar, intranquilidades. E' já madurez para o amor. Domina toda a psicologia dos jovens, pondo certa melancolia nos espiritos propicios ao sonho; a juventude que vem parece entristecer-se pela meninice que se vai. Perde-se a noção do real, germinam romantismos, procura-se a solidão e a penumbra, as noites aumentam pela imaginação exaltada e insone, ocorrem imprevisas oscilações do humor, do gosto, e do carater. Na sua hora oportuna, esses movimentos organicos e essas sensações internas repercutem sobre a consciencia, traduzindo-se por uma emotividade especial em presença dos individuos do sexo oposto.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia. Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, atenuar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador á vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite á pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendencia para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta á imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

Nasce incompreensível e veleidosa, sem mais razão aparente que sua propria sem-razão; depois se organiza, define seus contornos, impõe atitudes e orienta a conduta. No homem chega a precisar-se como desejo de conquista e na mulher como pudor defensivo. Voluntária ou involuntariamente, o organismo dispõe os seus elementos para a escolha afetiva que determinará suas novas funções; forma-se um ideal em cada individuo, tendendo a sintetizar nele, inconscientemente, as qualidades e complementares mais aptas á procriações de seres biologicamente superiores.

Esse ideal, pela sua tendencia á ação, converte-se pouco a pouco em ideia motriz e se manifesta como necessidade de amar.

A formação do ideal é um processo prévio, obra exclusiva da imaginação; seu resultado é definir antecipadamente um conceito abstrato da pessoa que poderá provocar o amor; quem tem um ideal já sabe o que amará, está pronto para amar.

A verdadeira coragem

(Continuação da pag. 5)

diga que lamenta um pouco, por pouco que seja, esse desagradavel incidente... Não é para lh'o repetir. Apenas para minha ciência própria.

BRICHETEAU — Só lamento ter, um dia, travado relações com tal sujeito.

O VELHOTE — Bom, lamenta isso. Sempre lamenta alguma coisa. Deixe o resto por minha conta!

BRICHETEAU — Mas que vai o senhor fazer? Não desejo absolutamente uma reconciliação!

O VELHOTE — Não se trata disso. Trata-se apenas de encerrar o incidente. Depois, se o senhor quiser cortar outra vez relações com ele, corta e está acabado. Com licença. Deixe por minha conta. (Vai para a mesa de Rascard).

RASCARD — Então?

O VELHOTE — Está ainda um tanto aborrecido com o senhor...

RASCARD — Não tem razão!

O VELHOTE — Diz que preferia nunca o ter conhecido, porque então nada disto aconteceria...

RASCARD — Em suma: Da-me toda as satisfações.

O VELHOTE — Satisfações, propriamente, não. Acho, porém, que o senhor se não deve mostrar muito exigente...

RASCARD — Mas, repito, eu não exijo coisa alguma! Sei que ele me estima, é quanto basta. Que venha tranquilamente sentar-se a meu lado e não se fala mais nisso.

O VELHOTE — E se o senhor se fosse sentar ao lado dele? Vinha a dar na mesma.

RASCARD — No entanto, parece-me que...

O VELHOTE — Ora, vamos... O senhor está tomando um simples Madeira e ele vai a meio do almoço. E' muito mais razoável o senhor levar para lá o seu calix do que ele traser para cá o prato, o talher, o guardanapo... Nem se discute!

RASCARD — Confesso que me custa atravessar a sala para lhe ir falar...

O VELHOTE — Faça de conta que vai lavar as mãos. A' volta, com toda a naturalidade, ocupa o lugar diante dele e está pronto.

RASCARD — Prefiro então á ida. Tanto mais que ele está terminando e póde de repente ir-se embóra. Resolve-se o caso logo duma vez! (Atravessa o café, dirigindo-se á pia de lavar as mãos. Ao passar por diante de Bricheteau faz como quem toma, de repente, uma decisão) Bricheteau! Sempre o tive na conta de rapaz inteligente, educado... e você não me toma por um bruto... (Bricheteau não responde nada). Pelo menos assim o creio! Pois bem, dois homens como nós não se devem prender com bagatelas, tolices de momento. Fui um pouco irritante; você foi um pouco... Reconheçamos ambos que houve entre nós um mal entendido — e não se fala mais 'nissso.

BRICHETEAU — Oh, eu não faço questão de falar! Mas, se você tem prazer em contar o caso seja a quem fôr, não vejo nisso o menor inconveniente.

RASCARD — Já resolvi não contar a pessoa alguma. Estamos, portanto, entendidos, não? (Senta-se) Vai esta noite ao Cassino?

BRICHETEAU — Não sei.

RASCARD — Podíamos jantar juntos.

BRICHETEAU — Janto com uns amigos.

RASCARD — E amanhã?

BRICHETEAU — Também não estou livre.

RASCARD — Enfim... um destes dias.

BRICHETEAU — Um destes dias.

RASCARD — Está acabando o seu almoço, retiro-me... (adianta a mão, timidamente, para o lado de Bricheteau; como, porém, não corresponda, Rascard transforma o projéto de aperto de mão num vago sinal de adeusinho. E volta para o lado do Velhote, ao tempo que Bricheteau se levanta e se vai embora). Tudo se passou corretamente. Explicações, dignas, de parte a parte. Nem eu exigia de modo algum que ele se humilhasse! (Vai á outra mesa, onde jogam a manilha). Interessante a partida? Sabem? Tudo se arranhou da melhor maneira. (Vai depois á moça da Caixa). Sempre entregue á leitura dos seus romances... Empolgante, esse, pelo que vejo! Sabe? O meu caso com Bricheteau... Arranjou-se tudo. Nem havia outra solução. (Ao garçon). O sobretudo e o chapéu. Ai tem cinco francos para as despesas da mesa. Guarde o troco. Então, já sabe? O meu caso com Bricheteau... Inteiramente resolvido. Foi melhor assim, melhor para todos. Entre dois camaradas como nós nem podia ser doutra maneira! (E encaminha-se, cheio de dignidade, para a porta de saída).

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

Cronica

da

Moda



A linha moderna não sofreu grandes mudanças, porque não se trata de transformar a silhueta feminina, mas de a adaptar às exigências da moda.

As saias continuam curtas nos vestidos para a rua, sejam bem rodadas, com plissados, godets, ou sejam rétas. Para o dia, predominam os vestidos - chemisiers e de duas peças, enquanto que para a noite se anuncia uma voga de vestidos - forreaux sem cinto, duma sobria elegancia, com drapés e de ampla roda para as mais jovens, nestes dominando os organzas, organdis, tafetás e para os primeiros os tecidos suntuosos: damassés, chamalotes, failles e rendas.

Mas a grande novidade se encontra sobretudo nos tecidos.

São os crepes de fantasia, com seus belos desenhos floridos, shantung e linho, cuja escolha é embaraçosa, sendo todos igualmente sedutores. Os tons pastéis permitem efeitos combinados dos mais felizes e delicados.

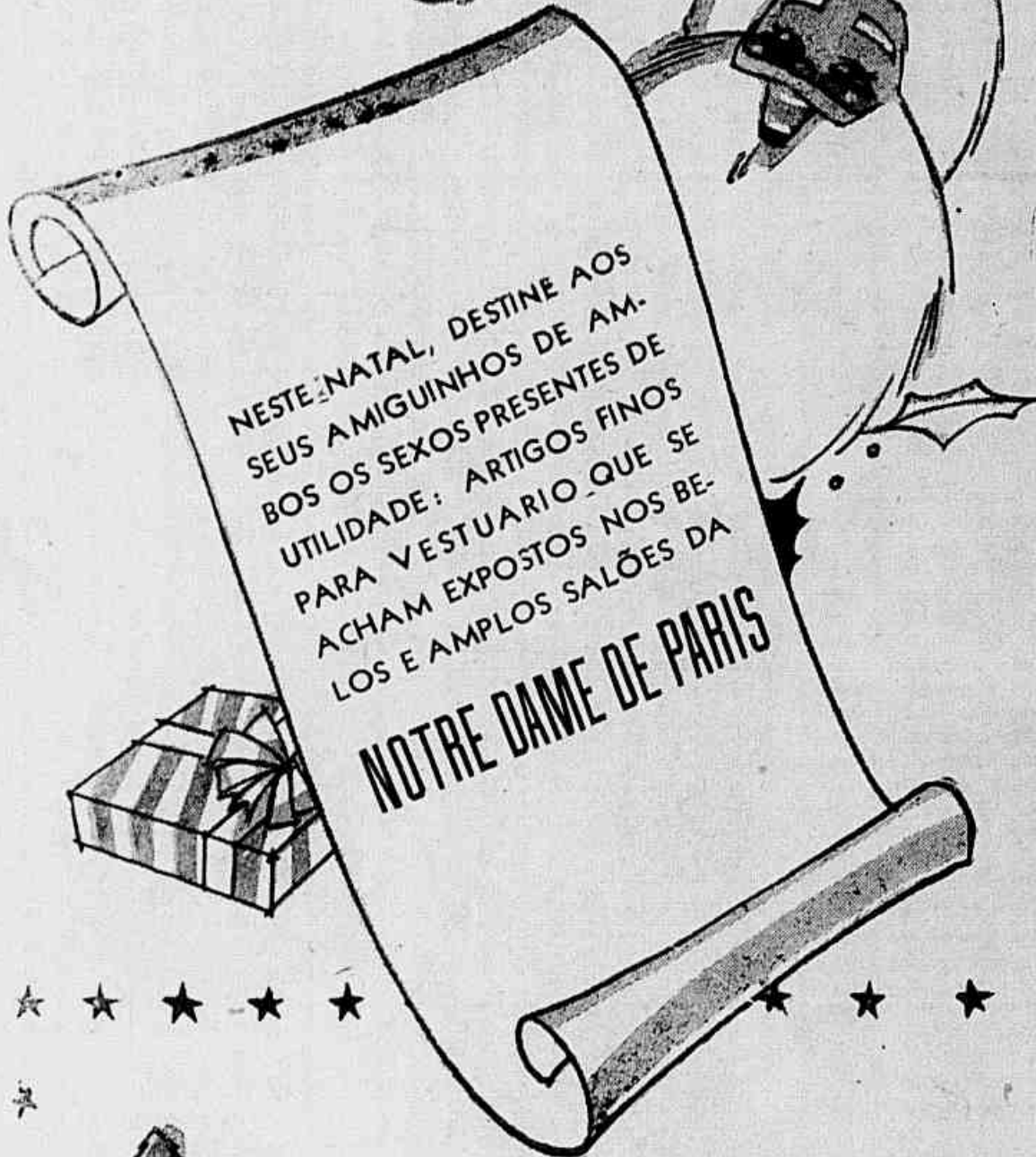
O gênero esportivo continua sendo o preferido, e corresponde às necessidades de conforto que são o signo de nossa época.

Os vestidos de crepe, linho ou shantung são guarnecidos com os pontos abertos, alguns formando verdadeiros rendados, guarnição encantadora para os vestidos primaveris.

Marinette.

AVISO

Papae Noel



NESTE NATAL, DESTINE AOS SEUS AMIGUINHOS DE AMBOS OS SEXOS PRESENTES DE UTILIDADE: ARTIGOS FINOS PARA VESTUÁRIO QUE SE ACHAM EXPOSTOS NOS BELOS E AMPLOS SALÕES DA

NOTRE DAME DE PARIS

SEDAS E TECIDOS FINOS
O MAIS BELO E MAIS VARIADO
SORTIMENTO NO GÊNERO.

ROUPINHAS PARA MENINOS,
VESTIDINHOS PARA MENINAS,
ENXOVAIS COMPLETOS para bebês.

ROUPAS DE CAMA E MESA,
CINTAS E MODELADORES,
LINGERIE.

NOTRE DAME

de Paris

A CASA QUE MAIS BARATO
VENDE EM TODO O
RIO DE JANEIRO

OUVIDOR, 182



Ornamentação do Lar

MOBILIARIOS EM ESTILOS RENASCENÇA, COLONIAL, RÚSTICO, CHIPENDALE E OUTROS, EXPOSTOS EM AMPLOS MOSTRUARIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliários nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permitir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus mostruários junto à fábrica, à rua Melo e Souza ns. 100 a 110, onde ocupa um vasto quartelão, próximo à estação principal da Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a moveis de boa fabricação, desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de moveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.

Guarnição bordada para toalhas e centros de mesa

Numa toalha de linho azul as flôres são bordadas com linha côr de laranja de dois tons, os centros em ponto de nó com linha amarelo vivo, as hastes com linha verde folha. O gradeado com a linha amarela e as cruces do centro com linha côr de laranja e o ponto de festão que rodeia a toalha com esta mesma linha. Numa toalha ou centro de mesa de linho amarelo, as flôres bordadas com linha vermelha de dois tons, os centros com linha preta, verde para as hastes, assim como o gradeado, as cruces do centro com linha preta e o festonado em volta com linha vermelha.

O COMERCIO ENTRE AS NAÇÕES AMERICANAS

A INTENSIFICAÇÃO DAS TROCAS PERDURARA' DEPOIS DA GUERRA

O "Guia dos Exportadores" (Estados Unidos) em seu número de Maio último, observa que as relações comerciais entre os Estados Unidos e as nações da América Latina foram por longo tempo caracterizadas pelo enorme consumo que nesta última se fazia de manufaturas norte-americanas. Por isso, a América Latina representava amplo mercado de crescentes possibilidades para a indústria e o comércio dos Estados Unidos, tanto assim que o saldo da balança comercial pendia sempre e de maneira expressiva para este último país. Não raro, muitas matérias primas que existem em território dos países latino-americanos eram de preferência importadas de outras partes do mundo, devido a fatores que não se procurava ou não se podia remover.

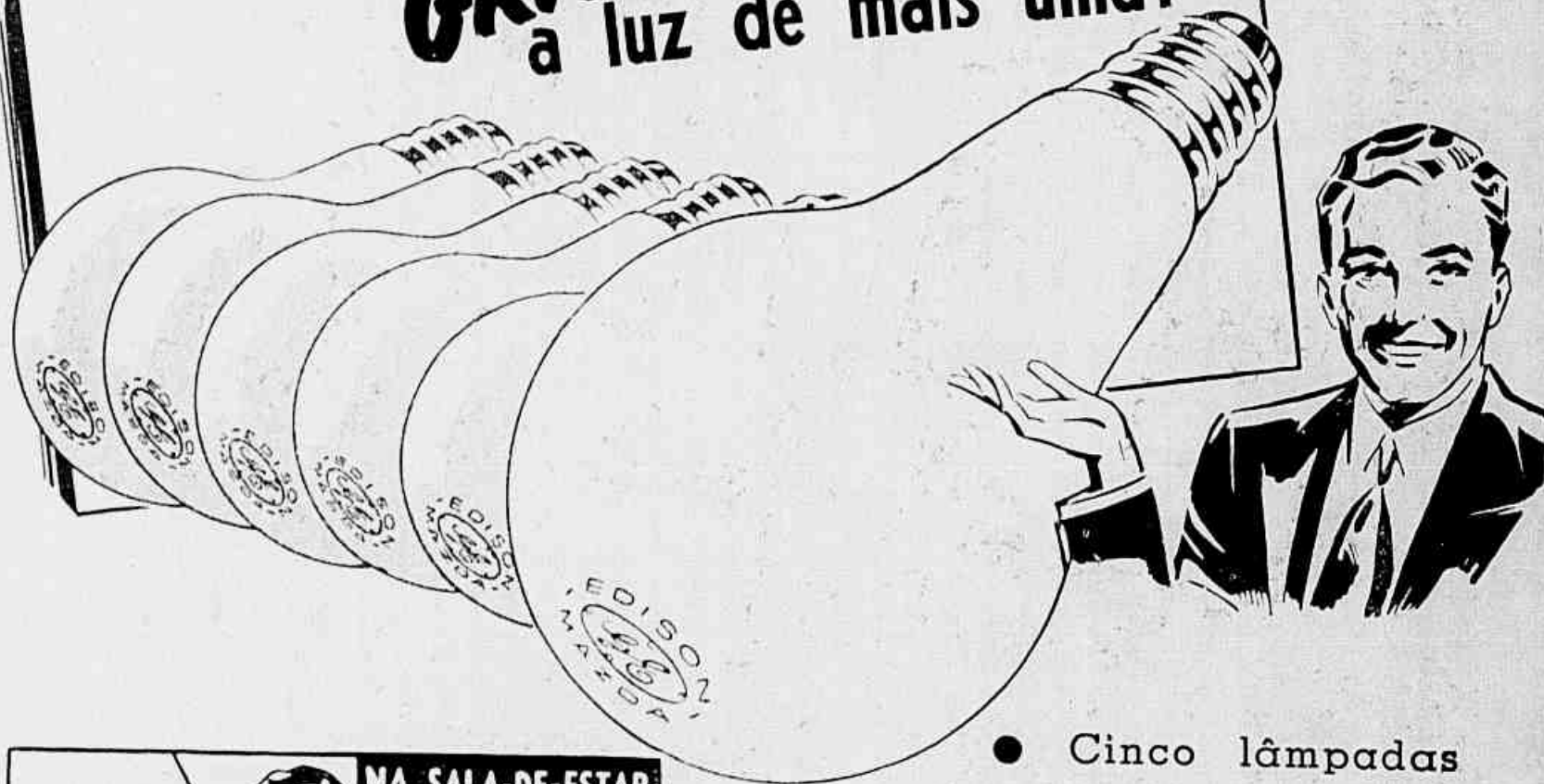
O aspecto desse intercâmbio está, no entanto, passando por sensíveis modificações, já devido aos imperativos do estado de guerra, já pela convicção atual de todos os economistas latino-americanos de que se torna preferível o fomento do intercâmbio das riquezas naturais das nações do hemisfério ocidental entre elas mesmas à troca desses produtos com os de regiões mais distantes. A estrutura econômica da América está tomando forma baseada, evidentemente, no princípio de que só traz vantagens para os países latino-americanos e para os Estados Unidos a política de auto-suficiência como, atualmente, se pratica.

O interesse demonstrado pelo governo e pelo comércio dos Estados Unidos no sentido do desenvolvimento da troca de matérias primas e riquezas naturais entre aquela nação e as nações latino-americanas se evidencia nos contratos já celebrados e que se hão de celebrar ainda entre esses países, para exploração de minérios essenciais à indústria estadunidense, tais como o estanho, da Bolívia, o tungstênio, da Argentina, o alumínio do Brasil, o cromo de Cuba, etc. Acrescente-se a isso as facilidades oferecidas e já outorgadas para a criação e expansão de grande número de indústrias nas citadas repúblicas, as quais se converterão em fonte de riqueza geral e prosperidade. Não resta dúvida que muitos desses produtos continentais estão agora encontrando consumo nos Estados Unidos, devido à inibição de negociar que a guerra trouxe aos antigos centros fornecedores. No entanto, terminada a guerra, esse comércio perdurará, de vez que ficou provada a vantagem que oferece às partes interessadas. Por essa razão, devem governo e povo de cada nação latino-americana porlar no desenvolvimento das respectivas riquezas, que circunstâncias várias haviam até agora deixado desprezadas — é ainda observação do "Guia dos Exportadores", número citado.

Outra feição das relações comerciais entre os Estados Unidos e os seus vizinhos do sul é a que entende com o abastecimento de inúmeras mercadorias desta nação às demais do continente. Esse comércio que vinha crescendo de ano para ano e que encerrava grande interesse para os povos latino-americanos, por se tratar de numerosos produtos de consumo obrigatório, tem experimentado os entraves decorrentes das restrições impostas pela guerra às indústrias estadunidenses.

Tal situação já de si tão séria agravou-se ainda mais com a deficiência de vapores para transporte dos artigos cuja exportação não foi suspensa ou limitada.

Cada **5** destas lâmpadas podem proporcionar **GRATIS** a luz de mais uma!



● Cinco lâmpadas Edison Mazda G. E. valem por 6 lâmpadas comuns, pois, graças ao filamento **DUOSPIRAL**, dão até 20% mais de luz, sem aumento de despesa. Faça economia permanente, preferindo as lâmpadas Edison Mazda G. E.



Uma lâmpada de 100 watts junto à sua poltrona tornará repousante a leitura.



A cozinha também requer boa iluminação: no mínimo uma lâmpada de 100 watts.

Lâmpadas
EDISON-MAZDA
GENERAL ELECTRIC



A vista de seus filhos exige proteção: uma lâmpada de 150 watts no teto, uma de 100 para a mesa.



Junto à penteadeira duas lâmpadas de 40 watts permitirão maquiagem mais perfeita.

Quanto aos meios de transporte, deve ser momentâneo o entrave criado pela atual escassez, pois o vasto programa de construção naval está sendo celeremente executado nos Estados Unidos e a possibilidade, de em breve, verem a navegar muitos dos vapores hoje uti-

lizados em serviços de guerra permite antever, para breve, a existência de frete bastante para que o comércio inter-americano atinja nível compatível com todas as suas necessidades.

Ademais, os órgãos oficiais têm reiteradamente manifestado o propósito em que se encontram de proteger o comércio inter-americano de todas as formas possíveis, não apenas suspendendo o embargo oficial que hoje pesa sobre a exportação de muitos produtos, como ainda fixando preços máximos para todas as mercadorias exportáveis — conclui o "Guia dos Exportadores."

ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1943

Deverá estar á venda, no Rio e nos Estados, até 20 do corrente a edição do "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1943.

Pedidos á redação: **MARANGUAPE, 15 - Rio.**

Michel
O BATON
DAS MULHERES BONITAS

prosper

5 Milhões



A última ação de guerra da França

Frustrando o plano de Hitler, os marinheiros gauleses mandam para o fundo das águas os 62 navios de guerra da esquadra metropolitana da França

Parece evidenciado que Hitler preparou-se antes para fazer uma "guerra europeia" que para empreender uma campanha mundial, tal a em que se viu finalmente envolvido.

Acreditava o Führer que, limitando os seus interesses à Europa conseguiria manter fora da contenda os Estados Unidos; paralelamente, alimentava a fé de que tornando-se vitorioso dentro do Continente, arranjaria as coisas com os ingleses, bastando para tanto que se compromettesse a respeitar o Império Britânico.

Não terá sido por outras razões que Hitler se armou pletoricamente para a guerra terrestre e ouviu para plano muito inferior o armamento no mar. Desde o momento, porém, em que se viu arrastado a uma guerra mundial, o ditador nazista sentiu o quanto lhe fazia falta uma poderosa esquadra. Não é de admirar, portanto, que se tenha tão completamente enfeitado os navios de guerra da França. Juntas com as suas e as italianas, as belonaves de sua antiga rival constituiriam uma poderosíssima armada de tonelagem superior à da Grã-Bretanha. De posse dessa esquadra Hitler poderia arrojar-se a campanhas de repercussão em todo o mundo, como seja a completa conquista do Mediterrâneo, ou a marcha para o oceano Índico a encontro dos seus aliados amarelados. Se conseguisse tomar contacto com os japoneses,

o malsinado ditador alemão teria às suas mãos aquelas matérias primas pelas quais tanto sangue germânico tem feito derramar na Rússia. E então ele poderia dizer que havia inutilizado o grande aliado daqueles que lutam para derrubá-lo: o general tempo. E' porque não possui suficientemente as matérias primas de primeira necessidade para a guerra, que a Alemanha está sempre lutando contra o tempo e não tem podido utilizar-se totalmente dos seus recursos industriais.

Durante dois anos e meses Hitler lutou surdamente por conseguir a posse da grande fruta que a

França construía para proteger o seu Império. A concentração de boa parte dessa frota num porto metropolitano, a algumas horas de voo dos seus aviões, já foi uma vitória de Hitler. Em Toulon, a esquadra francesa já estava metade nas mãos dos alemães. Muitos navios postos em dique seco, outros em reparo, eram presas que Hitler considerava seguras, aguardando apenas a oportunidade de apanhá-las jeitosamente.

Essa oportunidade surgiu com a invasão do território da África setentrional francesa.

Mal sabia entretanto, o "sagaz conquistador"

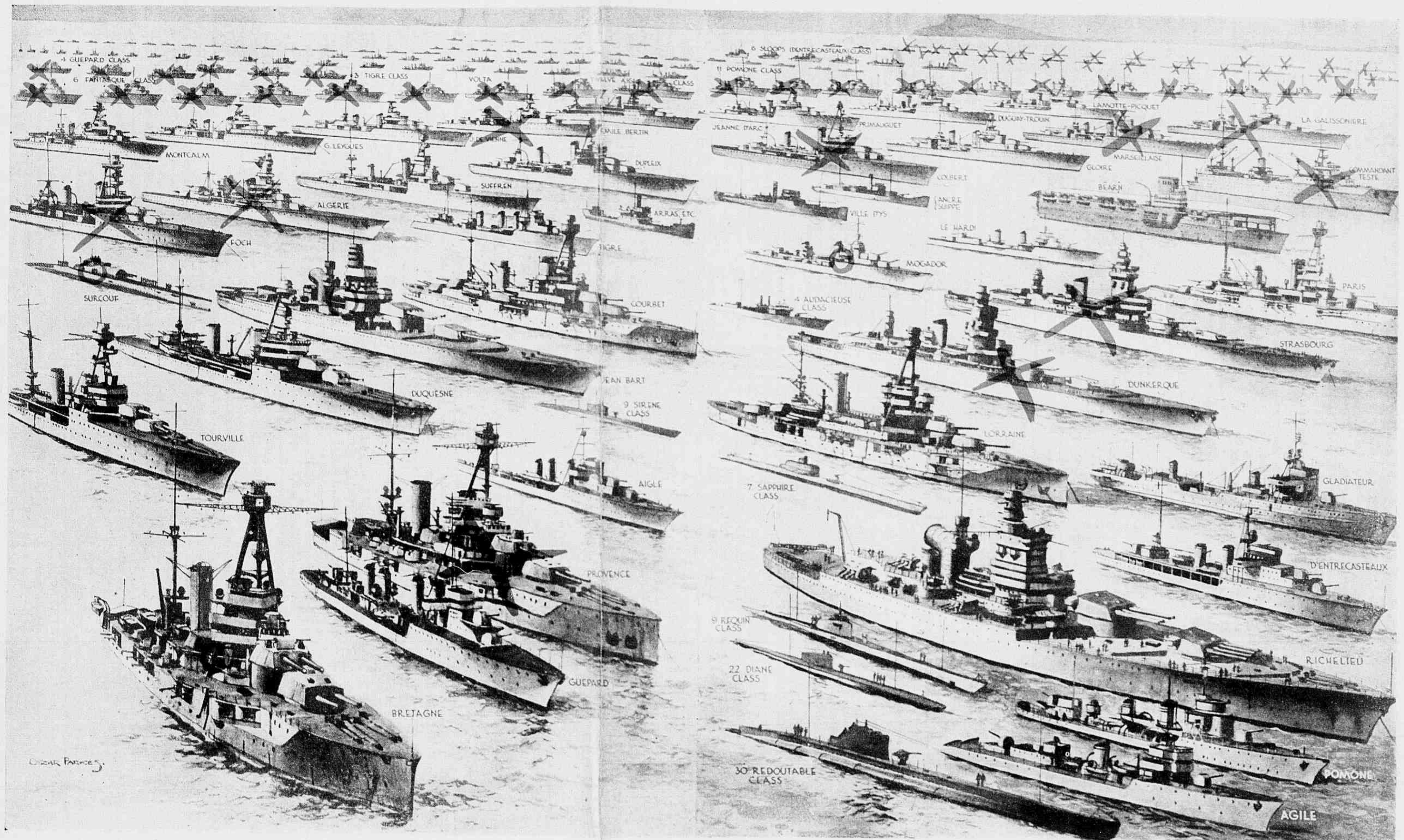
que o passaro lhe fugiria da palma da mão. Os requintes de cuidado que o ditador alemão teve para apanhar a esquadra dos franceses talvez seja apenas comparável ao seu desapontamento final. Ocupou primeiramente todo o litoral mediterrâneo francês, tendo o cuidado de avisar antes que não entraria em Toulon.

Era preciso enganar os franceses até estar com a mão nas suas gargantas. Quando se sentiu bastante forte, Hitler enviou uma carta ao velho marechal de França apelando para os muitos sentimentos de honra e palavra dada (ele nunca esquece de tocar

esta corda do coração do velho soldado), e mandou os seus aviões de bombardeio intimar os franceses a entregarem os seus navios.

O que se passou na alma dos marujos da França foi evidenciado pelos resultados finais do drama: todos os navios, do grande encouraçado ao menor barco auxiliar, foram destruídos pelas próprias tripulações. Aos homens que Hitler enviou para ocuparem as belonaves coube apenas verter lágrimas de sangue e ódio. Talvez algum deles haja percebido nesse momento que existe alguma coisa no mundo invulnéravel à insidia e à traição.

A foto acima mostra as principais unidades da esquadra francesa. As 62 unidades assinaladas com cruz são as que foram a pique em Toulon: 25 submarinos, 25 destróieres, 5 cruzadores ligeiros: La Galissonnière, Marsailaise e J. de Viéne; 3 cruzadores pesados: Foch, Algerie e Colbert; o porta-aviões Commandant Teste; os couraçados Dunkerque, Strasbourg e Provence. As unidades assinaladas com um anel 74 foram a pique ou estão totalmente destruídas, por motivos anteriores.





Vista geral de Tunis.

NADA de mais assombroso, certas vezes, do que as repetições da História, observadas, não raro, com o intervalo de séculos ou de milênios.

A fase atual da guerra nos desertos africanos traz facilmente à memória as crônicas dum passado remoto, os episódios famosos das guerras púnicas, com a evocação de nomes quasi lendários, como os de Scipião, Emílio, Hamílcar e Aníbal, de mistura com a *Odisséia* e os fantasmas de *Salambô*.

Outra vez o mundo ouve, num grande espanto, o grito de morte da antiguidade: *Delenda Carthago!* Desta vez, não é, porém, a *viz* de Roma que se levanta contra o império africano. É antes o clamor de liberdade dos novos cruzados da América e da Europa, lançados à luta, para desmoronamento do império dos novos Césares.

Batidos na Líbia, escurraçados pela matilha ululante dos canhões e dos *tanks* de Eisenhower e Montgomery, as hostes de von Rommel sacodem o pó das areias trilhadas outrora pelas legiões romanas e pelos cartagineses adoradores de Tanit.

Como nos versos do nosso grande poeta,

As máquinas de guerra

Movem-se. Tremem, e lala e parte-se a muralha.

Racha de lado a lado. Ao clamor da batalha

Estremece o arredor.

Apenas não são mais as manadas de elefantes que investem contra os acampamentos inimigos, mas a fabulosa caravana dos mastodontes de dezenas de toneladas de ferro, monstros do novo Apocalipse, cuspidos fogo e vomitando balas, a que nenhum valer humano tem podido resistir.

Essa investida, contra o país das tamarieiras e das dunas douradas como as do nosso nordeste, empresta uma palpitante vibração de luta homérica à paisagem de imensos planos, onde bolem os *oasis* e alvejam aqui e ali os muros duma mesquita ou as abobadadas das estranhas casas subterrâneas de Matmata, abertas no seio da terra, para fugir, não aos estragos das bombas mortíferas, mas aos barbaros calores da região.

Nessas estâncias tiradas ao vivo duma página das *Ilí* e uma *Noite*, ergue-se a chamada Tunis branca, com o violento contraste dos seus arranha-céus dominando o panorama de pura cenografia do que resta do mundo antigo.

Tunis é um mosaico de raças e de aspectos arábicos e europeus, dos mais marcados. Italianos, franceses, nativos, caravanas de camelos no rumo do deserto, as ruínas do aqueduto levantado nos tempos de Adriano, para salvar Cartago da sede (o verdadeiro aqueduto que Flaubert poria no seu livro imortal para a celebração do feito de Spondius) — aprumando-se contra o céu, entre Zaghouan e Cartago, enquanto passam os automóveis pela estrada lateral e vemos, na estação de Bizerta, diante duma mesquita branca, rendilhada de ornatos orientais como uma joia, o perfil aerodinâmico de um trem na hora de largar para a cidade de Salambô. Com este nome há mesmo um bairro de Tunis, perto do lago, adiante de La Goulette.

O espírito de Flaubert parece assim dominar a cidade, por onde se pode ainda uma vez apreender o transcendental mistério da arte, capaz de envolver na sua aura toda uma época da História. A Cartago de hoje não existe. O que resta é púnico, romano, cristão, muçulmano e *art moderne*, como disse certo visitante americano. Mas o lugar é um viveiro de memórias históricas e a todo momento o viajante dá de cara com os anacronismos mais extraordinários.

Não é a primeira vez que os americanos põem o pé nessa região de areias ardentes, pois leram os Estados Unidos a primeira nação cristã a gozar de imunidades entre os corsários bérberes. Pela costa de Tripoli corria mesmo outrora o trem da *Philadelphia*, hoje *Trans-Jordana* e foi pelo deserto da Líbia que William Eaton fez a sua marcha espetacular de 600 milhas, na tentativa de reestabelecer um Bey amigável em Tripoli. E o nome de Tripoli aparecia antigamente nas cores dos marinheiros americanos sendo ainda familiar entre eles a canção *From the Hills of Monizuma to the Shores of Tripoli*.

O solo da Tunisia presta-se bem ao plantio de vinhedos e de olive, competindo nesse ponto com os vinhedos e oliveiras da França, da Itália e da Espanha. Em 1957, Maynard Owen Williams, escrevendo sobre o país, dizia que outra guerra púnica, desta vez econômica, se preparava a exemplo do que estava acontecendo com a Etiópia.

Segundo os cálculos daquela época, havia então em Tunis cerca de 46.000 italianos e 55.000 franceses. O que é certo é que nem os franceses nem os nativos toleraram jamais os súditos de Mussolini. Daí, entre outras, talvez, a razão do fácil levante da população francesa, na atual fase da guerra, levando as guarnições militares a porem-se ao lado das tropas aliadas, no anseio de expulsar do resto da África as tropas do Eixo.

E, pois, nestes cenários coloridos e exóticos que a sorte dos exércitos de Reich se está decidindo.

Depois da batalha contra os Mercenários, para a libertação da antiga Cartago, Flaubert nos mostra Hamílcar, contemplando, do alto da escarpa ocidental que dominava Hippo-Zaryta, o extermínio que os seus exércitos tinham levado ao seio das tropas inimigas:

"Um longo montão de cinzas negras humegava sobre o sítio ocupado pelos Li-



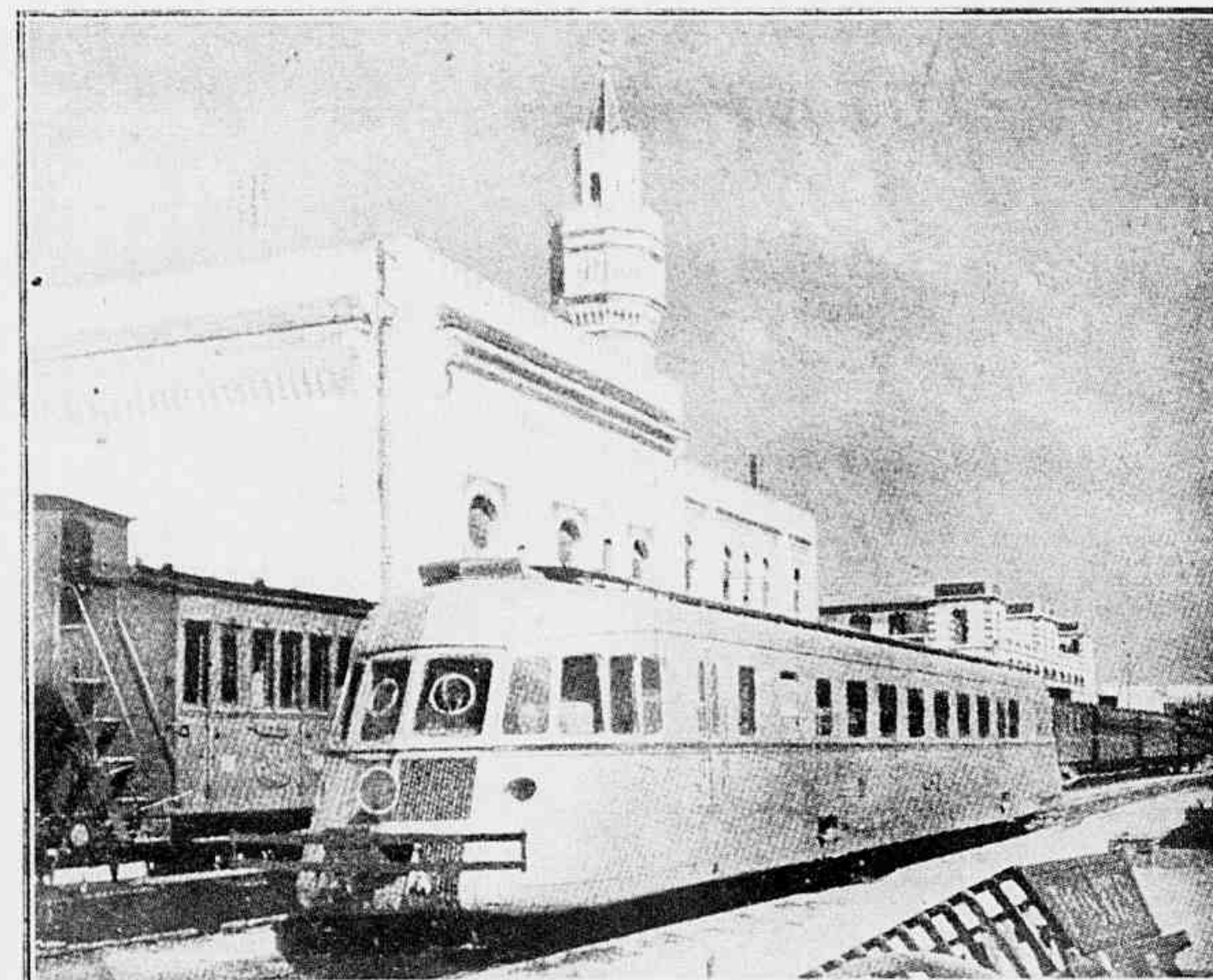
As dunas, parecidas com as do nordeste brasileiro.

bi-se, o solo, convulsionado, tinha ondulações de mar, e as tendas, com os seus toldos em lanternas, pareciam vagos navios, meio perdidos entre os escolhos. Contracas, forçados, claros, pedaços de madeira, de ferro, de aço, trigo, palha e vestimentas, espalhavam-se no meio dos cadáveres; aqui e ali alguma pira estava prestes a apagar-se ardia contra uma pilha de bagagens; a terra, em certos sítios, desaparecia sob os despojos; cornicas de cavalos seguiam-se como uma série de montículos; descobriam-se pernas, sandálias, braços, cotas de malhas e cabeças metidas nos capacetes, seguras pela alça do jugular e que rolavam como bolas; cabeleiras pendiam dos espínheiros nos pantanos de sangue eleantes, com as entranhas abertas, estertoravam deitados com as suas torres; andava-se por cima de coisas viscosas e havia poças de lama, embora não tivesse chevido."

Mude-se, num ponto ou noutro, uma expressão ou uma imagem — troque-se "*eleantes por tanks*", "cotas de malha" e "sandálias" por "uniformes" e "botas militares" — e os comunicados de hoje não hão de ser muito diversos, naquela assombrosa renovação cíclica da História, a que aludimos antes.

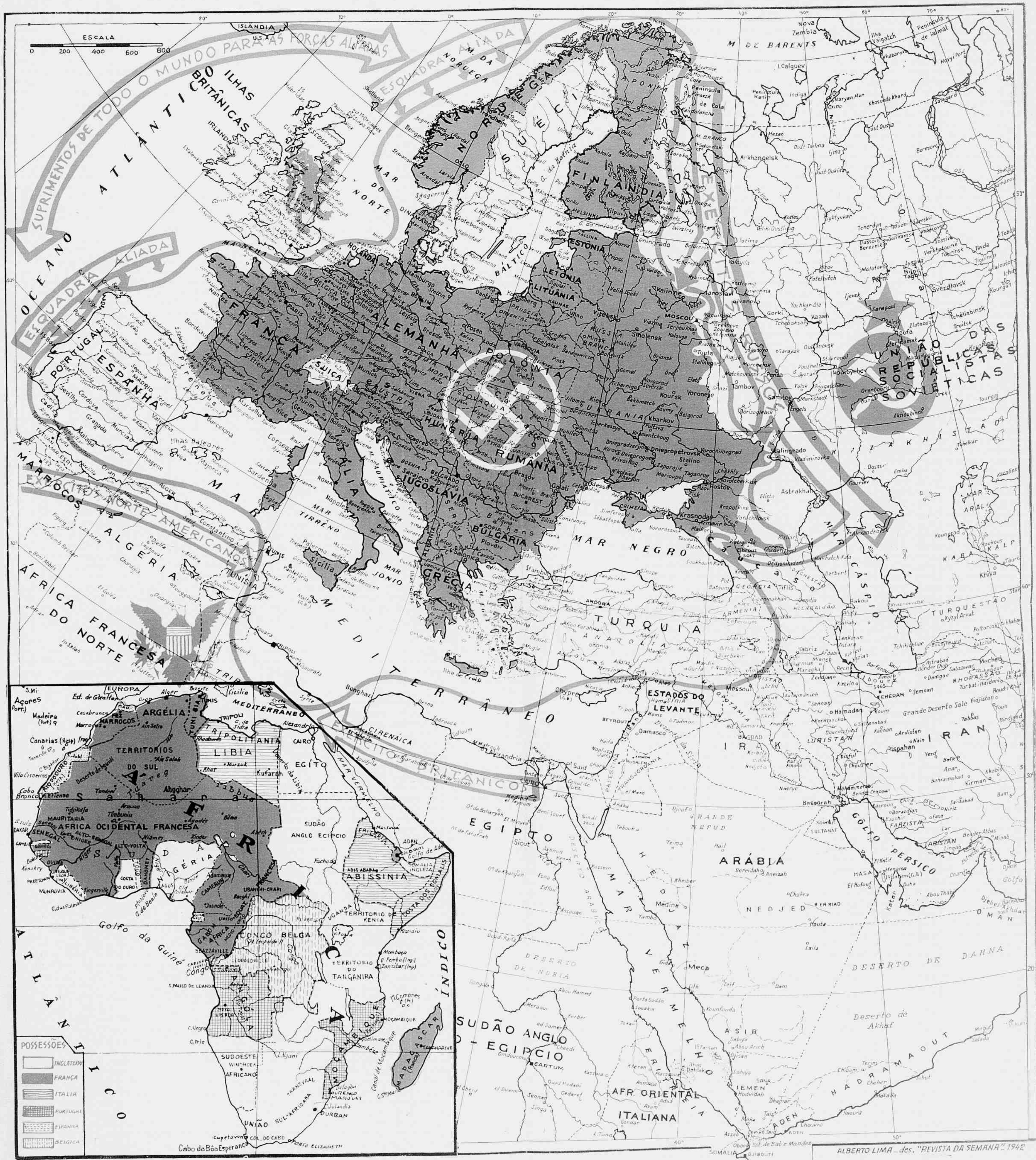


Uma visão do passado milenário.



O trem de Cartago, na estação de Bizerta.

O CERCO DE HITLER NA EUROPA



ALBERTO LIMA - des. "REVISTA DA SEMANA" 1942

EM 1942, depois de ver fracassarem as suas três grandes investidas contra a França, e sentir-se impotente para eliminar os exércitos franceses como força organizada, o Estado-Maior de Hitler resolveu que a guerra estava perdida para a Alemanha. Entretanto, a França já imposta paz à Rússia, os campos petrolíferos dos Bálcãs haviam sido conquistados, a Itália estava praticamente esmagada e a guerra submarina florescia invariavelmente no Atlântico. Até aquele momento a Alemanha estivera acumulando vitórias. E o ano de 1942 iniciara-se com uma concentração de cerca de 200 divisões na frente francesa, num premonição de vitória final. A certeza da derrota, entretanto, figurava para os chefes militares da Alemanha no momento em que se sentiram impotentes para conseguir novas vitórias.

A situação em que se encontra a Alemanha de Hitler, neste momento,

lembra imediatamente a fase final do Império Alemão, na guerra perdida. Bloqueado na Europa, impossibilitado de atacar os seus adversários na África, mas vulnerável destes e de concentrar as forças para uma batalha decisiva, obrigado a cumprir com suas obrigações militares, a dividir as suas forças, a manter um grande mantimento, incapaz de orientar a própria defesa, vulnerável por todos os lados.

De tal maneira o destino da Alemanha nesta guerra está determinado, que a pessoa do seu Führer, que é, como é, extremamente impotente, não tem a possibilidade de mudar a situação. Uma única direção por homens responsáveis e de poderes definitivos, a luta aguda, até ao fim, sem qualquer hesitação e não deixar de lutar enquanto for possível lutar. Hitler, entretanto, é um irresponsável. Se se der fim, salutarmente, a esta situação, a Alemanha continuará a existir na realidade da vitória. Por outro

lado, se lhe parecer que deve atacar imediatamente a Rússia, a Alemanha

até que um dia os aliados sejam atacados. Destarte, é impossível prever o futuro da Alemanha. Cientes de que têm a própria pele em jogo, os chefes alemães, embora elevados no desígnio, agiram impulsivamente, como uma coisa. Entretanto, se os chefes alemães, como os chefes alemães, não deixarem de lutar, a Alemanha continuará a existir, até a vitória final, sem qualquer hesitação e não deixar de lutar enquanto for possível lutar. Hitler, entretanto, é um irresponsável. Se se der fim, salutarmente, a esta situação, a Alemanha continuará a existir na realidade da vitória. Por outro

lado, se lhe parecer que deve atacar imediatamente a Rússia, a Alemanha até que um dia os aliados sejam atacados. Destarte, é impossível prever o futuro da Alemanha. Cientes de que têm a própria pele em jogo, os chefes alemães, embora elevados no desígnio, agiram impulsivamente, como uma coisa. Entretanto, se os chefes alemães, como os chefes alemães, não deixarem de lutar, a Alemanha continuará a existir, até a vitória final, sem qualquer hesitação e não deixar de lutar enquanto for possível lutar. Hitler, entretanto, é um irresponsável. Se se der fim, salutarmente, a esta situação, a Alemanha continuará a existir na realidade da vitória. Por outro